

# **Festividades Religiosas do Concelho de Sardoal**

**Luís Manuel Gonçalves  
2000**

## Índice

O HOMEM: O CULTO E A FESTA .....	4
FESTA DE S. SEBASTIÃO .....	6
PROCISSÃO DOS PASSOS DO SENHOR OU PROCISSÃO DOS SANTOS PASSOS .....	8
SEMANA SANTA .....	12
DOMINGO DE RAMOS:.....	13
SEGUNDA, TERÇA E QUARTA-FEIRA: .....	13
QUINTA - FEIRA SANTA: .....	13
SEXTA -FEIRA SANTA: .....	14
SÁBADO SANTO: .....	14
RITOS PRINCIPAIS:.....	14
QUINTA - FEIRA SANTA NO SARDOAL: UM MOMENTO ESPECIAL.....	15
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA .....	16
SEXTA - FEIRA SANTA .....	20
DOMINGO DE PÁSCOA .....	20
CONFRARIAS OU IRMANDADES: .....	20
IMAGEM – SIGNIFICADO LITÚRGICO .....	21
FESTA DO SENHOR DOS REMÉDIOS.....	23
QUINTA-FEIRA DA ASCENSÃO .....	25
FESTAS DO ESPÍRITO SANTO OU FESTAS DO BODO .....	26
PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS (CORPUS CHRISTI) .....	31
FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO: 8 DE DEZEMBRO .....	33
TODOS - OS - SANTOS.....	35
ALGUNS RITOS DE INSPIRAÇÃO PAGÃ.....	37
OS “COMPADRES” E AS “COMADRES” .....	37
AS MAIAS.....	38
SANTOS POPULARES .....	39
DURANTE A QUARESMA (SERRAÇÃO DA VELHA) .....	40
NATAL.....	41
REFERÊNCIAS HISTÓRICAS .....	41
PRESÉPIO .....	41
CONSOADA.....	42
EPIFANIA - DIA DE REIS.....	44
PARÓQUIA DE ALCARAVELA .....	45
CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES E DA LUZ - PRESA.....	46
PARÓQUIA DO SARDOAL .....	48
BREVE RETRATO DOS PADROEIROS .....	48
DAS ORIGENS DA FREGUESIA DE SARDOAL.....	50
IGREJA MATRIZ .....	51
IGREJA DA MISERICÓRDIA .....	53
CONVENTO E IGREJA DE SANTA MARIA DA CARIDADE .....	54
CAPELAS DA VILA .....	60
CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LAPA .....	60
OUTRAS CAPELAS.....	62
PARÓQUIA DE SANTIAGO DE MONTALEGRE.....	64
PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE VALHASCOS.....	65
DOMINGO, SÁBADO E DIA SANTO: Significado litúrgico.....	67
DOMINGO .....	67
O DOMINGO NA TEOLOGIA PROTESTANTE.....	68
SÁBADO .....	69
DIAS SANTOS ou SANTIFICADOS.....	70
PARAMENTOS LITÚRGICOS.....	70
CALENDÁRIO LITÚRGICO DE 1999 .....	72
JANEIRO .....	72

FEVEREIRO .....	73
MARÇO .....	74
ABRIL .....	75
MAIO .....	76
JUNHO .....	77
JULHO .....	78
AGOSTO .....	79
SETEMBRO .....	80
OUTUBRO .....	81
NOVEMBRO .....	82
DEZEMBRO .....	83
COMPROMISSO DA IRMANDADE DA VERA CRUZ DA VILA DO SARDOAL .....	84
GLOSSÁRIO.....	90

## O HOMEM: O CULTO E A FESTA

Na trilogia essencial da velha sociedade rural portuguesa, a par com os conceitos da sua estrutura familiar e social ancestral e, no plano económico e social, com o seu apetrechamento técnico primitivo, as suas actividades profissionais e o seu artesanato, sobressaem, no painel da sua vida espiritual e lúdica, as festividades religiosas e as romarias, como uma das formas mais ricas de tradição local, pela importância do papel que desempenham e enorme diversidade de aspectos que apresentam.

As festas religiosas e as romarias mais importantes, eram acontecimentos regionais de vulto e uma das raras ocasiões de encontro de gentes do seu território de influência, que ali acorriam para se mostrar e reavivar ou renovar conhecimentos, saber notícias de fora, entabular relações e negócios, estreitando os laços que faziam a sua unidade, e também para luzir e se divertir, na variedade dos seus fatos, numa exibição que era ainda apenas o fluir do seu sentido natural na sua pura e espontânea razão de ser.

As romarias são fundamentalmente celebrações religiosas em honra de qualquer santo ou invocação divina, patronos de uma localidade ou de um santuário, compreendendo missa de festa com sermão e prática e a maioria das vezes, procissão, que tem lugar no seu dia e nesse santuário, duplicadas de uma festa profana característica, em que coexistem elementos de todas as espécies, religiosos e profanos, cristãos e mágicos, cerimoniais e festivos, num caleidoscópio variado e complexo.

Já no Neolítico, há uns 10 000 anos atrás, o Homem, com a sedentarização da sua forma de vida, começou a estabelecer uma relação mais estreita com a Natureza e em especial com a terra e com o que ela produzia, surgindo, então, a associação da terra à mulher e é em torno de novas imagens, sempre femininas, que se desenvolvem formas de culto, sacralizando o dom da fertilidade e o milagre da reprodução da vida, que se opera no ventre da mulher e no ventre da terra.

Na Antiguidade, acentuam-se, especialmente entre os Gregos e os Romanos, um conjunto de manifestações com carácter religioso e festivo que celebravam a fertilidade da terra e os ciclos da Natureza e é nessa visão greco-romana, aproveitada pela tradição judaico-cristã, que radicam quase todas as formas de culto à Natureza e as principais festas do nosso calendário religioso e profano actual.

Assim, de uma forma muito directa, podem sintetizar-se os ciclos naturais, em quatro grandes períodos do ano solar e que correspondem, no essencial, às quatro estações: na Primavera, com o crescimento dos dias e o gradual aumento da temperatura, tudo desponta e floresce; no Verão, o sol aquece mais e amadurecem os frutos e as espigas; no Outono, com a chegada das chuvas e as ventanias, as árvores despem-se de folhas; no Inverno, os dias são mais pequenos, o sol esconde-se, o frio aumenta e natureza quase que adormece.

Com base nestas quatro fases, a nossa civilização fixou outros tantos conjuntos de festividades, que ainda hoje se mantêm.

O primeiro é o ciclo do Carnaval e da Quaresma, que termina na Páscoa, no limiar da Primavera. É um tempo de passagem, marcado pela inversão de valores durante os *dias gordos* e depois por quarenta dias de abstinência que preparam a Páscoa.

O segundo é o ciclo de Maio, mês das flores. É o mês de maior fulgor da Natureza, em que se realizam diversas festividades a ela associadas, com destaque para a Quinta-Feira de Ascensão, o Dia da Espiga.

Segue-se, em Junho, o ciclo dos Santos Populares, herança de antigos ritos purificadores e de culto ao fogo, próprios do tempo de Verão. Por fim, no fim do Outono e princípio do Inverno, desenvolve-se o ciclo da Morte que integra, entre outras manifestações, o Dia de Finados.

A Páscoa cristã, como já acontecia com a Páscoa judaica, é, sem qualquer dúvida, a festa mais importante do calendário litúrgico, cuja data determina as de todas as outras festas móveis. Para o cristianismo, mais importante do que o nascimento de Cristo, celebrado pelo Natal, é a sua ressurreição, a vitória da Vida sobre a Morte e a Salvação da Humanidade.

A data para a celebração da Páscoa cristã, depois de um período inicial de alguma confusão, foi fixada definitivamente pelo primeiro Concílio de Niceia, no século IV. Estabeleceu-se então, e ainda hoje se cumpre, que a Páscoa é no Domingo que se segue à primeira lua cheia depois do equinócio da Primavera. Significa isto que a Páscoa pode calhar entre 22 de Março e 25 de Abril.

Conforme escrevia D. Augusto César, Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco, na sua Nota Pastoral sobre a celebração da Páscoa, datada de 31 de Março de 1998: *“A festa faz parte integrante da vida dos homens. Por isso, as pessoas sentem necessidade da festa e a ela dedicam muito das suas energias: reúnem-se, programam, servem gratuitamente, para que a alegria se manifeste, a partilha fortaleça os laços de amizade e o convívio dê novo alento à caminhada. Estes valores profundamente humanos encontram realização mais rica, quando celebrados em ambiente de Fé.”*

E noutro passo da referida Nota Pastoral refere, ainda: *“Na verdade, é incompreensível e prejudicial à Fé e à convivência fraterna que, depois de uma prática habitual, ao longo do ano, os fiéis não sejam respeitados por quem chega de fora (da Igreja ou da terra). O que acontece ao fazer-se tábua rasa das actuais normas litúrgicas universais e diocesanas, misturando o profano com o sagrado ou até sobrepondo aquele a este, aduzindo falsas razões e desvirtuadas tradições.*

*Recomendo, por isso, que certas práticas e costumes contrários à grandeza do Mistério Pascal, sejam objecto de paciente, firme e fundamentada reflexão pastoral e de esclarecimento doutrinal, em ordem à crescente renovação das comunidades. Unam-se num mesmo esforço a fé dos cristãos e a boa vontade dos que o não são (ou não são crentes) apoiados pelo zelo pastoral dos Párocos e das Equipas Arciprestais, para que em todos fortaleça a esperança e concretização de um mundo mais fraterno e mais digno.*

*Hão-de concorrer, de modo relevante, para isto, as celebrações do Tríduo Pascal e do Tempo Pascal. Pois, não são meras evocações de acontecimentos trágicos e ao mesmo tempo jubilosos da vida terrena de Jesus. Tais celebrações conferem, efectivamente, a força da Ressurreição e a graça da renovação. E sendo geradores de confiança, são também penhor de benção.”*

## FESTA DE S. SEBASTIÃO

Festa litúrgica a 20 de Janeiro. No Sardoaal celebra-se habitualmente no 2.º Domingo seguinte, para não coincidir com a mesma Festa em Mouriscas, que pertence ao Arciprestado\* de Sardoaal, de que S. Sebastião é Padroeiro\*.

E quem foi S. Sebastião?

Mártir romano. Parece que o pai era originário de Narbona e a mãe de Milão; por isso, ambas as cidades disputam a honra de lhe terem dado o berço. Indo para Roma, Sebastião alistou-se no exército e tornou-se muito estimado dos imperadores Diocleciano e Maximiano que lhe deram o comando da primeira coorte\*. Como professava o Cristianismo, teve assim ocasião de prestar muitos serviços aos fiéis encarcerados. Denunciado ao imperador Diocleciano, confessou abertamente a sua fé e recusou apostatar\*. O imperador determinou que o levassem para o meio de um campo e o amarrassem a um poste, onde seria varado de setas. Os arqueiros executaram a sentença e deixaram-no por morto. Uma mulher cristã, chamada Irene, foi de noite buscar o corpo para lhe dar sepultura. Verificando, porém, que Sebastião estava ainda vivo, levou-o para casa e tratou-lhe as feridas. O mártir restabeleceu-se em poucos dias e, sem atender às súplicas dos cristãos, foi apresentar-se outra vez ao imperador, para lhe censurar a crueldade. Diocleciano mandou então conduzi-lo para o hipódromo do palácio e açoutá-lo até morrer. Os carrascos levaram de noite o cadáver e atiraram-no para a cloaca\* máxima.

O mártir apareceu em sonhos a uma piedosa matrona\* chamada Lucina, e disse-lhe: - Encontrarás, perto do circo, o meu corpo pendente de um gancho. Não lhe tocarem as imundícies. Leva-o para as catacumbas\* e sepulta-o à entrada da cripta\*, perto dos vestígios dos Apóstolos.

Lucina, com os seus criados, foi procurar o cadáver, de noite, e levou-o para o lugar indicado.

É isto, em resumo o que contam as Actas do Martírio, composição literária redigida um século depois dos factos e adornada de episódios que a crítica histórica considera lendários. Parece certa a data da morte a 20 de Janeiro, pois já se encontra o nome do mártir inscrita neste dia em documento do ano de 354. Enquanto muitos atribuem o martírio ao ano de 283, outros aproximam-no do ano de 300.

Segundo referem as Actas, o mártir foi sepultado *ad catacumbas*. As relíquias do mártir foram trasladadas para a Basílica do Vaticano pelo Papa Gregório IV (827-844) e colocadas num oratório aí dedicado a S. Gregório I. Mais tarde, deu-se a dispersão das relíquias, sendo atribuída grande parte à Abadia de S. Medardo de Soissons (França). O culto do mártir passou em breve de Roma para África, onde já Santo Agostinho proferiu vários sermões na sua festa. Na Península Hispânica o culto documenta-se desde o século VII e teve grande extensão.

Em Portugal há, pelo menos, 92 igrejas paroquiais que têm por orago\* S. Sebastião. Abundam, também as imagens do mártir, sendo muitas de pedra, do século XV. Além das epidemias, outros factos contribuíram para que no século XVI o culto se difundisse por todo o País.

Na Vila de Sardoaal, no local denominado Olarias, existe a Capela de S. Sebastião, de onde, no dia da festa, sai a procissão para a Igreja Matriz, levando a imagem de S. Sebastião. Segundo a tradição, terá sido instituída em meados do século XVI, por voto colectivo, em agradecimento pela cessação de uma epidemia. No voto estava incluído o oferecimento de algumas fogaças\*, que ainda se mantêm, com representação de diversos locais da Vila e das aldeias da Paróquia, que após a

celebração da Missa são leiloadas no Adro da Matriz, destinando-se as receitas à Paróquia de S. Tiago e S. Mateus.  
Enquanto duraram as guerras em África (1960-1964) o andor de S. Sebastião era conduzido por ex-combatentes, entretanto regressados do cumprimento da sua missão em terras de Além-Mar.

## PROCISSÃO DOS PASSOS DO SENHOR OU PROCISSÃO DOS SANTOS PASSOS

PROCISSÃO: Cerimónia, função, cortejo religioso em que o clero e os fiéis tomam parte, debaixo de forma e geralmente ordenados em alas que percorrem um certo trajecto, cantando preces ou levando em exposição a hóstia consagrada, a imagem de um ou mais Santos ou alguma relíquia digna de veneração.

Os cortejos destinados a exprimir externamente os sentimentos religiosos e a realçar a pompa das solenidades são de uso comum a todos os cultos. Faziam-se em Jerusalém, nas festas dos Judeus, em Atenas e Roma, nas festas pagãs. Na Igreja Católica estiveram em prática desde que ela se pode manifestar livremente. Algumas procissões foram instituídas para substituir antigos préstitos do paganismo e outras para comemorar aniversários cristãos. Há procissões que se realizam todos os anos em certos dias ou ocasiões, e outras extraordinariamente que a autoridade eclesiástica prescreve ou permite em ocasiões especiais. A ordem é regulada pelo Cerimonial dos Bispos\*, pelo Missal\*, para algumas procissões e pelo Ritual\*. À frente vai sempre a Cruz. Depois as pias uniões, pias uniões primárias, confrarias, ordens terceiras, clero regular\*, clero secular\*. Quanto ao clero, a regra é que os de menor dignidade precedam os outros. Atrás do pálio\* vão os fiéis, pertencendo a precedência aos homens. O Missal e o Ritual indicam os cânticos que se devem executar nas procissões. Quando o percurso é longo, há uma certa liberdade desde que os cânticos estejam de harmonia com o carácter de cortejo religioso.

Em Portugal são muito populares algumas procissões, como a dos Passos na Quaresma e a do Enterro do Senhor em Sexta-Feira Santa.

A mais aparatosa que outrora se celebrava era a de *Corpus Christi* (Corpo de Deus) que chegou a tomar aspectos extravagantes; em 1387, por ordem de D. João I, começou a incorporar-se nela a imagem de S. Jorge a cavalo.

A procissão dos Passos começou, em Lisboa, em 1587, saindo a primeira da Igreja de S. Roque; no mesmo ano se fundou a Irmandade dos Passos, no Convento da Graça. Em meados do século XVI a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tinha a seu cargo duas procissões: uma em Quinta-Feira Santa em que se integravam muitos disciplinantes\*. Outra em dia de Todos-os-Santos para trasladação dos ossos dos supliciados. Por todo o País havia muitas procissões nas festas dos Santos de maior devoção local, e outras que se celebravam extraordinariamente por ocasião de epidemias e outras calamidades ou em cumprimento de votos. Grande parte das procissões antigas têm-se celebrado, ininterruptamente, purificadas dos abusos contrários às disposições litúrgicas e outras se têm restaurado.

As procissões continuam a ser actos de culto externo em que se manifestam exuberantemente o sentimento religioso e a devoção popular.

As Câmaras Municipais do País custearam a Procissão do Corpo de Deus, sobretudo desde os fins do século XIV, até começos do século XIX. No regime monárquico, esta procissão teve sempre honras oficiais, com a presença de autoridades e forças militares, e em Lisboa foi tradição ornamentar as janelas com vistosas colchas. A Câmara de Lisboa seguia a tradição de convidar os moradores nas ruas por onde passava a procissão a armarem as frontarias, mas a partir de 1866 foi dispensada de fazer tais convites.

Em 1905, a Câmara de Coimbra deixou, por decisão própria, de assumir o encargo da Procissão do Corpo de Deus, que se realizou, todavia, por encargo do Bispo-Conde. Este facto levantou protestos, que o governo atendeu com a Portaria de 26-VI-1905, em que consignou às Câmaras Municipais o encargo da procissão, segundo o direito consagrado pela tradição.

Todas as outras procissões foram mantidas como encargos municipais até ao primeiro terço do século XIX, mas o preceito, às vezes expresso em leis e posturas desapareceu com o tempo e não poucas são as procissões já esquecidas.



Entretanto, as autoridades eclesiásticas, desde tempos antigos, têm eliminado certas práticas pouco conformes com a religião, tais como danças, fogaças, figurações de cenas da Paixão e exibições bíblicas que infringiam o Cerimonia Romano.

A Procissão dos Santos Passos ou Procissão dos Passos do Senhor, no Sardoal é, no fundo uma Via-Sacra, desenvolvida ao longo de um percurso pela Vila de Sardoal. Ficou na tradição cristã com o nome de *Via Dolorosa* o trajecto que Jesus seguiu em Jerusalém, carregado com a Cruz, desde o Pretório ou Tribunal de Pilatos, até ao Calvário. A piedade dos primeiros séculos não deixou esse caminho determinado com precisão. Foi bastante tarde que se localizou o Pretório na Torre Antónia, assinalando assim um ponto de partida e se fixaram na ordem actual as 14 Estações ou Passos.

Só as primeiras nove pertencem propriamente à *Via Dolorosa*; as outras cinco situam-se na Basílica do Santo Sepulcro.

Na 1ª Estação recorda-se a "*Condenação de Jesus à Morte*"; na 2ª Estação, "*Jesus carregado com a Cruz*"; na 3ª, "*a primeira queda de Jesus*". A 4ª, "*Encontro de Jesus com Sua Mãe*". A 5ª, "*Simão Cireneu ajudando a levar a Cruz*". A 6ª, "*Verónica limpando a face de Jesus*". A 7ª, "*a segunda queda de Jesus*". A 8ª, "*Jesus consolando as mulheres de Jerusalém*". A 9ª, "*a terceira queda de Jesus*". As restantes, como disse, estão dentro da Basílica.

Entendem os investigadores que este trajecto da *Via Dolorosa* não corresponde inteiramente à verdade histórica, embora não consigam marcar outro com inteira segurança. A piedade cristã não pretende, porém, fazer uma reconstrução histórica, mas apenas evocar os Passos de Jesus a caminho do Calvário.

A *Via Sacra* é um exercício de piedade que se faz diante de 14 cruces de madeira colocadas a certa distância umas das outras, representando as 14 estações do caminho que se percorre em Jerusalém pela *Via Dolorosa* e dentro da Basílica do Santo Sepulcro. É costume, mas não essencial, juntar a essas cruces quadros ou esculturas das diversas cenas da Paixão. O exercício da *Via - Sacra* consiste em se deslocar de uma estação para a outra, meditando na Paixão de Jesus. Não se requerem, para lucrar as indulgências, orações especiais em presença de cada cena, e até a própria deslocação se pode omitir, pela exiguidade do espaço ou por outros motivos. O que se exige é que a *Via - Sacra* tenha sido legitimamente erecta, segundo as prescrições da Santa Sé. Derrogados os antigos catálogos, as indulgências actualmente vigentes são: plenária, por cada vez que se fizer o exercício; outra plenária, fazendo-se comunhão no mesmo dia ou dentro de um mês depois de o fazer dez vezes; parcial de 10 anos por cada estação, se o exercício for começado e não puder por justa causa ser levado até ao fim.

Na Vila de Sardoal, a Procissão dos Santos Passos, também chamada a Procissão dos Passos do Senhor, realiza-se no segundo Domingo antes da Páscoa, data que foi fixada há cerca de 20 anos, porque antes realizava-se na sexta-feira anterior ao referido domingo. A Procissão dos Passos é organizada pela Paróquia de S. Tiago e S. Mateus de Sardoal, através da Irmandade da Vera Cruz ou dos Santos Passos, perdendo-se a sua origem nas brumas do tempo, podendo afirmar-se com segurança que já se realizava em meados do século XVIII. Em abono desta tese apresenta-se a resposta ao quesito nº 7 do Interrogatório do Bispo do Algarve, feito ao Vigário do Sardoal, em 1758, e publicado no Dicionário Geográfico (Tomo XXXIV - S.2), em que se refere a existência, já nessa data das Irmandades do Santíssimo Sacramento e da Vera Cruz ou dos Santos Passos, a quem em conjunto com a Paróquia de Sardoal e com a Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, cabe e sempre deve ter cabido a organização das Cerimónias dos Passos e da Semana Santa.

A VILA - JARDIM prepara-se, especialmente, para esta Procissão que tem um percurso bastante longo pelo seu Centro Histórico, a que as ruas estreitas e pavimentadas com roliços seixos do rio dão um cunho original e característico,

complementado com alguns excelentes exemplares da arquitectura vernacular e popular.

Ao longo deste percurso são montados alguns pequenos altares, com painéis pintados, muito antigos, emoldurados com verduras e flores, que retratam os Passos do Senhor, que transformam o Sardeal numa Grande Via - Sacra.

Numa primeira parte, esta Procissão, com a venerada imagem do Senhor dos Passos (um Cristo em tamanho natural, vergado sobre o Madeiro, com as suas vestes roxas), passa junto da Igreja da Misericórdia, em direcção à Rua do Paço, entrando pela Rua Velha, Rua do Poço dos Açougues\*, Rua Dr. Giraldo Costa e Rua António Duarte Pires, chega à Praça da República (Pelourinho), onde é pregado o Sermão do Encontro, cerimónia a que, em mais de 40 anos de que dela tenho memória, apenas não assisti no período em que estive, durante o Serviço Militar, na Guerra Colonial.

Com a chegada ao Pelourinho da Procissão que integra o Senhor dos Passos, tem início de imediato o Sermão do Encontro, normalmente a cargo de um orador sagrado convidado pela Paróquia de Sardeal, cuja temática costuma incidir sobre a Paixão e Morte do Senhor, culminando com o Encontro simbólico das Imagens do Senhor dos Passos e da Sua Santíssima Mãe, esta, entretanto, conduzida por Irmãos da Confraria da Vera Cruz, em Procissão mais curta, da Igreja Matriz, para a Praça da República, já com o sermão a decorrer, pela Rua Mestre do Sardeal, antes chamada Rua Avelar Machado, depois de ter sido designada por Rua dos Cónegos. Este Encontro constituiu, sempre, ao longo dos anos, um momento de emoção colectiva, muitas vezes "explorada" pelo Pregador, através de um apelo ao instinto maternal das mulheres presentes, levando a cenas de choro e lágrimas, como acontecia na década de 60 e primeiros anos da década de 70 deste século, quando eram lembrados os soldados que combatiam no ex-Ultramar Português, apelando ao sentimento das mães presentes, através da comparação da dor da Virgem Santíssima, ao ver o Seu Filho vergado sob o peso da Cruz, com o sofrimento dessas mães, na incerteza da sorte dos seus filhos, combatentes numa guerra em terras longínquas, que os afastava do regaço materno, na maioria dos casos, por mais de dois anos consecutivos.

Noutras épocas e consoante o tempo histórico que se vivia, deveriam ser conduzidos de forma idêntica estes Sermões do Encontro. Às vezes tento imaginar o que teriam sido os Sermões do Revº Cónego Silva Martins, que paroquiou o Sardeal durante mais de 25 anos, desde 1901 até 1927, período em que foi também, por diversas vezes, Presidente da Câmara Municipal de Sardeal, quer durante os últimos anos da Monarquia, quer durante a Primeira República. O tempo em que o Cónego Silva Martins foi Pároco do Sardeal, foi um tempo de grandes convulsões políticas e religiosas, marcado nos anos 1911/1912/1913, pela Lei da Separação, que provocou muitos conflitos entre o poder político vigente e a Igreja Católica e depois, pela participação portuguesa na Grande Guerra de 1914/1918.

Nesse clima de instabilidade política e pelas memórias que nos chegaram da grande apetência do Cónego Silva Martins para intervir activamente na vida social e política do Concelho de Sardeal, para o que dispunha, segundo a tradição, de uma excepcional capacidade oratória, não será descabido imaginar alguns inflamados sermões e o aproveitamento que, decerto, saberia fazer do Sermão do Encontro, para junto da maior plateia de fiéis que anualmente se reunia no Sardeal, fazer passar a sua mensagem religiosa e política.

Outro Sacerdote marcou, profundamente, a vida religiosa e política do Sardeal, desde meados dos anos 30, até cerca de 1960, no período áureo do Estado Novo. Trata-se do Padre Eduardo Dias Afonso, que durante cerca de 25 anos esteve à frente da Paróquia de S. Tiago e S. Mateus, exercendo por diversas vezes o cargo de Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sardeal e de Provedor da Santa Casa da Misericórdia.

Também ele deve ter proferido, muitas vezes, o Sermão do Encontro na Procissão dos Santos Passos ou convidado outros Oradores Sagrados para o desempenho dessas funções.

Terminado o Sermão do Encontro, a Procissão é reatada, integrando, a partir do Pelourinho, as Imagens do Senhor dos Passos e da Sua Santíssima Mãe, subindo a Rua 5 de Outubro, sempre acompanhada pela música da Filarmónica União Sardoalense, até ao Largo do Convento de Santa Maria da Caridade, onde é proferido o Sermão do Calvário, a cargo do mesmo sacerdote que prégou o Sermão do Encontro.

Este Sermão do Calvário tem como ponto culminante a exposição aos fiéis de uma Imagem de Cristo Crucificado, em tamanho natural, que se encontra num armário-oratório, colocado na parede da Capela do Senhor dos Remédios que, normalmente, só é aberto durante este Sermão, permanecendo fechado o resto do ano.

Porque o Sermão do Calvário termina já próximo da noite, vale a pena aproveitar a permanência no Largo do Convento, para observar com atenção a paisagem envolvente que deste ponto cimeiro da Vila de Sardoal se pode admirar, enquadrada por um pôr-do-sol magnífico, quando as condições climatéricas o permitem.

Depois a procissão regressa à Matriz, descendo a Rua 5 de Outubro e a Avenida Luís de Camões, até ao Pelourinho, seguindo depois pela Rua Gil Vicente, até ao Adro da Matriz.

Desde há alguns anos, a Câmara Municipal de Sardoal, promove uma decoração especial da Praça da República e da Avenida Luís de Camões.

## SEMANA SANTA

Semana que precede a Solenidade Pascal, começando em Domingo de Ramos e terminando em Sábado Santo. Primitivamente, comportava apenas as reuniões comuns a todas as semanas da Quaresma, isto é, as de domingo e as de quarta e sexta-feira. Com o decorrer do tempo, foram-se-lhe introduzindo elementos diversos e sobreposições que tornaram pouco inteligível a figuração simbólica do Mistério da Redenção que nela se comemora. Entre esses elementos importa distinguir:

1. Os que provêm das primitivas assembleias cristãs, com as suas leituras e cânticos e a figuração dos diversos actos da tragédia que se desenrolou do Cenáculo\* ao Sepulcro;
2. A veneração local das recordações históricas conservadas em Jerusalém e transportadas mais tarde, simbolicamente, com as relíquias da Paixão;
3. A expressão dos vários mistérios dentro do quadro litúrgico das horas canónicas\*, abrangendo todos os dias da semana.

O Domingo de Ramos comemora a recepção triunfal de Jesus em Jerusalém no primeiro dia da última semana da sua vida, e a preparação imediata para o baptismo que, outrora, era conferido no Domingo de Páscoa.

A procissão com os ramos de palma e oliveira começou a celebrar-se em Jerusalém no século IV e encontra-se descrita na Peregrinação de Etéria (cerca dos anos 385 - 393). Fazia-se a primeira benção dos ramos num quadro litúrgico que comportava os principais elementos da Missa dos Catecúmenos\*. Seguiu-se a distribuição e a procissão dos ramos e a missa, na qual se canta a Paixão de Jesus segundo S. Mateus. Na terça-feira é a Paixão segundo S. Marcos, na quarta segundo S. Lucas e na sexta segundo S. João. Foi em Roma que se estabeleceu este uso de ler separadamente as quatro narrativas. Na Gália e na Hispânia só se lia a Paixão na sexta-feira.

É nos últimos três dias que se concentram as principais cerimónias. A fim de facilitar a assistência dos fiéis, a Igreja antecipa para a véspera os ofícios de Matinas\* e Laudes\* que deviam fazer-se de noite; por isso se chamam Ofícios de Trevas. Estes ofícios têm um carácter de tristeza e são acompanhados de ritos simbólicos muito significativos. A antecipação do ofício de quinta-feira, levou a dar ao dia anterior a designação de Quarta-Feira de Trevas. Na Quinta-Feira Santa celebravam-se, outrora, três missas: a primeira era precedida da absolvição solene dos penitentes públicos e da sua reintegração na Igreja; a segunda era acompanhada da sagração dos Santos Óleos; a terceira comemorava a instituição da Eucaristia e celebrava-se à tarde. A missa actual é a missa romana da instituição eucarística, mas associando-se a essa recordação o pensamento da Paixão.

O Sacerdote consagrava duas hóstias, uma das quais de reserva para o dia seguinte. No fim da missa, esta hóstia era conduzida procissionalmente para um altar, armado de luzes onde ficava num cálix para a comunhão do Sacerdote na Sexta-Feira. Depois desta procissão realizava-se a cerimónia da desnudação dos altares, despojando-os de todas as toalhas. Ficava só a Cruz, com os castiçais. À tarde, celebrava-se a cerimónia do Lava-Pés, chamada desde o século XIV *Mandato*, pois durante ela cantava-se a antifona\* *Mandatum novum do vobis*. Ao fim da tarde cantavam-se as Matinas e Laudes antecipadas da sexta-feira. A piedade dos fiéis levava-os às igrejas, em visita ao altar da Sagrada Reserva. Em várias terras do País, ainda se conserva o uso de fazer à noite a procissão do *Ecce homo* ou *Senhor da Cana Verde*. A Sexta-Feira Santa um dia de luto que comemora a Paixão e a Morte do Senhor. Na linguagem litúrgica tem o nome de *Parascere* (preparação) designação que lhe davam os Judeus por causa dos preparativos para a celebração de sábado. É um dia alitúrgico, isto é, em que não se celebra propriamente a missa.

As cerimónias de manhã começavam com leituras, cânticos e orações a que se seguia a Paixão segundo S.João. Vinham depois as chamadas orações solenes por todas as ordens da hierarquia e por todas as categorias de fiéis e infiéis. Seguia-se a Adoração solene da Cruz e o *Canto dos Impropérios*. Terminada a Adoração da Cruz, formava-se a procissão para ir buscar a Hóstia Consagrada, reservada na véspera. O rito em que o Sacerdote a comungava chamava-se a *missa dos pressantificados*. A piedade dos fiéis preenchia a tarde deste dia com várias cerimónias. Em quase todo o País celebra-se ainda a Procissão do Enterro do Senhor, conservada no rito bracarense. Lembra-se a dor de Nossa Senhora pelo desaparecimento do seu Filho, em especiais actos de devoção e nos Sermões da Soledade.

Em virtude de um decreto da S. Congregação dos Ritos (9-11-1951), as Matinas e Laudes não podem antecipar-se na recitação pública; não há, pois, Ofício de Trvevas na sexta-feira. O Sábado Santo, na primitiva Igreja, era um dia privado de liturgia própria, sem Ofício, sem Missas, sem Horas Canónicas. Só ao cair da noite se abria a Vigília Solene da Páscoa. No decurso do tempo, esta Vigília foi-se antecipando até começar de manhã. A partir de 1953 foi estudada uma reforma completa das Cerimónias da Semana Santa, cujos efeitos só se vieram a sentir após o Concílio Vaticano II, sendo o itinerário litúrgico actual da Semana Santa, o que a seguir se apresenta de forma resumida:

## **DOMINGO DE RAMOS:**

a) - PROCISSÃO DOS RAMOS: - Precedida da benção ritual tem lugar neste dia a Procissão dos Ramos, que sai da Capela do Espírito Santo para a Igreja Matriz (até há alguns anos saía da Igreja da Misericórdia), a lembrar a entrada festiva de Jesus em Jerusalém. Com ela pretende a Liturgia levar os Cristãos a reconhecer e a afirmar a messianidade e realeza de Jesus de Nazaré. Uma afirmação pública e solene pelo que o mais indicado é fazer a Procissão de uma igreja para aquela onde vai ser celebrada a Eucaristia.

B) - MISSA: Em contraste com o carácter jubiloso da Procissão, os textos da Missa, particularmente as Leituras que incluem o relato da Paixão estão já voltadas para a Paixão e Morte do Senhor.

## **SEGUNDA, TERÇA E QUARTA-FEIRA:**

A mesma tonalidade dolorosa persiste nos textos da Missa e da Liturgia das Horas.

## **QUINTA - FEIRA SANTA:**

a) - MISSA VESPERTINA - CEIA DO SENHOR: A Missa é sempre a presença actuante do Mistério Pascal, mas no espaço em que a Liturgia celebra a "ocorrência histórica" deste Mistério reveste-se de mais actualidade e de outro dinamismo. Transporta-nos mais directa e vivamente ao momento em que o Salvador a instituiu e celebrou em ligação e por antecipação com a sua Morte e Ressurreição.

Dentro dela e situando-nos no contexto que a envolveu, até se repete o gesto simbólico de Jesus, de lavar os pés aos Apóstolos - O Rito do Lava - Pés. Carregado embora de emoção, não pode sobrepor-se ao conteúdo da celebração da Eucaristia.

Determinando que os Apóstolos repetissem os seus gestos e palavras sobre o Pão e o Cálice - "*Fazei isto em memória de mim*" - entende-se que Jesus instituiu o Sacerdócio Ministerial neste mesmo momento.

B) - PROCISSÃO EUCARÍSTICA: A celebração termina com a trasladação do Santíssimo Sacramento para lugar apropriado, onde vai ficar à adoração dos fiéis. Nos primeiros séculos apenas se guardava no *secretarium*, provavelmente na

sacristia para o ofício dos pressantificados de Sexta-Feira Santa, porque neste dia não se celebrava ( e não se celebra) a Eucaristia. Apenas comungava o Clero, hoje também os fiéis.

## **SEXTA -FEIRA SANTA:**

Dia alitúrgico. Assim designado primitivamente porque não se celebrava o acto central da Liturgia, a Missa. Entende a piedade cristã que assim tem que ser se Cristo está morto.

Há, todavia, uma acção sagrada dita "*sinaxe alitúrgica*" pela razão exposta. Hoje diríamos uma celebração da palavra dentro de um esquema que comporta, para além dos habituais elementos ligados com o pensamento do dia, sumariamente, Leituras (uma delas o relato da Paixão), Oração Universal, Adoração da Cruz, Comunhão.

O pensamento dominante, a Redenção operada por Jesus Cristo (inseparável da sua morte) na qual os cristãos se integram, de modo privilegiado e vital pela Comunhão.

## **SÁBADO SANTO:**

Melhor se diria: VIGÍLIA PASCAL. A "*Semana Maior*" tem o seu ponto culminante no Mistério Pascal e a celebração deste atinge o seu auge na preclara, insigne Vigília Pascal, a primeira, a maior de todas as vigílias. Nesta Vigília Sacrosanta não se trata de recordar ou comemorar o maior acontecimento da história da salvação humana e mesmo da história humana, mas de actualizar a sua misteriosa eficiência e assim é, na medida em que a Igreja o vive, o faz seu, na medida em que morre e ressuscita com Cristo. Nem pode ser de outra forma, na linguagem paulina\*, Cristo é a cabeça, a Igreja o corpo. O que se passou com a cabeça passa-se necessariamente com o corpo, se é que há identificação deste com a Igreja.

Daí a importância da Vigília Pascal do ponto de vista histórico, litúrgico e teológico. Para aquilatar do sentido cristão duma comunidade nem precisamos de mais: basta observar como por ela é celebrada, vivida e participada a Vigília Pascal.

## **RITOS PRINCIPAIS:**

A Vigília Pascal que tem como móbil e escopo\* o Mistério Pascal (Morte e Redenção de Cristo) assenta esquematicamente nos dois Sacramentos primordiais: O Baptismo que insere o homem na Igreja, portanto no Mistério da Salvação, no Mistério Pascal e a Eucaristia que põe ao nosso alcance, através da celebração o Mistério da Morte e Ressurreição do Senhor.

Estes Sacramentos são envolvidos num conjunto de ritos destinados a preparar e a inserir os cristãos no grande acontecimento salvífico.

1ª Parte

a) - Rito da Luz

b) - Liturgia da Palavra

c) - Rito da Água com a Profissão de Fé (incluindo como desejável algum Baptismo)

2ª Parte

Eucaristia

A Eucaristia de hoje tem o Aleluia, o Júbilo, como pano, como música de fundo para empregar a imagem corrente. O triunfo de Cristo Ressuscitado que o Cristão proclama vibrantemente e faz seu.

## QUINTA - FEIRA SANTA NO SARDOAL: UM MOMENTO ESPECIAL

Notícias publicadas na Imprensa Regional, por volta de 1890, referem o retomar da grande tradição das Cerimónias Religiosas da Semana Santa na Vila de Sardeal, com particular destaque para as Capelas enfeitadas com flores e verdura, quando sob a orientação do Cónego Anacleto da Fonseca Morais, atingiram grande brilhantismo, igualmente referido nas citadas notícias, de onde se pode inferir que as referidas Cerimónias tem uma existência, no mínimo, secular.

Quando, na tarde de Quinta-Feira Santa se abrem as portas das Igrejas e Capelas da Vila de Sardeal e se podem apreciar os artísticos arranjos de flores e verdura que atapetam o seu chão, quais quadros temporários dos discípulos do Mestre de Sardeal (cujo principal núcleo de pinturas se encontra na Capela do Sagrado Coração de Jesus, da Igreja Matriz de Sardeal), que souberam guardar e transmitir os seus segredos de geração em geração, ao longo dos séculos,, tem-se a sensação de que a Primavera, por estes lados, foi antecipada, quem sabe se a pedido expresso da VILA - JARDIM, que assim quer manter viva a tradição de enfeitar as suas Igrejas e Capelas, na Semana Santa.

Trata-se de uma exposição de rara beleza (distribuída pela Igreja da Misericórdia e pelas Capelas do Espírito Santo, da Senhora do Carmo, de Santa Catarina, de Sant'Ana e do Senhor dos Remédios), mesmo quando a aparente ingenuidade dos motivos ornamentais é compensada pela harmonia das cores e disposição das luzes, que só pode ser apreciada nesta altura e nesta terra, fruto da inspiração, anualmente renovada, dos artistas anónimos que tecem com pétalas e folhas, muitas vezes separadas uma a uma, estas tapeçarias perfumadas, que julgamos originais do Sardeal, sinais de uma cultura popular sedimentada ao longo dos séculos, sempre renovada nos motivos e nas formas, mas sempre constante na sua religiosidade e no amor à sua Terra.

É na Igreja Matriz que se iniciam as Cerimónias Religiosas de Quinta-Feira Santa, que tem, como já se referiu, um lugar especial na Liturgia Católica, porque celebra a ocorrência deste Mistério da Fé e porque transporta os fiéis ao momento em que o Salvador a instituiu e celebrou em ligação e antecipação com a sua Morte e Ressurreição. Por isso se repete o gesto simbólico de Jesus Cristo, de lavar os pés aos Apóstolos - o Lava-Pés - em que tem especial participação a Irmandade do Santíssimo, com as suas opas\* vermelhas.

À noite sai da Igreja da Misericórdia a Procissão do Senhor da Misericórdia ou "*Procissão dos Fogaréus*", com o Sermão do Mandato na Igreja de Santa Maria da Caridade, a cargo da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, cujos Irmãos, envergando opas negras, nela se integram, seguindo uma ordem que de acordo com uma notícia publicada no "JORNAL DE ABRANTES", de 7 de Abril de 1935, deve ser a seguinte:

Abre a Procissão um Irmão com o Senhor da Misericórdia.

1º - Seguirá o Secretário da Mesa com vara preta;

2º - O Tesoureiro com a bandeira e dois Irmãos, de cada lado com lanternas;

3º - Um Mesário com uma vara;

4º - O primeiro painel com duas lanternas;

5º - Um Mesário com uma vara;

6º - O segundo painel com duas lanternas;

7º - O terceiro painel com duas lanternas;

8º - O quarto painel com duas lanternas;

9º - A Irmandade da Misericórdia com tochas acesas;

10º - O Padre com o Senhor, indo dos lados quatro Irmãos com lanternas;

11º - O Provedor com a sua vara, ladeado por outros elementos oficiais;

Entre a Irmandade e o Senhor irá o Corpo Eclesiástico.

A Vila prepara-se, especialmente para esta Procissão, iluminando com pequenas lanternas as janelas, varandas e sacadas do seu percurso, criando efeitos estéticos

de rara beleza. A partir de 1997 foi realizada uma experiência apagando a iluminação pública em parte do trajecto da Procissão, que foi repetida em 1998, mais alargada, que permite aos participantes, situarem-se no tempo em que não existia iluminação pública na Vila de Sardeal.

A centenária Filarmónica União Sardealense, acompanha a Procissão, sendo utilizados archotes para iluminar as partituras, facto que poderá justificar a designação de “Procissão dos Fogaréus”.

## SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

No desconhecimento que tenho de documentos que permitam estudar em pormenor a fundação da Santa Casa da Misericórdia de Sardeal, que ocorreu em 1509, socorro-me de alguns elementos que conheço sobre a fundação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, instituída em Agosto de 1498, a primeira do País, cujo Compromisso regeu as que se formaram na primeira metade do século XVI.

O conceito de Misericórdia, conforme o referido *Compromisso* de 1498 é: *uma irmandade e confraria de pessoas “de honesta vida, boa fama, sã consciência, tementes a Deus e guardadoras de seus Mandamentos, mansas e humildosas a todo o serviço de Deus e da dita Confraria que, umas para com as outras e para com qualquer necessitado de auxílio material e moral, sem cuidar de saber das suas ideias nem dos seus actos, praticam as catorze obras de misericórdia.”*

A Confraria instituída em Agosto de 1498, na Sé de Lisboa, “por permissão, consentimento e mandado” da Rainha D. Leonor e, por iniciativa de “alguns bons e fiéis cristãos”, tinha a invocação de “Nossa Senhora, a Madre de Deus, Virgem Maria da Misericórdia”. O povo começou a conhecê-la pelo título abreviado de Misericórdia ou de Santa Casa da Misericórdia.

Os fundadores da confraria da Misericórdia instituída em Lisboa, foram, segundo a tradição, João Rodrigues Rouca, Contim de Paço, flamengo, João Rodrigues, cerieiro, o livreiro Gonçalo Fernandes, um valenciano e, com eles, Frei Miguel Contreiras. Os Irmãos da Confraria eram cem, metade deles artífices, a outra formada de “pessoas de melhor condição (nobres, incluindo o Rei D.Manuel, a Rainha D. Leonor, etc.). Regia-se a Confraria por um *Compromisso* notável, em que vinham minuciosamente determinadas as atribuições da instituição e dos diferentes *oficiais*. Superintendia nela um *Provedor*, eleito entre os Irmãos nobres, e que tinha de ser exemplar em tudo, “homem honrado, de autoridade, virtuoso, de boa fama, muito humilde e paciente”, dada a psicologia dos necessitados, tão inclinada a revoltas, injustiças e maus juízos. O provedor era ajudado por doze *Conselheiros* ou *Oficiais*, sendo todos eles eleitos anualmente com a maior consciência, devendo metade ser “oficiais mecânicos” e a outra metade de “pessoas de melhor condição”. O provedor e os seus conselheiros, escolhidos entre os cem Irmãos, eram quem administrava a “irmandade e confraria”, auxiliados pelos outros, quando era necessário, por determinação do provedor. Havia três assembleias gerais dos Irmãos, uma em 2 de Julho, para realização das eleições, outra para a Irmandade tomar parte na procissão dos penitentes, a terceira para, no dia de Todos-os-Santos, se incorporar na procissão que, por especial privilégio, ia junto da forca, a Santa Bárbara, buscar os corpos dos “enforcados para sempre”, isto é, dos que pela gravidade dos seus crimes, os seus corpos eram deixados na forca depois de terem morrido e alim ficavam até a corda apodrecer. Este acto de misericórdia da instituição era particularmente impressionante, chegando mais tarde a ser das suas atribuições o fornecer cordas para os enforcamentos, ficando na tradição que tais cordas eram embebidas em água-forte para ficarem mais frágeis e os cadáveres ficarem menos tempo suspensos, facilitando-se, por caírem os seus enterros.

Aos *Conselheiros* eram distribuídos os cargos de escrivão, mordomo da capela, visitantes dos hospitais e das casas onde houvesse doentes pobres envergonhados, de arrecadadores de esmolas, rendas, foros, testamentos, etc. Independentemente



dos Conselheiros, havia irmãos pedidores de pão e mordomos, cuidando da remissão dos cativos, de compras e pagamentos vários, etc.

A Confraria tinha médico e capelão e distribuía medicamentos aos pobres. Tinha campainha para chamar os Irmãos e um pendão ou painel, tendo pintada dos dois lados a imagem de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Misericórdia. Para transportar os mortos havia *andas\** ou *esquifes\**. O Compromisso da Misericórdia de Lisboa, inclui nas suas disposições as necessárias para a realização de todas as formas de assistência, excepto a hospitalar, garantindo a boa administração dos seus bens e o espírito de justiça máximo com que a assistência era praticada, com a maior meticulosidade na escolha dos Irmãos, e do provedor e dirigentes de cada ano, seleccionados entre todas as classes sociais, na mais racional e séria democracia.

Serrão da Mota, nas suas *Memórias Restauradas do antigo lugar e depois Vila de Sardeal -1754*, sobre a Santa Casa da Misericórdia de Sardeal, refere o seguinte:

*"(...) Da Santa Casa da Misericórdia, não achando notas que pura e cabalmente informassem do seu princípio e queixando-me eu a algumas pessoas desta indigência, achei que informando-me de palavra, me veio a mostrar por treslados que houveram de memórias autênticas da mesma Casa, no ano de 1611, do que achei ser bastante para memorizar suas origens. O que nesta parte referir o tenho por verdade, segundo os referidos fundamentos que vi, sem os quais me não atreveria a expôr a opinião da mesma verdade à censura daquela leveza que nunca a quisera ver notada.*

*Antes, porém, que tratemos das coisas da Misericórdia e seus princípios nesta Vila, diremos o que se nos oferece de uma albergaria com que a tradição nos embala, com abuso muito grande do que verdade fora. Em anos que segundo a formalidade que seguimos pelas eras que notámos correspondem ao século de 300 ou do princípio de 400 ou o que em verdade fossem, é certo que se instituiu aqui uma albergaria por um Lourenço Anes David, com sua mulher Urraca Pires, com que a apelidava o vulgo. Esta albergaria, ou teve pouco uso, por os pobres não saberem dela ou por falta de rendas com que se conservasse e veio a perder-se. Constituíam os seus bens, em umas casas que dizem ser ao Poço dos Açougues e um quintal pegado e elas ou junto delas e alguns bens mais que não constam. E ordenaram os ditos instituidores que a administração desses bens andaria no parente mais próximo deles sobreditos, com a obrigação de uma cinco missas e de recolher ali os pobres e peregrinos que a esta terra viessem e logo o primeiro administrador ou o segundo ou ambos, alienaram e venderam parte dos quintais e alguns bens, de tal forma que um Gil Mestre, pessoa nobre desta Vila, criado que fora da Rainha D. Leonor, sendo neto do administrador primeiro da dita albergaria, demandava aos confrades da Misericórdia na fé de que eles possuíam os ditos bens, o qual houve sentença contra si, por falta de provas e constar entre os da Confraria e os da Albergaria e suas instituições muita diferença. Isto é quanto à albergaria de que os confrades mostraram não possuir bens alguns.*

*Quanto à Confraria e Casa da Misericórdia, sempre foram coisa distinta e separada da dita albergaria em tempo que nos corresponde aos mesmos séculos de 300 e princípio do de 400, com pouca diferença mostraram os ditos confrades da Misericórdia, a instituição da sua confraria tivera princípio na caritativa união de alguns homens devotos e de bom viver, os quais contribuindo entre si, formaram uma com duas camas em que agasalhavam os peregrinos que a este lugar chegavam.*

*E como esta acção era muito certa aos olhos de Deus e dos homens, em breve tempo se congregaram aos sobreditos outras pessoas, levadas pela mesma caridade que concorrendo com as suas esmolas, compraram uma pequena casa no mesmo lugar onde hoje existe o hospital. E postas as ditas casas e um homem com o nome de hospitaleiro, para servir os pobres, foi desta maneira crescendo, tanto em devoção como no ânimo dos moradores, que chamando-se confrades,*

fizeram seu livro em que escreveram seus nomes e da Confraria, que deram à invocação de Nossa Senhora ou de Santa Maria.

Com este fervor piedoso, ali tiveram assistidos os pobres, tratados os enfermos e se remediavam alguns necessitados, para o que chegavam as limitadas rendas, com o espírito do Senhor distribuídas.

Não só os referidos confrades, mas de muitas outras devotas pessoas que morriam, foram deixando à dita Confraria muitas esmolas e móveis para uso do hospital, como bens de raiz, segundo cada um podia.

De sorte que, passados alguns anos, vieram a comprar alguma scasas contíguas ao dito hospital e assim foram fazendo Juiz, Mordomo e Procurador, para que tomando conta daquela fazenda, que naquele tempo tinha o seu rendimento e algumas esmolas e se distribuíssem com ordem, no socorro dos necessitados, enfermos e por esta maneira se foi aumentando e crescendo em tal devoção a dita Confraria, que achando-se em Roma, Nuno Vaz, cavaleiro, natural desta Vila, de lá remeteu uma Bula de Indulgências, concedidas aos confrades de Santa Maria do Hospital, desta terra, implorada a sua instância, que não foi bastante tumultuoso o tráfego daquela Corte do Mundo, que advertindo-lhe o ânimo da sua pia e devota lembrança. Legada a sobredita Bula a este Reino e à Vila no ano de 1552, se aumentou tanto a devoção nos moradores dela, que famílias inteiras, tanto de uma, como de outra condição, no zelo e no fervor com que se fizeram confrades da dita Bula e Confraria de Nossa Senhora do Hospital.

E, assim, durou esta pia congregação com o nome de Confraria por alguns anos e depois com o nome de Irmandade foi fluindo no tempo.

Claro está que à medida que ia crescendo a devoção, ia também crescendo em bens e rendas a dita Irmandade, pois que Deus Nosso Senhor se não descuida daquelas obras a que com riqueza de honra e coração, se dedica a maior honra e serviço do seu culto, inspiraria no ânimo de seus devotos, o zelo de sua causa, como com efeito fez, pois segundo se viu por alguns livros de notas, foram muitas as pessoas que por hora da sua morte, fizeram grandes deixas e legados e heranças a esta dita Irmandade, levadas somente de sua católica devoção, sendo a que mais se assinalou nesta obra de piedade, uma nobre senhora Margarida Mansa Temuda, mulher de Cício Nunes de Albuquerque, no ano de 1614 ou 1615.

Cresceram muito as rendas e os bens desta Santa Casa, mas cresceu a tal ponto a misericórdia e piedade de seus Irmãos, que chegou tempo em que não bastando as rendas, que distribuías em socorrer os necessitados, curar enfermos e prover peregrinos, foi necessário vender algumas fazendas, como venderam no ano de 1599, tendo em menos a piedade do Provedor António de Parada e Irmãos daquele ano e dos antecedentes, que todos foram chamados para esse efeito, tendo em menos (torno a dizer) derogar nesta parte as leis e o Compromisso, do que faltarem os da Misericórdia para com a pobreza, para cujo fim, somente, foram concedidas as ditas fazendas. A tão alto chegou a virtude da caridade desta Santa Casa. (...)"

Serrão da Mota (ibidem), conta ainda um facto que transcrevo, não tanto pelo seu interesse histórico, mas mais pela sua curiosidade:

"(...) Pois expendemos com tanta clareza e profusão o grande culto, zelo e devoção que houvera na Santa Casa da Misericórdia desta Vila, para constar a mudança que até nas coisas pias, costuma fazer a volubilidade dos tempos, poremos aqui, ainda que fora do seu lugar, outra nota, para que sirva para memória de que nada permanece no seu estado, pois subindo todas as coisas a um certo aumento, logo dele passam para a sua declinação e vem a ser hoje, dia 10 de Novembro de 1753, véspera de S. Martinho e dia em que aquela Irmandade costuma celebrar a memória de seus Irmãos Defuntos com sufrágios de funerais e exéquias em que há sermão e a cujas funções me costuma levar menos que a devoção, a curiosidade e ali presenciei que em todo o Ofício que se celebrou, se viu nem um só único Irmão da Mesa, só ali me achei eu, fora do colégio e alguns meninos da escola, posto que poucos.

Ao officiar da missa apareceram mais três pessoas em que se contava uma mulher que assistiram até ao fim do sermão, em lugar de outros tantos clérigos, que

acabado o ofício não quiseram dizer nada daquela função e a officiar a missa apareceu somente um Irmão que teve a Cruz, sem tocheiros, nem círios, por não haver Irmãos para eles.

*E descendo o pregador do púlpito\*, indo eu a cumprimentá-lo do bem que tinha pregado, lhe disse que não podia conter-lhe o segredo em um descuido que achava no seu sermão. E, vendo eu que o padre alguma coisa mudava do seu semblante por ser a primeira vez que nos víamos, o desassustei dizendo-lhe que não havendo oito dias que estava nesta Vila, como podia elogiar aquela Irmandade por pluralidade de Irmãos, onde não havia mais do que um e os circunstantes e eu fiquei chorando no meu coração, por ter mais intrínseco conhecimento do que fora a devoção e zelo daquela Irmandade em respeito do que hoje se via."*

Nas referidas memórias, Serrão da Mota apresenta uma Plana dos Provedores da Misericórdia dos séculos XVI e XVII, que pela sua extensão não transcrevo aqui. Referirei, apenas, que em 1450 era Juiz da Confraria Vasco Anes, mercador; o Mordomo era Estevão Domingues e o Escrivão Filipe Gonçalves.

Nas "Memórias Paroquiais de 1758", relativas ao Sardeal, referindo-se à Misericórdia de Sardeal, refere o Pároco do Sardeal, na resposta ao quesito 12:

*"Tem Casa da Misericórdia e nela hospital, que teve a sua origem em se congregarem algumas pessoas devotas desta terra e erigirem uma casa para hospedarem e curarem os peregrinos pobres e doentes. Concorreram todas para as camas e mais gastos necessários, o que foi antes do século décimo quinto. E continuando assim se fez uma confraria, com o seu compromisso que foi confirmado pelo Senhor Rei Dom João, o segundo, concedendo-lhe a isenção de que nenhuma jurisdição lhe pudesse tomar contas, a qual confraria se governou por Provedor, Escrivão, Mordomos, conforme ao dito seu compromisso.*

*Depois, pela sucessão dos tempos se veio a erigir em Casa da Misericórdia, no tempo em que todas se instituíram e se conservou até agora no mesmo estado, gastando-se os seu rendimento que importará em duzentos mil réis, pouco mais ou menos, nas suas obrigações que são: quatrocentas e cinquenta missas rezadas, vinte e seis cantadas, cada ano, pelas pessoas que deixaram seus legados para se erigir e estabelecer a dita Confraria e depois Casa da Misericórdia, para o que tem três capelas com os seus ordenados. E, além disso, Sermões nas quartas-feiras da Quaresma, Festa da Visitação e de S. Martinho, aniversário pelos Irmãos defuntos, paramentos e guisamentos\* para as missas de todos os Sacerdotes que ali as quiserem dizer, ordenado a um hospitaleiro, etc. E o que cresce gasta em esmolas e curas de pobres, conforme à sua instituição."*

Quando em 1834, foi decretada, por Joaquim António de Aguiar, a extinção das Ordens Religiosas, foi o Hospital da Misericórdia transferido para o Convento de Santa Maria da Caridade e D. Francisco Manuel de Mendonça, Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa, sendo Provedor da Misericórdia de Sardeal, comprou a cerca contígua ao Convento e dela fez doação à Santa Casa, da qual foi um grande benemérito, fazendo, também, a expensas suas as obras indispensáveis para a adaptação do Convento a hospital. Faleceu este benemérito a 16 de Agosto de 1862, sendo seu herdeiro o Padre Gregório Pereira Tavares, falecido em 12 de Outubro de 1867, que só ficou senhor dos bens livres, pois outros mais havia vinculados, o qual manifestou grande zelo e dedicação pela Santa Casa da Misericórdia, satisfazendo valiosos legados.

A Misericórdia que nasceu, como vimos, pela vontade de alguns confrades, manteve durante muitos anos como principal actividade, e nisso foi quase sempre exemplar, a manutenção do hospital, que pela categoria dos médicos e enfermeiros que lá trabalharam, era o orgulho de todos os Sardealenses e a esperança de muitas pessoas de outras regiões. Em meados deste século, a sua

equipa médica era tão respeitada que chegou a manter em actividade três equipas de médicos cirurgiões que operavam regularmente.

Quando em 1979, em consequência da política de saúde que então se defendia, o hospital foi encerrado, a Misericórdia logo se voltou para outras actividades não menos importantes e sempre de apoio aos mais necessitados, como a criação de um Lar e Centro de Dia para a 3ª Idade e mais recentemente no apoio domiciliário a pessoas doentes e carenciadas que podendo estar nas suas casas precisam, mesmo assim, de auxílio.

## **SEXTA - FEIRA SANTA**

A Sexta-Feira Santa é um dia alitúrgico, assim designado porque não se celebra a Missa. Entende a piedade cristã que assim tem que ser, se Cristo está morto. Há, todavia, uma acção sagrada dita "*sinaxe alitúrgica*", pelas razões já expostas. Hoje, diríamos, uma celebração da palavra dentro de um esquema que comporta, para além dos habituais elementos ligados ao pensamento do dia, sumariamente: Leituras (uma delas, o relato da Paixão do Senhor); Oração Universal; Adoração da Cruz e Comunhão.

No Sardoal, mantêm-se abertas as Capelas enfeitadas e à noite, mais cedo que no dia anterior, sai a Procissão do Enterro do Senhor, em que participam, tanto a Irmandade da Vera Cruz ou dos Santos Passos, como a Irmandade do Santíssimo Sacramento, com um percurso pelas Ruas Velhas, até à Igreja de Santa Maria da Caridade e regresso à Matriz, onde, de seguida, se realizam as Cerimónias do Enterro do Senhor.

## **DOMINGO DE PÁScoa**

Na Procissão da Páscoa da Ressurreição, pretende-se retratar a alegria pelo triunfo de Cristo Ressuscitado que os Cristãos proclamam, vibrantemente, como sua.

A Matriz de Sardoal parece ter mais luz e está decorada com muitas flores. Os paramentos dos Sacerdotes são de cores mais alegres e para a Procissão da Ressurreição, que sa da Matriz, com um percurso mais curto que o das Procissões dos dias anteriores, na zona central da Vila de Sardoal. As ruas são atapetadas com flores e verduras e nas janelas de muitas casas são colocadas as colchas mais ricas e bonitas, criando um ambiente solene, mas de Festa e Alegria.

Visitar o Sardoal nestes dias é aproveitar uma oportunidade única, que só acontece nesta altura.

A Semana Santa é no Sardoal, de facto, um momento especial!

## **CONFRARIAS OU IRMANDADES:**

Pela sua participação nas Festividades Religiosas e pela sua tradição secular, as CONFRARIAS OU IRMANDADES, justificam uma referência histórica especial neste trabalho:

São associações de fiéis, constituídas organicamente, para o incremento do culto público. As Irmandades ou Confrarias regulam-se pelo Código de Direito Canónico (Cân. 707-719), além do que dispõem os seus estatutos particulares. Não podem existir sem decreto formal de secção, e não devem erigir-se senão em igrejas ou capelas públicas ou ao menos semi-públicas, e costumam ter altar determinado.

São especialmente instituídas para os que desejam vantagens de acção prática que oferecem as organizações religiosas, mas que não sentem vocação para entrar nas verdadeiras ordens religiosas. Em alguns casos aparecem como filiadas a estas últimas, como as Ordens Terceiras de S. Domingos e de S. Francisco.

Os abusos a que as Confrarias deram ensejo, celebrando sob pretextos piedosos, banquetes e espectáculos que terminavam às vezes em tumultos e homicídios, e a rivalidade entre umas e outras foram a causa de Francisco I, de França, as ter proibido, assim como outros soberanos, e que a Igreja as regulamentasse.

Canonicamente regeram-se pela Constituição de Clemente VIII (1604) e pela de Paulo V (1610). Requer-se para a sua fundação, o consenso do *ordinário\**, que examina os seus estatutos e a quem compete dar ou negar a sua aprovação. Podem fundar-se em todas as Igrejas, embora a Congregação do Concílio Tridentino\* (1595) proibisse as de varões nos Conventos das religiosas. Clemente XIII proibiu duas confrarias do mesmo santo numa só povoação, exceptuando as *sacramentais* e as de doutrina cristã, que devem funcionar em todas as paróquias.

Na Idade Média grande número de confrarias se instituíram sem reconhecimento da Igreja, como os Irmãos Apostólicos e os Flagelantes, os quais, por algum tempo tolerados pela Igreja, incorreram depois na sua censura e perseguição. Foram também espécies de confrarias religiosas, as corporações de que provieram os franco-maçães\*. Primeiro acusados de tender para o agnosticismo, vieram depois a sê-lo de ateísmo. Quase todas as organizações profissionais da Idade Média tiveram, de acordo com o espírito do tempo, carácter religioso, e esse aspecto da sua actividade era no espírito dos fundadores de tanta importância como a sua finalidade secular. Em muitos casos, os oficiais formavam uma corporação, organizavam-se, independentemente desta, numa confraria religiosa, para em comum praticarem os actos de devoção. Cada confraria tinha como a corporação respectiva, um santo padroeiro. Outras confrarias que se estabeleceram com sanção da Igreja, dedicaram-se à acção religiosa e, sob a sua influência directa, à realização de muitas obras práticas de caridade, como a assistência aos estrangeiros, viajantes, desprotegidos, doentes, etc.

Merecem ser citadas por todos os motivos as instituições portuguesas das *Casas de Misericórdia*. Os estatutos e práticas das Confrarias não são obrigatórios para os confrades, não constituindo pecado a sua não observância. Está proibido o vínculo do juramento e não se podem obrigar as Confrarias a acudir aos actos de culto, tais como procissões, preces, etc. Entre as Confrarias merecem especial menção as já citadas *sacramentais*, que têm por fim fomentar o culto do Santíssimo. Devem funcionar em todas as paróquias, especialmente para o Viático\* aos doentes, Procissões de Corpus Christi e outros actos solenes.

Em 1758, a Igreja de S. Tiago e S. Mateus do Sardoal tinha quatro Irmandades. A primeira era a de S. Pedro, chamada dos Clérigos Pobres, que são os que faziam a dita Irmandade. A segunda era a do Santíssimo Sacramento. A terceira a da Vera Cruz ou dos Santos Passos. A quarta a da Senhora do Rosário.

## IMAGEM – SIGNIFICADO LITÚRGICO

Na antiga lei, era proibido aos judeus fazerem qualquer imagem, figura ou estátua e prestar-lhes culto (Ex. XX,4). Essa proibição foi rigorosamente observada, apesar das tentativas em contrário (4º Reis, XVIII, 4). Nos primeiros tempos, os cristãos evitaram também o uso de imagens e pinturas. Ainda no princípio do século IV, o Concílio de Elvira determinou não admitir pinturas nas paredes das igrejas (Cân. 36). Todavia, já então estavam em uso as pinturas nas catacumbas e não tardaria que se multiplicassem as imagens de todas as espécies, com o desenvolvimento do culto público. Seriam no começo simples adornos, mas em breve receberam piedosa veneração, consagrada pela liturgia. No século VIII, como os Judeus e os Muçulmanos se escandalizassem com o culto das imagens, alguns bispos orientais,

lembraram ao imperador a conveniência de o suprimir. Em 726, Leão III, o Isáurio, publicou um édito a proibir esse culto e ordenou a destruição das imagens em todos os edificios sagrados ou profanos. Foi o iconoclasmo\*. Continuaram esse programa os imperadores Constantino Coprónimo e Leão V, o Arménio. Só durante a regência de Teodora, uma assembleia reunida em Constantinopla resolveu restabelecer o culto proibido. Para comemorar este facto, instituiu-se com o nome de “festa da ortodoxia\*” uma procissão anual que se celebrou pela primeira vez a 19-II-842 e nunca mais se interrompeu. Contra os iconoclastas, o culto das imagens teve ardorosos defensores, como S.João Damasceno e S.Teodoro Estudita. Por seu lado, os concílios foram precisando o pensamento da Igreja, especialmente o 2º de Niceia, reunido em 787. O culto das imagens é somente relativo, porque elas não passam de representações do seu protótipo; e concede-se-lhes apenas uma veneração distinta da adoração reservada a Deus. Insistiu nesta doutrina, contra os protestantes, o Concílio de Trento (Sess. XXV): “A honra que se presta às imagens, refere-se aos originais que elas representam, de modo a que, beijando-as, descobrindo-nos e prostrando-nos diante delas, adoramos Jesus Cristo e honramos Jesus Cristo e honramos os Santos de que elas são figuras.”

## FESTA DO SENHOR DOS REMÉDIOS

Celebra-se no 2º Domingo depois da Páscoa.

Trata-se de uma antiga devoção das gentes do Sardoal e arredores, hoje um pouco esquecida.

Segundo a tradição, a Imagem do Senhor dos Remédios esteve, inicialmente no interior do Convento de Santa Maria da Caridade, vindo depois a ser construída a Capela, do lado direito da Igreja de Santa Maria da Caridade, com entrada por debaixo da galilé\*.

No nº 5 do Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, de Dezembro de 1983, encontra-se transcrita a notícia da transferência da Imagem do Senhor dos Remédios, do interior do Convento para a Capela, conforme se encontra descrita num documento existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que aqui transcrevo com a devida vénia:

*“Colocou-se a Sagrada Imagem do Senhor dos Remédios na capelinha dela, que para a dita Imagem se fez da parte de dentro da portaria, aos 16 de Agosto de 1743. E pelo grande concurso das gentes e perturbação que davam aos Religiosos se lhe fez a segunda Capela em que está e para onde se trasladou aos 28 de Abril de 1748. Prégou na Festa da colocação o Irmão Frei Diogo dos Prazeres, Missionário Apostólico do Real Seminário de Bracanes, que aqui se achava em Missão. Disse a primeira missa na segunda Capela no dia da transladação, o Irmão Frei Joaquim de Vale de Prazeres, que foi quem mandou vir a dita Imagem e diligenciou a fábrica das duas capelas e o ornato de castiçais, docel, quartinado e mais ornamentações do Altar, casulas e paramentos. Prégou o primeiro sermão no dia da transladação, o Irmão Frei António do Fundão Barreiros. Dourou-se e pintou-se a Capela no ano de 1750.”*

Ao longo dos anos foi crescendo a devoção dos Sardoalenses no Senhor dos Remédios, que o invocavam em momentos de aflição, de tal forma que na Capela ainda se guardam algumas memórias (*ex-votos*) de curas milagrosas ou atendimento de preces. Ganhou, assim, grande tradição a sua festa, hoje reduzida a uma pálida expressão do que foi noutros tempos e, exclusivamente religiosa.

Segundo testemunhos que colhemos, nos seus tempos áureos, a Festa do Senhor dos Remédios reunia centenas de romeiros, da Vila e dos arredores, de tal forma que por toda a encosta do Convento se encontravam famílias vindas de fora com o seu farnel, porque permaneciam no Sardoal durante todo o dia.

Para ilustrar o que foram as Festas do Senhor dos Remédios, transcrevo a notícia que sobre elas foi publicada no jornal *“ECHO DO TEJO”*, respeitante a 1905:

*“Dias 4, 5 e 6 de Maio próximo: Tríduo\* a grande instrumental e sermão durante os três dias. No dia 6 abertura da Kermesse, arraial, música, iluminação e fogo de artifício.*

*Dia 7 de manhã cedo alvorada por uma das philarmónicas d'esta Villa, Festa de Egreja, a grande instrumental, sermão pelo distinto orador Padre Silva Martins, Kermesse, venda de fogaças, arraial, ornamentação, iluminação e um lindo fogo d'artifício feito a capricho.*

*Nas Festas d'Egreja toma parte a orchestra d'esta Villa e nas de ar livre as duas philarmónicas d'esta Villa que tocarão alternadamente. A Kermesse é de um lindo effeito, assim como as ornamentações compostas de arcos, bandeiras, etc., etc.*

*É esta a festa mais importante d'arraial que se realiza n'esta Villa e onde vem a maior concorrência de forasteiros e de devotos a esta Imagem.*

*Por isso se espera grande concorrência como é costume e muito mais este anno por a festa ser feita com toda a pompa e para a qual têm concorrido muitas pessoas com diversas ofertas com diversas offertas, trabalhando-se activamente no recinto das festas denominado Convento.*

*A Comissão encarregada dos festejos é a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia d'esta Villa e o producto da festa é destinado à compra de instrumentos cirúrgicos para a mesma Santa Casa ou Hospital. O mesmo hospital n'estes dias estará em exposição ao público. Há carreiras de Abrantes e vice-versa."*

Refere-se, ainda, a curiosa tradição que existe na Vila, de que sempre que se mexe no Senhor dos Remédios, chove num dos dias próximos.



## QUINTA-FEIRA DA ASCENSÃO

A Quinta-Feira da Ascensão ou Quinta-Feira da Espiga, sendo uma festa de inspiração religiosa que celebra um acontecimento importante da Igreja, parece, ao mesmo tempo, manter algumas reminiscências pagãs. Esta afirmação apoia-se no facto de S. Mamerto, Bispo, ter introduzido na sua diocese de Viena de França, no ano de 470, o costume de nos três dias que precedem a Ascensão, fazer procissões de penitência, cantando ladainhas, no intuito de combater as festas pagãs de Ambarvalia, costume que a Igreja adoptou para pedir a protecção divina para as searas ou noutras aflições, criando-se a tradição de colher um ramo de flores silvestres (rosmaninho ou alecrim), algumas espigas de cereais e um ramo de oliveira.

A Quinta-Feira da Ascensão, que marca o final do ciclo dos Quarenta Dias inaugurado com a Páscoa. A data é também conhecida pela designação de "Dia da Espiga"; as pessoas saíam para os campos, para apanharem a "espiga", isto é, arranjarem um raminho, que enquadrava fundamentalmente uma espiga de trigo e um ramo de oliveira, e que se compõe, além destas espécies, de espigas, a preceito, de outros cereais - centeio, cevada, aveia, etc. - e também rosas, papoilas, malmequeres, margaridas, pampilhos, ou outras flores campestres, que se pendurava dentro de casa, na parede da cozinha ou da sala, e aí se conservava um ano, até ser substituído pela "espiga" do ano seguinte, e a que, colhida nesse dia, se associava uma ideia expressa de virtude benfazeja.

De um modo geral, na Quinta-Feira de Ascensão destaca-se o período que vai do meio-dia à uma hora - a Hora -, em que tinha lugar na igreja, um serviço religioso de Adoração, findo o qual tocava o sino, e que é a hora em que se manifestam mais precisamente os poderes incantatórios e sagrados concretos deste dia.

A Quinta-Feira de Ascensão parecia pois ser de um modo geral considerada um dia fasto\*, em que não se trabalhava, porque sobrelevavam os elementos sacros e festivos, e cuja virtude se manifesta através de determinadas práticas e em certas espécies consagradas, que aparecem nessa ocasião investidas .

No Sardoal, o dia de Quinta-Feira da Ascensão foi celebrado durante muitos anos, com especial destaque enquanto esse dia foi considerado "dia santo de guarda". Realizava-se, então, uma romaria, deslocando-se as pessoas em procissão para o local escolhido, onde se realizava uma missa campal e onde à tarde se rezava o terço. Este local foi durante anos na Quinta das Madalenas, para nos últimos anos em que se realizaram estas festividades, ser transferido para o Vale do Armo, próximo do cruzamento para Entrevinhas, quando era Pároco do Sardoal o Revº Padre Luís Rocha, isto por volta de 1968/69.

Assisti a algumas festas realizadas no vale do Armo, com grande assistência de fiéis, que aproveitavam o intervalo entre a celebração da Santa Missa e a Oração do Mês de Maria para realizarem um agradável convívio e para fazer um lanche no campo, neste caso no meio do pinhal, em que os jovens se divertiam especialmente, realizando jogos de roda ou cantando canções populares.

A pouco e pouco esta tradição foi-se perdendo e não tenho notícia que se tenha realizado nos últimos anos.

## FESTAS DO ESPÍRITO SANTO OU FESTAS DO BODO

As Festas do Espírito Santo, também chamadas do Pentecostes, celebram-se 50 dias depois da Páscoa. Cerca de 50 dias depois da saída do Egipto, os Judeus chegaram ao Sinai e receberam a Lei por intermédio de Moisés; todavia, não se exprime claramente na Bíblia que o dia de *Pentecostes* se refira a esse acontecimento. Chamavam-lhe, também, Festa das Semanas, porque terminava a sétima semana depois da Páscoa e Festa das Primícias, porque nela se ofereciam as primícias da messe do trigo. Abrangia esta solenidade um só dia, no qual era obrigatória a abstenção dos trabalhos servis. Ofereciam-se a Deus dois pães fermentados, feitos com farinha das primícias e imolavam-se diversas vítimas.

Na Igreja Cristã a festa tomou um novo sentido: comemora a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, no 50º dia depois da Ressurreição de Jesus e a promulgação solene do Evangelho feita por S. Pedro. Foi então que a Igreja ficou publicamente constituída e se lhe agregaram pelo Baptismo cerca de 3 000 fiéis.

A Festa do *Pentecostes* não é tão antiga na Igreja como a da Páscoa, mas já se encontrava estabelecida pelo fim do século III. A partir do século IV, o *Pentecostes* era um dos dias em que se conferia solenemente o Baptismo na Igreja do Ocidente. Alexandre Herculano, refere-se-lhe na sua *História de Portugal* na forma seguinte: *“Próximo do Célebre Santuário de Compostela, tão frequentado de peregrinos de toda a Europa, os Cruzados dirigiam-se para ali celebrarem a Festa de Pentecostes no templo do Apóstolo.”*

Escritores antigos dizem que a Festa do Espírito Santo foi instituída em Portugal, em Alenquer, pela Rainha Santa Isabel, dizendo outros que foi instituída em Sintra, onde se celebrava na sala dos Infantes, nos Paços daquela Vila.

Como já referi a criação desta devoção em Portugal é atribuída à Rainha Santa Isabel, em data que não obteve o consenso dos investigadores.

É provável que a sua instituição no Sardoal se deva, também, àquela Santa Rainha, uma vez que lhe pertenceu o senhorio do Sardoal, sendo tradição referida por alguns autores que terá sido aquela Soberana a conceder o primeiro Foral ao Sardoal.

De facto, o documento mais antigo existente no Arquivo Histórico de Sardoal é uma carta da Rainha Santa Isabel, dada em 11 de Janeiro de 1313, seguindo-se uma outra da mesma Rainha, dada em 20 de Setembro de 1318, determinando que os moradores do lugar do Sardoal conservassem a posse antiga em que estavam de ter alcaide natural do mesmo lugar do Sardoal.

Segundo o Abade Joaquim de Fiore, a história do género humano reparte-se por três grandes períodos vividos em circunstâncias diversas, devido à correspondência de cada um deles com uma das três pessoas da Santíssima Trindade. Assim, à Idade do Pai, com sede em Jerusalém e inaugurada por Moisés, sucedera a Idade do Filho, que decorria sob a vigência da Igreja de Roma. O esgotamento desse segundo período, anunciaria o início da Idade do Espírito Santo, era da confraternização universal, de cujo advento os Portugueses se fizeram arautos, disseminando pelas novas latitudes descobertas essas expectativas milenaristas, porém nem sempre da forma mais ortodoxa e conforme aos dogmas católicos. O facto de os festejos do Espírito Santo terem, em diversos aspectos, forma pouco ortodoxa e contrária aos dogmas católicos, é, talvez, a principal razão para a persiguição de que foram alvo a partir do século XVI, mais do que o pretenso carácter pagão invocado, tanto pelas autoridades eclesiásticas, como pela etnografia oficial, para mascarar os reais motivos.

Era então usual uma Trindade tricéfala que foi condenada pelo Concílio de Trento, de que hoje se conhecem poucos exemplares, tendo escapado apenas alguns que

eram pertença de capelas e oratórios particulares onde a acção dos visitantes\* não se fez sentir.

A Santíssima Trindade existente na Capela do Espírito Santo de Sardeal é do tipo trono de graça (Guimarães), forma iconográfica muito vulgar nos séculos XV e XVI. O Pai Eterno, sentado, segura a Cruz sobre a qual pousa a pomba do Espírito Santo. É de pedra e é tradição popular que lhe foi cortada a base, há muitos anos, porque se tornava muito difícil o seu transporte na Procissão, que ainda hoje, mesmo assim, não é nada fácil.

Em trabalho da autoria do Dr. Manuel José Baptista, publicado no Boletim Cultural "ATRIUM" do GETAS - Centro Cultural de Sardeal, de Abril de 1987, que com a devida vénia transcrevo, referem-se as Festas do Espírito Santo no Sardeal, na forma seguinte:

*"Num dos anteriores números do "ATRIUM" fazia-se referência, com certo desenvolvimento, às Festas do Espírito Santo, em Sardeal - que eram, normalmente, complementadas, de forma original, por um grande Bodo à população da Vila. Interrompidas cerca dos anos 30 (em que se realizaram pela última vez, depois de certo interregno) a sua recordação perdura ainda nos Sardealenses de mais idade, pelo alto brilhantismo e imponência que atingiam nos velhos tempos e lhes deram, por isso, grande fama e projecção extra-muros, de tal modo que largo número de forasteiros e curiosos que aqui se deslocavam sempre, para assistirem às suas fases de maior espectacularidade.*

*Estas festividades são as mais antigas de que há conhecimento na terra, remontando, pelo menos, à alta Idade Média. Atravessaram os séculos (quicá tendo algumas interrupções acidentais ou esporádicas) mas resistiram aos tempos e respeitaram a tradição durante perto de 500 anos!*

*Com efeito, tem-se notícia de que se realizariam anteriormente a 1470. E com bastante importância, como se pode inferir de uma carta-provisão do Rei D. Afonso V, datada de 18 de Janeiro de 1472, onde se estatuem algumas disposições para regimentar a sua organização, ao mesmo tempo que se facultam poderes e abrem concessões aos respectivos mordomos que, na terminologia da época se chamavam "imperadores das festas".*

*Segue-se a transcrição desse curioso documento, em extracto integral, onde se procurou respeitar, tanto quanto possível, a configuração sintáctica e expressional da época, apenas se descendo a ligeiras acomodações ortográficas, tendentes a uma maior inteligibilidade do texto:*

*"D. Afonso V, Rei: a quantos esta minha carta virem fazemos saber que Nós, querendo fazer graça e mercê aos mancebos solteiros do Sardeal, termo da Vila de Abrantes, por honra e louvor das Festas do Senhor Santo Espírito que costumam fazer no dito lugar, temos por bem e queremos que daqui em diante, nos diasem que a dita festa se fizer e enquanto durar, os imperadores e oficiais que para ela forem nomeados, segundo o costume, possam constringer (=obrigar) quaisquer mancebos da dita vila e seu termo que não quizerem cumprir os ofícios e encargos da dita festa, a fazerem (em troca) outras cousas que lhes forem determinadas pelos ditos imperadores.*

*E, em consequência, aos que não quizerem cumprir esses seus mandados e forem desobedientes, se lhes possa aplicar penas, a todos ou a cada um deles, até à quantia de cem reais brancos e possam, ainda, por isso serem demandados e penhorados até à dita quantia - a qual seja apropriada (=destinada) à despesa da confraria da dita festa, mas não para qualquer outra cousa ou fim.*

*E, quer acerca disto como aos jogos da dita festa, que os ditos imperadores tiverem ordenado por honra dela, mandamos que o nosso corregedor da comarca e juizes e oficiais da dita vila não mandem o contrário nem lhes façam alguma turvação, mas antes os deixem livremente usar de seus jogos e fazer a sua festa como sempre*

fizeram e fazem, desde que eles não cometam nenhuns excessos ou males pelos quais sejam cativos da nossa justiça.

Outrossim, queremos que o meirinho\* e os ditos imperadores designados para com ele andarem na dita festa possam usar suas armas, quais e quantas lhes aprouver e enquanto ela durar.

E que o alcaide da dita vila lhas deixe trazer sem embargo de qualquer nossa defesa e obrigação feita em contrário, contanto que eles não façam com tais armas o que não devem. E, se o fizerem, que as nossas justiças procedam a tal propósito como for de direito.

E mandamos, também, que aos ditos imperadores ou ao juiz que estiverem à frente da referida festa não se lhes leve, nem mande levar, imposto de raçoragem algum.

E, ainda, queremos (=determinamos) que se algum homem casado, seja qual for a sua condição social, se intrometer nos ditos jogos e festa com os mancebos solteiros, e se não mostrar obediente e bem mandado àquilo que pelos ditos imperadores e seus oficiais for mandado por honra da dita festa, possa, também, ser apremado, como os ditos solteiros.

E do mesmo modo mandamos a todos os nossos corregedores, juízes e justiças e a outros quaisquer a que o conhecimento disto disser respeito e esta carta for mostrada, que a cumpram e façam cumprir e guardar em tudo, assim e pelo modo que nela está contido, sem que nenhum embargo lhe seja posto de alguma maneira que seja, porque assim é nossa mercê.

Dada em a nossa Vila de Santarém, aos 18 dias do mês de Janeiro. João Godinho a fez, no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1472."

Por alguns dos pormenores e detalhes que implicitamente se recolhem da sua leitura, esta carta de D.Afonso V dá aos "festeiros" e mordomos da Festa do Espírito Santo, certas faculdades, regalias e direitos que parecem ultrapassar o comum e habitual, nas autorizações e "franquezas" dos monarcas - as quais se caracterizavam, regra geral, por critérios de limitação e não de liberalidade!

Isso nos autoriza a supôr que o Rei conhecia bem estas festividades, a que teria, mesmo, assistido. Com efeito, D.Afonso V, estanciou com a Corte em Sardeal, durante largas temporadas e daqui lavrou e fez expedir grande número de diplomas régios.

- B.-

Aliás, a presença de Monarcas Portugueses no Sardeal era mais ou menos frequente desde o reinado de D. Pedro I, até pelo menos ao reinado de D. Manuel I, facto que pode ser confirmado pelos inúmeros documentos existentes nos livros das diversas Chancelarias Reais, emanados do Sardeal e firmados pelo punho real.

Muito curiosa é, também, uma postura municipal do princípio do século XVII que obrigava os estalajadeiros do Sardeal a dispensar as raparigas que trabalhavam nas estalagens para dançarem nas Festas do Espírito Santo, fixando as coimas para os que transgredissem aquela norma municipal.

Esta postura é contemporânea das obras de restauração da Capela do Espírito Santo, que ocorreram em 1603 e que lhe conferiram a forma e o estilo que ainda ostenta actualmente, quer em termos de pórtilo, quer em termos de arquitectura interior, onde se destaca o altar-mór, com o painel do Pentecostes e uma imagem da Santíssima Trindade, que sai em procissão no dia da Festa do Espírito Santo. Merece igualmente destaque uma imagem de S. Francisco e uma pequena imagem de Santa Maria Madalena, da autoria de um anónimo artista do Sardeal, com uma simplicidade e beleza comovedora.

No Boletim Cultural "ATRIUM", nº 3, de Agosto/Setembro de 1986, escrevi o seguinte, com o título: "FESTA DO BODO DO ESPÍRITO SANTO - A crise venceu a tradição!":

*“Uma das festas de maiores tradições que se realizou no Sardoal, foi a do Bodo do Espírito Santo, que não se realiza há muitos anos, por nos tempos que correm, ser excepcionalmente onerosa uma realização desse tipo.*

*Acerca do Bodo do Espírito Santo, citaremos o “ESBOÇO COROGRÁFICO DO SARDOAL”, do Dr. Giraldo Costa, publicado por volta de 1880: “(...) Até 1860 havia nesta Vila em domingo do Espírito Santo, dado por mordomos e outras pessoas que por devoção contribuía para ele e para a respectiva festividade, uma das mais solenes, deixou de se dar pelo grande dispêndio; há poucos anos, porém muito mais limitado, se iniciou dar naquele domingo um bodo aos inocentes, fazendo-se, também, festividade. A instituição deste bodo é tão antiga que se ignora quando e porque motivo teve o seu princípio. Os que concorriam com os seus donativos para esta solenidade tinham uma porção de carne proporcional à esmola dada e cada um deles armava de véspera em sua casa uma espécie de altar, que à porfia todos ornavam do melhor modo e segundo as suas posses, pois que à noite, grande parte das famílias da vila com os seus hóspedes e convidados, tinham por costume ir visitar os denominados altares. No domingo eram o pão e a carne conduzidos para a Capela do Espírito Santo, no centro da Vila e aí também repartidos pelos pobres, no que intervinham as bênçãos da Igreja.”*

No livro “Portugal Pittoresco e Ilustrado”, de Alberto Pimentel, no capítulo referente à Estremadura, refere-se a Festa do Espírito Santo, como a maior que se realizava no Sardoal, da maneira seguinte:

*“Uma das festividades mais concorridas e aparatosas do Sardoal é a do Bodo do Espírito Santo. Dura três dias. Faz-se uma procissão, como em Tomar, sendo as fogaças conduzidas à cabeça pelas raparigas vestidas de branco.*

*A vila engalanava-se por esta ocasião, estando as ruas de trânsito ornamentadas com bandeiras que pendem de cordas, suspensas entre dois mastros.*

*Relativamente a 1905 (Julho), era o seguinte o programa:*

*DIA 9: Matança do gado pelas 5 horas da madrugada, sendo em seguida distribuídas as miudezas aos pobres que se apresentassem.*

*De tarde começa a distribuição aos mordomos de fora.*

*DIA 10: Distribuição das rações aos mordomos, sendo a distribuição feita por quatro raparigas que vistosamente se apresentarão vestidas de branco.*

*Além das rações de carne aos mordomos, têm estes, vinho e pão bento.*

*DIA 11: Condução do pão das diferentes casas para a Igreja do Divino Espírito Santo, pelas raparigas desta vila e aldeias circunvizinhas. Ao anoitecer, procissão, sendo conduzida a imagem do Divino Espírito Santo, da sua capela para a Matriz.*

*Dia 12: Festa de Igreja e Procissão, percorrendo as principais ruas da vila e bodo geral, constando de um pão a todas as pessoas que se apresentarem a recebê-lo.*

*Além desta parte obrigatória, haverá mais, tanto no dia 11 como no dia 12, arraiais muito concorridos e diversas danças populares.”*

No mesmo número do “ATRIUM”, com o título “Memória Viva”, ainda sobre a Festa do Bodo do Espírito Santo, escrevi o seguinte:

*“Depoimento da Sr.<sup>a</sup> Miquelina dos Santos, 74 anos (na altura e, entretanto, falecida), sobre a Festa do Bodo do Espírito Santo:*

*“A festa durava 5 ou 6 dias. Começava a uma terça-feira e neste dia ia-se para os eucaliptos e para a Ponte do Ramal esperar os bois. Onde hoje são as casas de banho eram os talhos, faziam as barracas com eucaliptos e punham tonéis de vinho*

*onde se podia beber à discrição, Os bois vinham direitos ao mercado e aí se juntavam as pessoas para os ver.*

*Na sexta-feira matavam os bois. Desde terça-feira que todos os dias se juntava um grupo de raparigas que acompanhadas de uma gaita de foles, ia recolher o pão. Este vinha enfeitado com toalhas feitas em rendas de bilros e quem o enfeitava eram as Senhoras Tavares. Cada um enfeitava o tabuleiro o melhor possível, para ver qual era mais bonito.*

*O cortejo para recolher o pão era composto de duas filas de raparigas com tabuleiros à cabeça. Todas elas iam vestidas de branco com faixas de várias cores. Traçavam-nas e as pontas caíam. Os gaiteiros eram dois e ia um à frente e outro atrás. O pão ia para a Capela do Divino Espírito Santo. No sábado era o bodo: dava-se a quem se apresentasse um pão que depois era bento. Também havia danças. Terminava na segunda-feira. No sítio do Pelourinho armava-se um eucalipto muito alto, que era todo descascado e untado com sebo. No cimo tinha um farnel e dinheiro. Só o Benjamim Carrasco foi capaz de o subir nesse ano.*

*No domingo do Divino Espírito Santo havia cavalhadas. Os rapazes iam montados em cavalos e burros. Em frente da casa da D. Alzira havia uma corda de um lado ao outro da rua que tinha uma argola pendurada. Mais adiante havia outra corda que tinha painéis de barro penduradas. Uma com lagartos, salamandras, lagartixas, água, farinha e outras coisas. Só quem acertava na argola é que participava na paulada ao cântaro."*

A Festa do Espírito Santo, realizou-se pela última vez, depois de alguns anos de interregno, por volta de 1935.

Em 1995, por iniciativa da Paróquia de Sardoal, que contou com o apoio da Câmara Municipal e Junta de Freguesia de Sardoal, Santa Casa da Misericórdia e de algumas colectividades, voltou a celebrar-se a Festa do Espírito Santo, ainda que não fosse possível a sua celebração na forma descrita anteriormente. Mesmo assim realizou-se uma excelente jornada de convívio entre muitos sardoalenses, que teve lugar junto à Igreja de Santa Maria da Caridade.

Em 1996, no dia 26 de Maio, voltou a realizar-se a Festa do Espírito Santo, numa iniciativa conjunta das mesma entidades que a promoveram no ano anterior, com a celebração de uma missa ao ar livre, junto à Capela do Espírito Santo, seguida de Procissão para a Igreja de Santa Maria da Caridade, em que participaram muitas centenas de pessoas e que integrava 10 raparigas vestidas com réplicas dos fatos das "Meninas do Bodo e vários figurantes com fatos antigos do final do século passado e do princípio deste. Depois foi servido um almoço a cerca de 700 pessoas, que foi confeccionado com o apoio de duas cozinhas rodadas do Exército Português - 2º BIMEC de Santa Margarida, com o respectivo pessoal. Durante a tarde ocorreram diversas actividades culturais, voltando a registar-se uma excelente jornada de confraternização e convívio de muitos habitantes do Concelho (e não só).

A Festa do Espírito Santo voltou a ser realizada em moldes idênticos em 1997 (18 de Maio) e 1998 (31 de Maio), alargando-se o cortejo das "Meninas do Bodo" a 20 participantes. Nestes dois anos apenas a chuva perturbou o brilho da Festa, que viu, mesmo assim, aumentar o número dos participantes, apesar das condições climatéricas adversas.

## PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS (CORPUS CHRISTI)

Pela Bula *Transiturus*, de 8-IX-1264, foi decretada pelo Papa Urbano IV, a solenidade anual *Corpus Christi*, fixada na quinta-feira depois do Domingo da Santíssima Trindade e dotada com um dos mais belos ofícios litúrgicos, de cuja composição fora incumbido, pelo próprio Papa, o angélico Doutor Santo Tomás de Aquino.

Quási todas as igrejas, ao adoptarem a soleníssima festa começaram a coroa-la com majestosa procissão, cortejo triunfal dos símbolos eucarísticos. Em Portugal, como nas outras monarquias católicas chegou a Procissão do Corpo de Deus a atingir carácter do acto oficial mais solene do ano. Incorporava os representantes de todos os poderes do Estado, civis e militares, com o Soberano à frente. E pode dizer-se que tanto cresceu o esplendor da solenidade religiosa, em volta dos símbolos magníficos, que a concentração espiritual e a piedade interior se foram atrofiando e sumindo de todo, sem poderem já sugerir às almas a comunhão divina, em que se imola a vida egoísta e se diviniza o homem pela consagração à fraterna caridade.

A Festa do Corpo de Deus, sem a procissão, que depois tão sumptuosa foi, parece ter-se celebrado já em Portugal nos últimos anos do reinado de D.Afonso III. Até à época de D. João I não notícias circunstanciadas desse cortejo, mas desde então chegaram ao século XX descrições detalhadas feitas por historiadores e cronistas como Herculano, Inácio Barbosa Machado e Frei Cláudio da Conceição. Teve grande imponência nas principais localidades de Portugal esta procissão, mas no Porto e muito especialmente em Lisboa, revestiu-se de uma imponência jamais igualada.

No final do século XIV celebrava-se já no Sardoal, como se pode concluir por uma carta de D. João I, que se conserva no Arquivo Municipal de Sardoal, datada de 23 de Outubro de 1393, para que os moradores do Sardoal, não fossem constrangidos a assistir à festividade do Corpo de Deus em Abrantes, visto que solenizavam, com pompa, esta festividade na sua Igreja do Sardoal.

À falta de elementos documentais sobre a Festa do Corpo de Deus no Sardoal, referirei alguns pormenores curiosos conhecidos da Procissão do Corpo de Deus, em Lisboa e que, considerada a respectiva escala de grandeza, podem deixar algumas pistas sobre o que seria esta procissão no Sardoal:

“Era depois em redor de um aglomerado de tortuosas ruas que a procissão do Corpo de Deus se movia como *uma grande serpente*, no dizer de Herculano. Todos os moradores eram obrigados a ornamentar as suas janelas e todos os lojistas os seus estabelecimentos. As fachadas ficavam quási completamente cobertas com vistosas decorações. À admirável decoração dos arruamentos correspondia a riqueza e o brilho do cortejo em que o ouro e a prata, as pedras preciosas dos objectos de culto cintilavam ao sol, e para assistirem a esse grande espectáculo litúrgico, preparavam-se com entusiasmo, não só os habitantes da cidade, como os de algumas léguas em volta. No cortejo figuravam o Juiz do Povo, os Procuradores da Cidade, Vereadores, Magistrados, Titulares e Homens e Mulheres de todas as Artes e Ofícios, com insígnias, estandartes e emblemas e alegorias das suas classes. Eram os hortelões, com grandes carros figurando as suas hortas com as suas noras e picotas, canteiros e alfombres\*; eram os almocreves, os moleiros, os padeiros, os de chanfraria, que bailavam em roda de dois mascarados, fingindo de rei e de imperador. E depois vinham os tecelões e os peliceiros\* com a sua insígnia, um gato montês, a que chamavam *gato do paúl*; os oleiros, telheiros e vidreiros, entre os quais diabos bailavam; e os merceeiros, taberneiros e boticários conduzindo um gigante monstruoso; os sapateiros escoltando um dragão; os alfaiates com uma serpente; os carpinteiros e os calafates\* com a nau; os pedreiros com uma catapulta; os armeiros com um sagitário; e pescadores, moedeiros, corretores,

mercadores, tabeliães, etc. ... etc. ... e muitos desses homens e algumas mulheres da Vialonga e de Frielas bailavam em honra de Deus e louvor de S. Jorge.

Ainda mais tarde apareceram no cortejo os carneiros com um touro preso pelas hastes, e como compensação religiosa um S. Bartolomeu conduzido pelos tecelães, um S. Miguel pelos latoeiros, um S. Sebastião pelos sirigueiros\*; uma Santa Clara, pelos oleiros, e um S. João pelos ourives.

Nos tempos de D. João II também figuravam na procissão os reis magos e outras personagens.

Em 1719, D. João V não concordou com o demasiado paganismo da procissão do Corpo de Deus e deliberou modificar o cortejo dando-lhe grande pompa, mas uma mais profunda religiosidade. S. Jorge foi habitar a Patriarcal, junto ao Paço da Ribeira, e no dia da festa, às 5 da manhã, o Patriarca, com o seu estado, em coches sumptuosos, iguais aos do Rei, comparecia para tomar parte na procissão, que às 7 já estava em marcha, levando à frente as bandeiras dos ofícios e da Casa dos Vinte e Quatro. Seguiam-se S. Jorge e o seu estado, apresentados luxuosamente; com tambores a pé e chameleiros\* a cavalo e mais doze trombeteiros peões, soprando em instrumentos de prata a marcha do Santo. Depois vinham 110 confrarias e 2 500 Irmãos do Santíssimo; e uma criança vestida de S. João, rodeada por outras figurando anjos e que lançavam flores pelo caminho. E mais os Meninos Órfãos, os Terceiros do Carmo, a Cúria, os Tribunais, as ordens militares, os pajens e capelães do Patriarcado, cantores e claviculares, Tenentes da Guarda Real, a Cruz do Prelado, o Cabido\*, cabendo a 20 cónegos mitrados 60 servos, 3 por cada, um para conduzir a mitra\*, outro para segurar a cauda e outro para conduzir a tocha. Apareciam depois os fidalgos, parentes do antístite\*, o pálio, a cujas varas pegavam o Rei, os Príncipes ou Infantes e os representantes da maior aristocracia do Reino, uso que chegou até 1908, ano em que a Procissão do Corpo de Deus deixou de realizar-se em Lisboa."

No Sardoal continua a realizar-se esta Procissão em Dia do Corpo de Deus, ainda que sem a imponência de tempos passados.

Sai da Igreja Matriz, pela Rua Mestre de Sardoal, Praça da República, Avenida Luís de Camões, Rua Bivar Salgado, Rua Dr. David Serras Pereira, Rua Cónego Silva Martins, Rua 5 de Outubro até ao Pelourinho, regressando à Matriz pela Rua Gil Vicente. É organizada e integrada pela Irmandade do Santíssimo, acompanhada pela Filarmónica União Sardoalense, com um cortejo de crianças vestidas de anjos e uma de S. João Baptista, seguindo logo atrás do pálio os representantes da Câmara Municipal.



## FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO: 8 DE DEZEMBRO

Dogma definido pelo Papa Pio IX (Bula *Ineffabilis Deus*, 8-XII-1854), nos seguintes termos: “Declaramos, pronunciamos e definimos que a doutrina que ensina que a Bem-Aventurada Virgem Maria foi, desde o primeiro instante da sua conceição por graça e privilégio singular de Deus Omnipotente e em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, preservada e isenta de toda a mancha do pecado original, é revelada por Deus e por conseguinte deve ser firmemente crida por todos os fiéis.”

Este dogma relaciona-se com o do pecado original. Dado que todos os descendentes de Adão participam da sua falta, significa que Maria escapou a essa solidariedade e ficou no estado de justiça que devia ser o da humanidade antes daquele pecado. Foi longo o período de elaboração desta doutrina até ser fixada pela Igreja. Nos primeiros séculos, os escritores eclesiásticos não lhe fazem referência expressa. Na Idade Média, com o aparecimento da Festa da Conceição de Nossa Senhora, surgiram controvérsias teológicas, sobre as quais a Igreja evitava pronunciar-se. Combatida pela maior parte dos dominicanos, essa doutrina foi vivamente defendida, desde o século XIV, pelos franciscanos, carmelitas e agostinhos, apoiados pela Universidade de Paris. Por decreto de 17-IX-1438, o Concílio de Basileia chegou a declará-lo “conforme com a fé católica”, mas esse decreto não tinha valor porque o Concílio era então cismático. O magistério autêntico da Igreja manifestou-se pelas bulas (1477 e 1483), em que Sisto IV aprovou a Festa da Conceição de Maria e proibiu que se censurassem os defensores dessa doutrina. Veio depois o Concílio de Trento confirmar as disposições deste Pontífice e declarar que não era sua intenção compreender no decreto sobre a doutrina do pecado original “a Bem Aventurada e Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus” (15-VI-1546). Sucessivos actos do magistério pontifício foram marcando com maior nitidez o pensamento da Igreja, até que em 1848, Pio IX encarregou uma comissão de teólogos de examinar a questão e, no ano seguinte, solicitou a opinião de todos os bispos do mundo católico. A definição dogmática fez-se solenemente no Vaticano, com a presença de 200 Bispos.

A festa da Conceição de Maria começou a celebrar-se, no Oriente, na primeira metade do século VIII; no Ocidente, aparece nos calendários da Irlanda no século IX e vai-se generalizando pouco a pouco. No século XII tinha grandes propagandistas na Inglaterra e introduzia-se em França.

Em Portugal, o mais antigo documento da instituição da Festa é uma constituição do Bispo de Coimbra, D. Raimundo Evrard, em 17-X-1320, a mandá-la celebrar na sua diocese. Em Guimarães estabelecia-se em 1329; em Braga, pelo princípio do século XV. No século XVII, o culto da Imaculada Conceição torna-se mais popular em todo o País, com a adesão da Universidade, dos teólogos e dos concílios diocesanos. A restauração da Independência contribuiu para que mais se afavorasse a devoção. D. João IV proclamou a Senhora da Conceição Padroeira do Reino (25-III-1646), mandou cunhar moedas de ouro e de prata com a imagem da mesma Senhora e promoveu a difusão do seu culto por todo o País. Esta eleição da Padroeira foi confirmada pelo Papa Clemente X, no Breve *Exímia dilectissimi*, de 8-V-1671.

Por decreto de 6-II-1818, D. João VI instituiu a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, à qual deu estatutos por alvará de 10-IX-1819.

Dada esta devoção dos Portugueses, foram unânimes as respostas enviadas pelos Bispos a Pio IX a respeito do Mistério da Imaculada e a definição dogmática foi acolhida em Portugal com solenes festas.

(Cfr. *A Padroeira de Portugal. Notas e documentos*, Padre Miguel de Oliveira e Padre Moreira das Neves, Lisboa 1940).

No Sardoal teve grande tradição a Festa da Imaculada Conceição, que continua a celebrar-se no dia 8 de Dezembro, com Missa Solene, seguida de Procissão, com um percurso idêntico ao da Procissão do Corpo de Deus, atrás referido, participando nela a Irmandade do Santíssimo e a Filarmónica União Sardoalense.

## TODOS - OS - SANTOS

Festa da Igreja Católica em honra de todos os Santos. Esta festa celebra-se no dia 1 de Novembro para prestar culto comum a todos os Santos do Céu. As suas origens históricas não estão, ainda, completamente esclarecidas. Sabe-se que, nos primeiros séculos da Igreja, só aos Mártires se prestava culto público. No Oriente, a Comunidade de Antioquia, já no tempo de S. João Crisóstomo, comemorava todos os mártires no primeiro domingo depois do Pentecostes. No Ocidente, havia também festas particulares em honra de todos os Santos da mesma categoria, como todos os Mártires, todos os Anjos, todos os Apóstolos, em certos dias livres.

Quanto à solenidade de Todos -os- Santos, distinguem-se três fases até ao seu estabelecimento definitivo:

A primeira liga-se ao seguinte facto: - Correspondendo ao desejo do papa Bonifácio IV, o imperador Focas entregou-lhe o Panteão de Roma, para o qual o Pontífice mandou transportar as ossadas dos Mártires. Tendo-o purificado para templo, o Papa dedicou-o à Virgem Maria e a todos os Santos Mártires, em 13 de Maio de 610 ou 613. Ficou a comemorar-se o aniversário desta dedicação a 13 de Maio. Mais tarde, pelo ano de 737, o papa Gregório III dedicou na Basílica de S. Pedro um oratório ao Salvador, a Nossa Senhora, a todos os Apóstolos, Mártires e Confessores e a todos os Justos do mundo inteiro. Era o pensamento fundamental da festa de Todos -os- Santos, mas a comemoração desse facto ainda não estava fixada no 1º de Novembro. A terceira fase seria um acto do papa Gregório IV (827 - 844). Por ocasião da festa de 13 de Maio, iam muitos peregrinos a Roma e havia dificuldade de subsistência nessa época; o Pontífice teria, então, mudado a solenidade para 1 de Novembro. Indo depois a França, teria pedido a Luís, o Piedoso que estabelecesse o mesmo dia de festa nos seus estados.

Daí que se atribui ordinariamente ao ano de 835, se não a instituição da Festa de Todos - os - Santos, ao menos a sua generalização. Todavia, não foi ela universalmente celebrada desde essa data, pois em Angers, por exemplo, só se estabeleceu em 1314. Na Península Hispânica já se celebrava, pelo menos em algumas igrejas, no século IX.

Os "Santos" e os "Fiéis Defuntos", correspondem, além dos actos religiosos e profanos relacionados directa e expressamente com o culto dos mortos, importantes celebrações cerimoniais, que giram à volta de dois manjares específicos fundamentais: por um lado a castanha, e por outro bolos próprios da ocasião, no Sardoal chamados "*broas dos Santos*".

A forma principal das refeições cerimoniais de castanha, nos "Santos" adoptou o popular nome de "*magusto*", e consiste numa merenda festiva de castanhas que se assam em fogueiras de "*carumas*" secas e se comem acompanhadas de água-pé, no meio de brincadeiras de toda a espécie.

O outro manjar específico deste dia e desta época, entre nós, é constituído por diferentes espécies de bolos que, segundo receitas tradicionais, aparecem em muitos lugares, levando erva-doce, mel, azeite e às vezes batata doce. No concelho de Sardoal, as crianças, ricas e pobres, correm as casas, cantando às portas em melopeia: "**Bolinhos, bolinhos, em honra dos Santinhos**" ou numa versão mais recente "**Bolinhos, bolinhos, à porta dos Santinhos**".

As crianças andam pelas portas a pedir, com pequenos sacos e as pessoas dão-lhes, figos secos, nozes, amêndoas de casca, tremoços, rebuçados, outros géneros e, às vezes, dinheiro.

Até há alguns anos era também hábito comerem-se, nesta altura, umas papas de abóbora-menina, chamada "*mexuda*", polvilhadas com açúcar e canela.

Desta muito breve enumeração dos manjares específicos dos "SANTOS", parecem-me dignos de registo, os seguintes aspectos:

a) - A qualidade de manjar cerimonial da castanha, numa vasta área do País, acentua a sua importância como elemento basilar da economia alimentar de outras eras. Noto a este respeito que a castanha era também o manjar cerimonial de Domingo de Ramos em muitas localidades do País. A castanha representava uma antiga forma alimentar primordial, hoje excepcional, à medida que foram desaparecendo os castanheiros da região;

b) - A qualidade de manjar fúnebre da abóbora - menina, embora se verifique em casos excepcionais;

c) - A associação, que ocorre muitas vezes, de pratos cerimoniais e espécies postas de parte ou técnicas arcaicas já ultrapassadas, deriva principalmente da sua relação com ulturas ancestrais, sendo natural que subsista em relação às culturas mais antigas, que partilharam esse carácter.

## ALGUNS RITOS DE INSPIRAÇÃO PAGÃ

No 61º dia antes da Páscoa, inicia-se um período de três semanas que, no aspecto litúrgico, se considera como prelúdio da Quaresma e apresenta já algumas das suas características, como a supressão do *Aleluia*, os paramentos roxos e o convite à penitência. Essas três semanas começam, respectivamente, pelos domingos chamados da **Septuagésima; Sexagésima e Quinquagésima**.

Estas designações são apenas convencionais e foram adoptadas por atracção da palavra **Quadragesima**, que designa o 1º Domingo da Quaresma.

### OS “COMPADRES” E AS “COMADRES”

Como regra, o dia dos “Compadres” era a quinta-feira a seguir ao domingo da Septuagésima e o das “Comadres”, a quinta-feira a seguir ao domingo da Séxagésima, que é o Domingo Magro - ou sejam, as duas quintas-feiras - penúltima e última que antecedem o domingo de Carnaval.

No que me recordo da aldeia de Entrevinhas, a celebração dos dias dos “Compadres” e das “Comadres” era apenas um jogo ou sorteio de nomes, dos “Compadres” e das “Comadres”, tendo em vista, expressa ou indirectamente, o estabelecimento de relações de parentesco cerimonial precário entre os que a sorte associava - sugestão amorosa, como um género de augúrio de noivado ou casamento, ou, outras vezes, de compadrio especial.

Este “compadrio”, assim estabelecido, criava certas obrigações sociais reduzidas e o jogo dos “Compadres” e “Comadres” terminava em quinta-feira de Endoenças (Quinta-Feira Santa), em que os rapazes presenteavam as raparigas com amêndoas que elas retribuía com o “foliar” da Páscoa.

Os presentes cerimoniais de Páscoa, que obedeciam a regras bem determinadas, eram também chamados “folares”, fossem de que espécie fossem.

Nesta acepção mais lata, encontramos várias categorias fundamentais de “folares”, correspondentes a outras tantas situações sociais independentes:

- 1) - Os presentes “obrigatórios” que os padrinhos davam na Páscoa aos seus afilhados;
- 2) - O óbulo que se oferecia ao padre, em casa, quando da visita pascal, ou “compasso”;

e menos comumente:

- 3) - As ofertas determinadas que tinham lugar na Páscoa entre pessoas ligadas por laços de parentesco genérico ou cerimonial, precário ou de validade atenuada, ocasional e temporária;

e, enfim, referidos a outras ocasiões especificadas:

- 4) - As ofertas que se enviavam aos noivos no dia do casamento;

e ainda:

- 5) - muito raramente - os mimos que se oferecem no Natal.

As obrigações dos padrinhos - que marcava a relação especial e estreita que existia entre as celebrações da Páscoa e as regras cerimoniais do parentesco cerimonial - acabava, pelo lado dos padrinhos, em datas estabelecidas pelo costume e mais ou menos definidas, normalmente com a maioridade efectiva do afilhado ou com o seu casamento.

Os actuais ovos de Páscoa (de chocolate) têm, decerto, origem nas celebrações alimentares da Páscoa e representam a consagração do ovo “símbolo de fecundidade e abundância”.

## **AS MAIAS**

No concelho de Sardoal, tanto quanto sei, as Maias (1 de Maio) deixaram de celebrar-se há mais de 40 anos.

Usavam-se certas personificações do “MAIO” - “Maios-moços”, isto é rapazes enfeitados com flores e verduras e “MAIAS”, igualmente ataviadas, à frente dos cortejos cerimoniais de peditório, próprios da quadra.

Além disso, havia um preceito geral matutino, que mandava levantar cedo para o “Maio” não entrar, comendo-se uma pequena guloseima como primeira manducação do dia.

O “MAIO” era, pois, uma entidade considerada nociva, cujo malefício se pretendia conjurar com a aposição de flores ou a manducação de certas espécies, antes mesmo ou logo ao começar do dia, com o sentido de purificação e exaltação da fertilidade e abundância, por meio de actos diversos de magia ritual iniciativa.

De facto, a celebração, entre nós, era associada a uma ideia pagã ainda no tempo de D. João I, que numa carta de 1385 a considera como um costume diabólico e um crime de idolatria.

A consagração do 1º de Maio como Dia do Trabalhador, actualmente feriado nacional em Portugal e em muitos outros países, é uma prática bastante recente. Foi a data escolhida pelo Movimento Operário para manifestar as suas reivindicações e fazer a sua festa em homenagem aos operários que morreram na luta pela jornada de trabalho de 8 horas, em Chicago (E.U.A.), no dia 1 de Maio de 1886. Estas comemorações acabaram por se sobrepôr e ofuscar o que ainda restava dos velhos usos da festa de Maio, hoje praticamente desaparecidos.

Eram costumes antigos e significativos para as populações rurais e manteve-se até há poucos anos, em algumas aldeias o costume de levantar bem cedo no dia 1 de Maio, antes do nascer do sol, “*para não entrar o Maio*”, ou seja, para que o Maio não apanhe ninguém a dormir, o que seria mau presságio.

Em tempos não muito distantes era hábito no dia 1 de Maio, bandos de rapazes vestirem de branco um deles, a quem chamavam Maio Moço, enfeitarem-no com flores e irem de porta em porta, cantando e pedindo dinheiro.

## SANTOS POPULARES

Apesar do ciclo de Junho, chamado dos “Santos Populares” que se desenrola desde a véspera de Santo António (12 de Junho), até ao dia de S. Pedro, ser celebrado em todo o País, era em torno do dia de S. João (24 de Junho) que se desenrolavam as celebrações mais tradicionais, pela sua função eminentemente festiva, extrovertida e popular, e pela grande variedade de aspectos que apresentam e pela riqueza da sua problemática e das suas significações, nomeadamente no que se refere às virtudes das ervas, do fogo e das águas nessa noite, às fogueiras e banhos rituais, às abluções e práticas divinatórias e propiciatórias, relacionadas, sobretudo, com o casamento, a saúde e a felicidade.

O S. João é, acima de tudo, um “Santo Casamenteiro”, e até, por vezes, “brejeiro”. Não era, certamente, por acaso, que as práticas próprias da sua celebração acentuavam este carácter - sortes, divinações e crenças, em que o motivo e objecto fundamental era a felicidade, que, nas versões completas, se definem em relação ao casamento.

Até há alguns anos atrás, era habitual em diversas localidades do Concelho de Sardoal erguer-se, num pequeno largo, ou junto de uma fonte, um pinheiro verde que era ornamentado com flores e verdura e bandeiras de papel colorido, perto do qual se fazia uma fogueira em que se queimava rosmaninho, alecrim e “S. João” (uma pequena planta, aromática, de flores amarelas).

O costume das fogueiras de S. João, que se documenta em Portugal desde, pelo menos, o reinado de D. Afonso V, em que numa carta de perdão de 1451, vem expressamente citado o costume de saltar fogueiras na véspera de S. João. E o mesmo sucede num documento de 1729, que considera a costumeira como uma pura diversão, sem raízes históricas pagãs.

Para além do manjerico, de utilização mais urbana, a alcachofra era objecto de inúmeras práticas e “sortes” divinatórias, tendo em vista o casamento. A alcachofra era queimada ou chamuscada pelos namorados, geralmente na fogueira de S. João, à meia-noite da véspera dessa data; deixava-se seguidamente ao relento, pousada à janela, no telhado da casa, metida na terra num vaso, por vezes de manjerico, enterrada pelo pé, ou dentro de casa, pendurada ou posta atrás das bilhas de barro da água de beber. Se no dia seguinte a alcachofra refluísse, o presságio era favorável, o noivo era firme, o casamento era certo e feliz, realizava-se dentro de um ano, o que se pedia era consentido, etc.

Muito peculiar era a apanha dos figos *lampos*, porque era crença que esses figos, colhidos de manhã cedo, rociados do orvalho bento da madrugada do dia de S. João, possuíam virtudes benéficas; por isso constituíam um presente característico desta data, que se enviava às pessoas estimadas.

No livro **“FESTIVIDADES CÍCLICAS EM PORTUGAL”**, de Ernesto Veiga de Oliveira, sobre o S. João no Sardoal, refere-se o seguinte: **“No Sardoal, a função desenvolvia-se à tarde, no pátio de uma pequena venda, pobremente adornada: sob um coberto, duas violas e dois cantadores, encadeando improvisos de métrica falível, enquanto quatro rapariguinhas, ao sol, davam, silenciosas e ligeiras, as voltas do vira; e fora, junto do cinzeiro extinto da véspera, à beira do caminho, o velho pinheiro, solitário e esquecido...”**

**Uma senhora idosa, do sítio, diz-me. - No meu tempo, isto era uma lindeza! O Pinheiro cobria-se de flores, vinha gente com violas, cavaquinhos e harmónios, cantava-se e dançava-se, o vira, a chula, o malhão!...”**

## DURANTE A QUARESMA (SERRAÇÃO DA VELHA)

O Silêncio, a falta de cânticos, de instrumentos e de divertimentos durante a Quaresma, era extraordinariamente bem observado. Fora dela, era frequente, sobretudo aos Domingos, ouvir tocar gaitas de beijos, harmónicas, concertinas, violas, banjos, bandolins, etc., mas durante a quaresma não se ouvia nenhum instrumento. Nem nos campos, nem em casa se ouvia cantar, e se alguém se descuidava, não faltaria quem lhe lembrasse que na Quaresma não se cantava.

A meio da Quaresma serrava-se a velha, como se dizia. Era a única brincadeira, de mau gosto, permitida na Quaresma. Consistia em ir pelas ruas parando à porta de alguma velha, dizendo umas piadas alusivas ao seu fantasiado testamento.

Fundado este costume, talvez, naquele ditado que diz ser a Quaresma uma velha muito velha, que teve sete filhas (semanas) e que só uma é que foi Santa. Durante a Quaresma havia um dia escolhido para o Ofício das Almas pelos defuntos e sermão do púlpito, assim como nos outros Domingos da Quaresma.

Dentro de um tipo especial de celebrações, em que o sentido primordial da vindicta popular se encontra ainda patente sob o formulário cerimonial dominante, distingo, pela sua importância e sugestiva problemática que suscita, a "Serração da Velha". Carlos Lopes Cardoso, no seu trabalho "O Serrar da Velha", in "Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências" - Coimbra, 1956, tomo VIII, págs. 47-53, notando que o costume se praticava do Minho ao Algarve e de Aveiro à fronteira com a Espanha, indica os seguintes elementos integrativos da cerimónia, esclarecendo porém que em cada caso concreto eles não concorrem todos necessariamente: I) Uma data fixa, que correspondia à noite da quarta-feira que marca o meio da Quaresma; II) Um maior ou menor aparato, que pode ir do cortejo pomposo até à simples zaragata feita com um cortiço ou um serrote, tendendo-se nos núcleos urbanos para o primeiro e nos rurais para o segundo; III) Um "testamento", mais ou menos extenso, no qual são contemplados os vizinhos; IV) A representação da velha por intermédio de uma pessoa viva, um boneco de palha ou um cortiço; V) A serração final da velha ou, em casos mais raros, a sua queima; VI) A distribuição de pauladas pela assistência, em casos muito contados.

Nos casos mais típicos, como eram os que se realizavam no Concelho de Sardoal, a cerimónia consistia numa manifestação trocista e ruidosa, dirigida pela juventude masculina local contra as mulheres velhas - teoricamente a mais velha, na realidade qualquer mulher idosa, e sobretudo se fosse rabugenta - na noite de quarta-feira, a meio da Quaresma, o ajuntamento, munido de latas, um boneco figurando a "velha", ou um cortiço, corria a localidade, e, à porta da mulher idosa mais representativa, pára, "serra a velha" ou o cortiço (que se despedia em altos brados e declamava o seu "testamento").



# NATAL

## REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

Segundo os testemunhos de vários escritores eclesiásticos, o nascimento de Jesus celebrava-se nas igrejas do Oriente a 6 de Janeiro, na festa chamada das Epifanias, aparições ou manifestações do Senhor. Já no século IV essa festa abrangia uma tripla comemoração: a do nascimento de Cristo, a da sua Adoração pelos Reis Magos e a do seu Baptismo. Em Roma, o nascimento do Salvador celebrava-se a 25 de Dezembro, em festa especial que se deve ter estabelecido entre os anos de 243 e 336. O mais antigo documento que a menciona é o calendário chamado filocaliano (do nome de Furius Philocalus que o publicou em 354).

Como se não encontra nos Evangelhos qualquer elemento que permita fixar a data do nascimento de Jesus, discutem os investigadores as razões por que lhe atribuíram, em Roma, o dia 25 de Dezembro. Monsenhor Duchesne dá uma explicação simbólico-astronómico. O dia do nascimento de Jesus ter-se-ia determinado a partir do dia da sua conceição e este ter-se-ia fixado de acordo com o dia presumido da sua morte. Era ideia aceite, entre as primeiras gerações cristãs, que o Mundo tinha sido criado no equinócio da Primavera, fixado pelos cálculos astronómicos de então em 25 de Março. Ora, sendo este um dos dias em que podia cair a Páscoa Judaica, pareceu natural que Cristo tivesse morrido no dia do aniversário da criação do Mundo.

O simbolismo dos números perfeitos requeria, por outro lado, que Cristo tivesse passado na Terra um número completo de anos; por isso, o dia da morte (25 de Março) seria também o da encarnação. Acrescentando nove meses exactos de gravidez de Nossa Senhora, estaria determinada a data de 25 de Dezembro para o nascimento de Jesus.

Segundo outros autores, na época em que apareceu no Ocidente a festa do Natal, a Roma pagã celebrava a 25 de Dezembro o *Natale Solis invicti*, a festa solesticial, consagrada ao Sol cuja luz começa a prevalecer sobre a noite. O clero romano teria julgado oportuno substituir a festa pagã por uma festa cristã e era natural que pensasse no nascimento daquele que segundo o Evangelho, era a verdadeira luz do Mundo. Na incerteza do dia do nascimento do Senhor, ter-se-ia fixado a comemoração a 25 de Dezembro com o fim principal de substituir a festa pagã desse dia.

Uma coisa é a realidade histórica do nascimento de Jesus em Belém, outra a tradição litúrgica da sua comemoração.

## PRESEPIO

Lê-se no Evangelho que Maria deu à luz o Menino Jesus em Belém “ e o enfaixou em panos e o reclinou num *presépio*” (Luc. II, 7). Na basílica da Natividade em Belém, ainda hoje se venera a gruta em que, segundo a tradição antiga e ininterrupta, Jesus nasceu, e nesta gruta o lugar onde esteve o *presépio*, ou manjedoura, formando pequena cavidade no rochedo. Orígenes dizia que, no seu tempo, ainda aí se conservava o *presépio*, mas S.Jerónimo contava que “por um sentimento de veneração a Cristo, se havia retirado o *presépio* de barro, para o substituir por um de prata”. Na igreja de Santa Maria Maior, em Roma, conserva-se um *presépio* de madeira, considerado autêntico. Segundo S.Jerónimo, será apenas o suporte do verdadeiro *presépio* de barro. Impõe-se que este *presépio* de Santa Maria Maior só aí foi colocado por meados do século VII, no pontificado de Teodoro I, mas já uns duzentos anos antes se venerava uma imitação, na cripta dessa basílica.

No século IV, o mistério do Natal representava-se sem o *presépio*; a imagem do Menino Jesus repousava no chão. Tinha-se, porém, introduzido já então o uso de representar o boi e o jumento, com os pastores. A figuração dos animais é um elemento procedente dos evangelhos apócrifos que aplicaram a Jesus certos textos do Antigo Testamento (*Isaías*, I, 3; *Habacuc*, III,2, segundo a versão dos Setenta). Estas representações do *presépio* foram-se multiplicando a partir do século VII, mas só se tornaram verdadeiramente populares por intervenção de S. Francisco de Assis. No ano de 1223, este santo festejou a noite de Natal num bosque de Greccio, com missa solene, diante de um grande *presépio* armado no meio das árvores. Assistiram os seus confrades e grande multidão de povo. Desde então, os franciscanos tornaram-se os propagandistas desta figuração do Natal, que se foi enriquecendo de quadros e personagens ao gosto de cada povo e constituiu excelente motivo de inspiração para os artistas. Arma-se o *presépio* nas igrejas e nas casas, durante o tempo do Natal, sem carácter obrigatório, segundo a vontade e os recursos dos devotos.

Reportando-me rigorosamente à origem da palavra, devo admitir como *presépio* toda a representação plástica das cenas primeiras da vida de Jesus, o nascimento e as adorações quase imediatas, isto é, quanto nessa vida prodigiosa se passa no estábulo, gruta ou arribana em que o Divino Menino veio ao Mundo.

No entanto, embora devesse ser esta a extensão primitiva do vocábulo, é certo que ela se limitou um pouco e na sua acepção popular quase está reduzida à designação dos sub-grupos de figuras modeladas (quase sempre em barro) e de índole rústica ou popular, representando um conjunto mais ou menos fantasioso do Nascimento, Adorações, etc., e tendo como parte central a arribana sacrossanta.

A divulgação da *Árvore do Natal* que nas últimas décadas se tem feito por quase toda a Europa relegou a plano secundário a tradicional e expressiva representação plástica dos *Presépios* como a melhor maneira de assinalar a quadra festiva do Natal. Com efeito, por seu intermédio tornou-se vivo o longínquo espectáculo da gruta de Belém em quase todos os lares dos ricos e dos pobres.

Em Portugal, o culto desse mistério de tal maneira se desenvolveu que a significação mística igualou o mérito da arte. Em quase todos os exemplares existentes em Portugal, sobressai como foco principal - o que é lógico - a cena do nascimento, propriamente dita, à volta da qual se desenvolve uma população heterogénea formada pelo "clero, nobreza e povo", conjunto que põe no espectáculo uma animação rara de sentimento religioso. Não falta, ali, o friso da cavalgada dos Reis Magos, opulentos de riqueza em suas vestes de brocado, polvilhadas de ouro, que o vento parece enfundar no jacto da corrida.

Em torno do motivo central - o velho tema da natividade com o Menino, a mangedoura e o estábulo - dispõem-se todas as figuras típicas da vida popular, unidas pelo mesmo coro de fé que o quadro representa.

Mas o verdadeiro sabor dos *presépios* está, exactamente, na sua falta de erudição. Só o conceito popular lhes pode transmitir o cunho da sinceridade com que sabem prender o coração dos simples, pondo ante os seus olhos quadros semelhantes aos da sua vida, personagens do seu convívio, terras iguais à sua terra e amor igual ao seu amor.

## CONSOADA

Na véspera do Natal, à noite - "noite de consoada" - , reunia-se a família para *consoar*. Todos os parentes, os mais chegados se esforçam por se juntar na grande ceia do Natal - a *ceia da consoada*, a qual é, em verdade, a "festa da família". Há quem venha de muito longe, propositadamente, para não faltar à consoada. Esta ceia da noite de Natal é a verdadeira *consoada*, a *consoada* por excelência, porque no norte do País também se costuma consoar na véspera do Ano-Novo e na véspera dos Reis.

A hora própria da ceia era a meia-noite, mas muitas famílias ceavam mais cedo, aí pelas 21 horas, a tempo de se poder ir à Missa do Galo, que era pela meia-noite. Nessa refeição, abundante e melhorada, alegre como nenhuma outra, há pratos tradicionais. O cozido de bacalhau, além deste peixe, seco, bem demolido, e das batatas, consta de ovos, cebolas, cenouras e couves. O prato assim completo chama-se *bacalhau com todos* ou, mais popularmente, *bacalhoada*. A hortaliça usada é a couve portuguesa, a couve dos Valhascos ou os grelos de couve ou de nabo.

Nesta noite, o pão que se comia era o de trigo - "pão alvo" ou "pão branco" -, e o mel tinha largo consumo. À sobremesa, são de notar ainda as frutas secas: figos, uvas, ameixas, pinhões, nozes, avelãs, amêndoas, etc. Repare-se que a palavra *consoada* significava originariamente "qualquer refeição leve, sem carne, tomada nos dias de jejum, à noite", sendo sinónimo de *colação*. Dessa refeição fazia parte a fruta, que era, pode-se dizer comida forçada. Verifica-se, portanto, que foi por limitação de sentido que o vocábulo *consoada* veio a significar *Ceia de Natal*.

A mesa da *consoada* não se deve "levantar". Os restos da comida ficavam na mesa toda a noite, em atenção aos mortos da família. Não é bom lavar, nessa noite, a louça que serviu a ceia.

A *consoada* é de *magro*, porque se efectua antes da meia-noite. Quando se efectuava depois dessa hora, a ementa podia ser outra, com um prato principal de carne (assado de cabrito, peru, etc.), e, de sobremesa, filhós (também chamadas *coscoréis*), fatias douradas, frutas secas, etc.

Em Entrevinhas, assim como noutras aldeias do Concelho de Sardoal, manteve-se até há cerca de vinte anos, o costume muito antigo de acender uma grande fogueira junto à igreja da Aldeia, para o que se juntavam os rapazes que procuravam e transportavam um grande tronco, chamado a "bezerra", que em alguns anos chegava a arder desde a noite de Natal até ao dia de Ano Novo.

## EPIFANIA - DIA DE REIS

Festa litúrgica que se celebra a 6 de Janeiro. Esta solenidade, uma das mais antigas do calendário cristão, era celebrada no Oriente desde o século II e foi introduzida no Ocidente pelos fins do século IV. Na Igreja oriental comemorava três mistérios: nascimento de Jesus, adoração dos Magos e baptismo do Senhor. No Ocidente, fixou-se a festa do Natal em 25 de Dezembro e comemorou-se na Epifania a chegada dos Magos, o baptismo de Jesus e as bodas de Caná. Ainda na liturgia restam vestígios desta tríplice comemoração, mas hoje avulta especialmente a do primeiro, reservando-se as outras, respectivamente, para o dia da oitava e para o 2º domingo depois da Epifania. A festa da Epifania celebra-se sob o rito dúplice de 1ª classe, com vigília e oitava privilegiada de 2ª ordem. Faz parte do tempo litúrgico do Natal. Depois da Epifania, podem contar-se até seis domingos, seguindo-se ao último o da Septuagésima em que começa a preparação para a festa da Páscoa. No Oriente, a Epifania é chamada *Teofania*; no Ocidente dá-se-lhe comumente o nome de *Festa dos Reis* ou *Dia de Reis*, mercê da vulgarizada ideia de que os magos eram reis.

# PARÓQUIA DE ALCARAVELA

## ORAGO: SANTA CLARA

ALCARAVELA, nome de origem árabe, é o conjunto de todos os povoados que integram a freguesia, tendo cada um desses povoados o seu nome próprio.

A referência mais antiga que conheço sobre Alcaravela data de 1320. Trata-se de um registo das igrejas ou capelas que estavam sujeitas ao pagamento de uma taxa. Desse registo consta já a Igreja de Santa Clara, situada a norte da Serra de Alcaravela.

Aparece referida no Censo Geral do Reino, mandado efectuar por D. João III em 1527, onde a vintena\* de Alcaravela aparece com 58 moradores. Também é referida, por diversas vezes, na Carta de Demarcação do Termo da Vila de Sardeal, dada em Lisboa, por D. João III, a 10 de Agosto de 1532.

Em 1712, o Padre Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa* refere-se-lhe, nos seguintes termos: “Que este termo tem uma igreja paroquial da invocação de Santa Clara, priorado de Malta\*, a quem pertencem os dízimos e a terça é dos Bispos da Guarda, que visitam somente o corpo da igreja, a que são obrigados a consertar os fregueses; e a capela-mór é de Malta e corre por conta do Prior e é visitada pelo Visitador\* do Priorado do Crato. Que esta igreja está situada no lugar de Alcaravela que tem 120 vizinhos\* que povoam muitos casais e uma ribeira no Casal do Vale Formoso, com 2 azenhas, 1 lagar de azeite e 2 pisões\*.

Aparece depois referida no *Dicionário Geográfico*, do Padre Luís Cardoso (1747), destacando-se os seguintes apontamentos:

- A igreja paroquial tem só uma nave e três altares consagrados, um a Santa Clara, outro à Senhora do Rosário e o terceiro às Almas;
- O Prior é da apresentação da Casa do Infantado\* e tem 100 mil réis de renda.

Em 1758, o Pároco de Alcaravela, Padre André Lopes, nas respostas ao *Interrogatório do Bispo do Algarve*, refere o seguinte:

- A Alcaravela pertencia ao Bispado da Guarda;
- A freguesia tinha 326 moradores maiores de sete anos, com 110 fogos;
- As imagens veneradas eram, além de Santa Clara, a Senhora do Rosário, Santa Rita, S. Sebastião, Santa Luzia, o Espírito Santo, S. Domingos e S. Brás.

Não se sabe quando foi fundada a Paróquia. Já o era em 1708, pertencendo à Diocese da Guarda. A partir de 14 de Setembro de 1882 passou a pertencer à Diocese de Portalegre, depois de ter pertencido à Diocese de Castelo Branco, não se sabe desde quando.

Não existem dados documentais que permitam saber qual a data de construção da primeira igreja, capela ou ermida, em Alcaravela.

O Dr. Augusto Serras no seu livro “ALCARAVELA -Memórias de um povo”, coloca a hipótese de ter sido construída no século XVI, sobre uma ermida anterior, referindo também algumas indicações que lhe foram transmitidas pelo Professor Doutor João Serras e Silva, de que teria sofrido uma grande transformação no século XVI, outra no século XVIII, tendo-lhe sido dada uma feição barroca de baixo nível, que veio a perder nas reparações a que foi sujeita no século XIX (1853 e 1874).

A actual igreja foi construída no local da anterior a expensas da população sob a direcção do Pároco de então, Padre Francisco José Pires. Foram principais benfeitores desta igreja, o Professor Doutor João Serras e Silva e o Sr. João Serras, ambos naturais de Santa Clara. Todo o povo contribuiu com grande generosidade para a sua construção, dando dinheiro, madeiras e trabalho. A sua construção foi iniciada a 3 de Março de 1921, sendo inaugurada a 21 de Setembro de 1924.

Assistiram à festa de inauguração, Sua Ex<sup>a</sup> Rev<sup>a</sup> o Bispo de Portalegre, D. Domingos Maria Frutuoso, o Senhor Bispo de Viseu, D. António Alves Ferreira, natural de Valhascos. O Sermão da Festa foi pregado por Sua Eminência, o Cardeal Patriarca de Lisboa, ao tempo Lente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A quantia gasta na reconstrução foi de 58.000\$00, fora as madeiras e serventia, que foram oferecidas pela freguesia. Gastaram-se 450 metros de pedra, 150 carradas de saibro, 1 470 alqueires de areia, 11 650 tijolos e 48 metros de cal.

Trata-se de uma igreja sóbria, de estilo incaracterístico, com dois altares laterais, em estuque e o Altar-Mór em talha, com colunas retorcidas, no estilo barroco, em arco. Tem duas imagens da Padroeira: uma sobre o arco e outra no trono do Altar-Mór.

O Rev<sup>o</sup> Cónego António Franco Infante no seu livro "Culto Marial na Diocese de Portalegre-Castelo Branco", refere que nesta igreja, em altar próprio, se venera uma imagem de *Nossa Senhora do Rosário de Fátima*, tendo a antiga imagem da titular Nossa Senhora do Rosário (Sec. XV) - sido levada para o Paço Episcopal da cidade de Portalegre, onde actualmente se encontra.

SANTA CLARA: Fundadora das religiosas franciscanas, nasceu em Assis em 1 193 e morreu em 1 253. Aos dezoito anos impelida por irresistível tendência religiosa, fugiu da casa paterna para ir tomar a direcção espiritual de S.Francisco de Assis, acompanhada por sua tia Branca.. Havendo-se transferido para o Convento de Sant'Angelo in Pauzo, ali se lhe juntou sua irmã Inês, e, em companhia de outras jovens que seguiram o seu exemplo fundaram a Ordem das Clarissas ou Claristas.

S.Francisco destinou-lhes como vivenda uma rústica casa perto da Capela de S.Damião. Clara, que em 1215 foi nomeada superiora do Convento de S.Damião, continuou a governá-lo em qualidade de abadessa até à sua morte.

Certa vez em que S.Francisco visitava o Convento de S.Damião, sofreu um ataque de cegueira, durante o qual Santa Clara mandou construir perto do convento uma choça de vimes onde o Santo compôs o seu célebre *Cântico do Sol*. À morte deste, a comitiva que levava o seu corpo da Porciúncula para Assis parou diante do Convento de S.Damião, a fim de que os restos do Santo morto fossem venerados por Clara e as suas religiosas, cena que Giotto perpetuou num dos seus mais célebres frescos. Quando em 1234, os exércitos de Frederico I invadiam o Vale do Spoleto, Clara conteve os soldados nas suas violências empunhando o cálice sagrado, motivo porque a Santa se representa sempre com um cálice na mão.

Santa Clara de Assis foi canonizada pelo Pontífice Alexandre IV, em 1255 e a sua festa celebra-se a 12 de Agosto.

## **CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES E DA LUZ - PRESA**

Construída e inaugurada em 1891, num terreno doado em 1888, por Joaquim Pires e sua mulher Maria de Jesus, moradores no lugar de Presa.

A Imagem de Nossa Senhora das Necessidades e da Luz é uma só Imagem com duas invocações. Na mesma capela está ao culto uma escultura da Sagrada Família da Nazaré: Jesus, Maria e José, cantando-se-lhe esta estrofe popular:

Eu fui às festas à Presa  
Para ver o meu amor,  
E vim de lá encantada  
Com três Santos no andor

A sua festa celebra-se no primeiro domingo de Setembro.

Há, também, a Capela do Imaculado Coração de Maria, na povoação de Vale das Onegas, construída nos meados do século XX por iniciativa do Padre Augusto Lopes,

filho desta terra, venerando-se nela a Imagem da Titular e S. Sebastião. Há também a Capela de S. Francisco, chamada *Nova Porciúncula\**, construída há cerca de 40 anos. É obra de Frei João d'Alcaravela, que foi frade franciscano e actualmente desligado da Igreja Romana e a Capela de Santo António, no lugar de Panascos e construída, já, na 2ª metade deste século.

Alcaravela tem fortes tradições cristãs, como o demonstra o grande número de vocações de consagração que dela têm nascido. Em 1985 contava com 18 sacerdotes nela nascidos e criados e em actividade na Diocese de Portalegre e Castelo Branco. Há cerca de 20 anos eram 24.

# PARÓQUIA DO SARDOAL

## ORAGOS: S. TIAGO (*Sant'Iago*) E S.MATEUS

Exceptuando Constância que tem dois Oragos - um da freguesia e outro da Igreja, respectivamente S. Julião e Nossa Senhora dos Mártires, só Sardeal nos aparece na diocese de Portalegre e Castelo Branco, com dois Oragos, fundamentando-se o facto em qualquer motivação histórica que ainda não foi possível apurar.

### BREVE RETRATO DOS PADROEIROS

#### S. TIAGO

Este Apóstolo chamado "o Maior" para se distinguir do seu homónimo no colégio apostólico, era filho de Zebedeu e de Salomé e irmão de João Evangelista. No princípio da pregação de Jesus, foi objecto de uma vocação que no ano seguinte se tornou definitiva.

Correspondendo docilmente, com seu irmão, ao chamamento do Mestre, tornou-se um dos doze (Mat.IV, 21 e 22, X, 2-4).

Na lista dos apóstolos, aparece em S. Marcos (III, 13) logo a seguir a Pedro, mas outros sinópticos dão-lhe o terceiro lugar. É um dos três privilegiados que assistem à ressurreição da filha de Jairo e à transfiguração de Jesus e que estão mais próximos Dele, no momento da Agonia.

De combinação com o irmão, mandou pedir por sua mãe o primeiro lugar ao lado de Jesus e recebeu a resposta de que havia de beber o cálice, mas sem a certeza de obter o lugar desejado. Depois da cena da Agonia, deixa de ser citado nos Evangelhos, mas nos Actos dos Apóstolos, dizem que recebeu com outros o Espírito Santo, por ocasião do Pentecostes e registam em duas palavras o seu martírio.

Pelo ano de 42, Herodes Agripa, a fim de agradar aos Judeus mandou-o decapitar em Jerusalém. Tudo o mais que se conta acerca deste apóstolo pertence ao domínio da lenda e pode resumir-se assim: Tiago, filho de Zebedeu, depois de prégar na Judeia e na Samaria, encaminhou-se para a Hispânia. Vendo que pouco aproveitava aqui, voltou para a Judeia onde converteu Fileto, discípulo de um mago chamado Hermógenes e, por fim, também este.

Os Judeus, furiosos com estas conversões, dirigem-se-lhe em tom insultuoso; muitos, porém, vieram a converter-se com a sua pregação e milagres. O Sumo-Sacerdote Abiatar levou então o povo a apoderar-se do apóstolo e a levá-lo a Herodes Agripa, que lhe mandou cortar a cabeça. Sucedeu isto em 25 de Março, mas a Igreja, fixou-lhe a festa em 25 de Julho, data em que o seu corpo foi trasladado para a Galiza.

As lendas peninsulares acrescentam que o apóstolo, durante a estada na Hispânia, foi favorecido em Saragoça com uma aparição da Virgem Maria, então ainda viva, a pedir que lhe edificasse um templo. Tal seria a origem do templo do Pilar. Dizem, ainda, que recrutou aqui alguns discípulos que o acompanharam até Jerusalém e depois trouxeram o seu corpo para a Galiza. Estas lendas são todas muito tardias; a da pregação na Hispânia não é anterior ao século VIII; a da trasladação para a Galiza aparece por fins do primeiro quartel do século IX. O culto local do apóstolo, junto do túmulo que lhe foi atribuído já estava estabelecido cerca do ano de 850. Na antiga liturgia hispânica a sua festa celebrava-se a 30 de Dezembro.

O Revº Cónego António Franco Infante (ibidem) refere-se a S. Tiago, a dado passo, na forma seguinte:



*"(...) A influência de Santiago foi muito grande na Península Ibérica, sendo Compostela então considerada, pela afluência de peregrinos, "A grande Universidade da Idade Média Ocidental" e para o Islão "A Mesa dos Cristãos".*

*Para isso contribuíram, a par de alguns feitos bélicos prodigiosos, a lenda medieval que refere ter sido o corpo de Santiago lançado logo lançado ao mar na Palestina, donde viera miraculosamente acompanhado por um cavalo que aportou à Galiza coberto de conchas marinhas. Outros historiadores afirmam que S. Tiago fora metido por alguns discípulos muito secretamente num barco e, guiados por um Anjo, chegaram à Galiza onde o desembarcaram e deitaram numa pedra, tendo-se esta imediatamente transformado em sepulcro como se fosse cera. Camuflado com vegetação, assim permaneceu durante séculos até ao reinado de D.Afonso II, o Casto, tendo o túmulo sido descoberto pelo bispo Teodomiro, por indicações de um aldeão montanhês, num bosque onde uma luz azul de brilho maravilhoso e cintilações persistentes chamava as atenções. A esse lugar iluminado pela estrela deu-se o nome de Campus Stellea - Campo da Estrela - que deu Compostela.*

*Fazendo-se escavações por mando do referido bispo, deparou-se com um sarcófago que encerrava intacto o corpo de Santiago que depois de trasladado para um pequeno templo mandado construir por D. Afonso, já citado e sua esposa. Destruido pelos mouros comandados por Al-Mansur em 997, surgiu em seu lugar 85 anos mais tarde ou seja 1 092, uma das mais formosas e famosas catedrais da Europa.*

*A que propósito virá este apontamento histórico na memorização de uma freguesia, cujo objectivo é o culto Marial? Responderemos que Santiago de Compostela foi centro de peregrinações na Idade Média, contando romeiros vindos não só da Espanha e de Portugal, mas de toda a Europa.*

*É óbvio que os mais beneficiados, desde o início, foram os povos ibéricos, não só porque estavam mais próximos geograficamente, mas por terem sido evangelizados por S. Tiago e terem assistido ao prodígio por ele realizado na batalha contra os mouros, na Era de 844, sendo Ramiro o rei das hostes cristãs.*

*Diz a tradição que no mais aceso do combate, apareceu misteriosamente Santiago montado em cavalo branco e brandindo uma espada de fogo que pôs em debandada os mouros. Isto contribui para se incentivar o culto de Santiago, multiplicando-se os seus templos, imagens, retábulos em pintura e painéis em azulejos por toda a parte. Como Deus realiza maravilhas através dos seus Santos, o culto que se lhes presta não anda nunca desvinculado de Deus e da Virgem Maria. Esta é a razão do mini-apontamento histórico sobre o Orago da Matriz do Sardeal."*

## S.MATEUS

Apóstolo e Evangelista. Judeu de origem, exercia o cargo de publicano ou cobrador de impostos na cidade de Cafarnaúm.

Chamado por Jesus, deixou o telónio\* e ofereceu em sua casa, ao Senhor e aos discípulos um banquete a que assistiram muitos outros publicanos (Mat.IX, 9-13, Marc.II, 14, Luc.V, 27).

Era filho de Alfeu, sem, todavia, ser irmão de Tiago, o Menor.

Das narrativas evangélicas conclui-se que usava, também, o nome de Levi; é possível que fosse este o seu nome próprio e que Jesus lhe desse o de Mateus (= dom de lavé), quando o chamou, como fez a Simão, impondo-lhe o nome de Pedro. Além do episódio da sua vocação, o Novo Testamento nada refere a respeito de Mateus, apenas inclui o seu nome nas listas dos Apóstolos. Devia, como o outros, acompanhar o Salvador no seu ministério, assistir às aparições de Cristo Ressuscitado e à Ascensão e participar na fundação da Igreja de Jerusalém.

É cheio de incertezas o que se conta àcerca da sua vida e pregação. Atribuem-lhe várias regiões como campo de apostolado: o Ponto, a Pérsia, a Síria, a Etiópia, a Macedónia, a Hibérnia, a Índia, etc. A Igreja Latina honra-o como mártir a 21 de Setembro,mas não se sabe qual foi o género de morte que padeceu.

No simbolismo da arte cristã é representado pelo homem, porque no princípio do seu Evangelho expõe a genealogia de Cristo na ordem humana. Escreveu o 1º Evangelho.

## DAS ORIGENS DA FREGUESIA DE SARDOAL

Serrão da Mota, nas suas *"Memórias Restauradas do Antigo Lugar e Vila de Sardoaal"*, escrito a partir de 1754, refere a tradição existente naquela época, de que a freguesia fora em tempos recuados em S. Simão (na altura designada por Alferrarede), do termo da Vila de Sardoaal, sem mais fundamento do que conservar-se ali pia baptismal, o que pode ser como freguesia anexa e não como Matriz, uma vez que antes do Concílio de Trento, todas as freguesias tinham pia baptismal e autorização para baptizar, visto que não havia registo obrigatório. O que deve ser notado é que haver pia baptismal na Igreja de S. Simão e conservar-se a Feira chamada de S. Simão, no dia deste Santo (28 de Outubro), é indício de grande antiguidade e que ele poderá ter sido antigo Orago e Padroeiro, antes que o fossem S. Tiago e S. Mateus. (S.SIMÃO: Apóstolo, denominado o *Cananeu*, porque segundo se diz, era originário de Caná da Galileia. Os evangelhos sinópticos\* não registam a seu respeito nenhum pormenor; apenas lhe colocam o nome quase em último lugar, depois de Tadeu, com o qual é festejado a 28 de Outubro. A tradição diz que ele padeceu martírio depois de ter evangelizado o Egipto e a Pérsia.)

Outros defendem, continuamos a citar Serrão da Mota, que a sede da freguesia foi em Nossa Senhora dos Remédios, junto ao Castelo de Abrantes e em 1753 ainda se conservar a antiga posse e os párocos do Sardoaal iam ali celebrar missa, todos os anos, na festa de S. Tiago. *"Queiram que sendo como ainda está, esta freguesia de S. Tiago e S. Mateus, se dividia em duas, para maior comodidade dos párocos ou dos fregueses. Ali era S. Tiago, e S.mateus era nesta Vila, defronte da Igreja da Misericórdia, onde hoje (1754) se conserva um arco de pedra a que chamam de S.Mateus, por se dizer haver sido ali a sua igreja."*

O Capitão Manuel António Morato, na sua *"Memória da Notável Vila de Abrantes"*, escrita no século passado, referindo-se à fundação da Igreja de S. Tiago, em Abrantes, escreve o seguinte:*"(...) As mesmas conjecturas nos levaram a marcar o ano de 1341, como aquele em que se edificava a Igreja de S. Pedro, nos obrigam a pensar o mesmo sobre a edificação da Paróquia de S. Tiago; por isso que palavras e letras também soltas e destacadas, assim o parecem confirmar nos deteriorados apontamentos do Bispo D.Frei João da Piedade.*

*A esta freguesia pertenciam os moradores do Sardoaal e dela se separaram no reinado de D.Afonso V, passando a formar freguesia à parte, com a invocação de S.Mateus e S. Tiago e a primitiva igreja ficou desde então considerada ermida, com a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, mas debaixo da jurisdição do pároco do Sardoaal, que apresenta nela ermitão\**

Muito curioso é um documento existente no Arquivo Municipal de Sardoaal, uma carta de sentença dada pelo Bispo da Guarda, D. Luís, com a data de 15 de Setembro de 1456, a favor dos moradores do Sardoaal, contra o Prior Fernão Álvares de Almeida, por este pretender, por este pretender obrigar os ditos moradores a prover a Igreja de S. Tiago e S.Mateus, de ornamentos, sinos, livros, etc. Foram absolvidos os fregueses e condenado o prior ( o Bispo chama-lhe Vigário\*) a prover a igreja de guisamentos\*. Contudo conclui: *"E por esta sentença, não havemos os ditos fregueses por relevados de fazerem e repararem o corpo, altares, imagens, capelas, apendres e campanários da dita igreja, a que são obrigados."*

Este documento prova que a Igreja de S. Tiago e S. Mateus já existia em 1456, no reinado de D.Afonso V. Em 22 de Setembro de 1531, quando D. João III, fez Vila o

lugar de Sardoal, fez, no mesmo dia, doação do padroado das igrejas do Sardoal e do seu termo a D. António de Almeida.

Voltando a Serrão da Mota (ibidem):

*“Antes de ser Vigararia foi priorado de grande dote, pois das suas rendas, um dos seus priores, repartindo-as por quatro benefícios que criara, se sustentam quatro beneficiados, que de manhã e tarde assistem em perpétuo louvor de Deus na dita Igreja e no coro dela há dois capelães que servem o dito coro, com os quais o Vigário, congregando-se por sua devoção ao dito Colégio e rezando nele algumas horas canónicas, faziam esta colegiada muito mais plausível, com o que muito se enobrecia este povo.*

*(...) Prometemos tratar mais largamente das coisas pertencentes à Igreja desta Vila, sendo-nos mostratos papéis que disse tratavam, como se nos tinha prometido.*

*Hoje, porém, perderam-se as esperanças de poder vê-los, porque achando-se os que havia na cidade de Lisboa, por motivo de uma demanda em respeito de benefícios, temos por desengano, que pelo Terramoto de 1755, no primeiro de Novembro, em que se destruiu e queimou a maior parte daquela cidade. Com tantos cartórios que no distrito que compreendeu o incêndio, nada livrou às chamas e às ruínas, são perdidas as esperanças de jamais podermos ver os ditos papéis, os quais ainda que por acaso se pudessem livrar do incêndio, porque talvez estivessem onde este não houvera chegado, não será preciso menos milagre ou casualidade, segundo as mudanças da cidade em diversos abarracamentos em que está hoje e poderem ser restituídos uns papéis que no tempo presente, nada em Lisboa se tem por coisa menos importante.*

*E assim dizendo o que somente sabemos, tanto por tradição e algumas escrituras que antes temos visto, como por vestígios que ainda estão, é, sem dúvida, que a primeira freguesia foi defronte da porta principal da Misericórdia, aonde por entre quintais de diversos moradores ainda hoje se vê um arco de cantaria tosca, que denota ser mais de porta do que de cruzeiro; também pela altura de mais de quatro côvados\* ao solar da rua se infere ser porta travessa e não principal, porque havemos de supôr que tal igreja teria a porta principal voltada para poente, contra o acaso do sol e para a frente da Misericórdia.*

*Também pode concorrer para o mesmo fim, porque a força maior do lugar do Sardoal, ficava da Misericórdia para baixo e compreendia o que hoje são quinchosos\* subúrbios, tanto sobre a Ribeira Pequena, como sobre a Ponte de S. Francisco e vizinhanças do Paço, em outros distritos se vêem ainda hoje vestígios de serventias antigas, como portadas e outros.*

## **IGREJA MATRIZ**

É um belo templo da 2ª metade do século XV, como o atestam o seu portal gótico e a sua rosácea de granito escuro, ambos elaborados sem grandes ornatos. No corpo do templo encontram-se quatro altares de pedra da Batalha, de finais do século XVI, num estilo claramente maneirista\*, tanto na sua concepção como no lavor decorativo, denunciando a depuração exigida pelos cânones tridentinos, longe da exuberância decorativa renascentista. Uma destas capelas foi posteriormente transformada em Capela do Coração de Jesus, para onde foram transferidos no início da década de 40, deste século, os quadros do primitivo retábulo que foi, no século XVII, apeado e substituído por outro de talha dourada.

Este conjunto de pinturas, que até à data mais tem contribuído para a divulgação do património local, cuja identificação se deve a Virgílio Correia, constituiu o núcleo a partir do qual se fez a identificação de cerca de três dezenas de pinturas, agrupadas por afinidades estilísticas, o que mereceria ao seu autor, o epíteto de *Mestre do Sardoal*.

De acordo com o citado historiador, trata-se de uma obra da oficina do pintor Vicente Gil, situada em Coimbra, dirigida por Vicente Gil até 1518, ano em que lhe sucedeu, seu filho Manuel Vicente. Com actividade documentada a partir de 1491, Vicente Gil seria nomeado pintor régio de D. João II, mantendo-se ligado aos círculos artísticos da Rainha D. Leonor.

A surpreendente encomenda deste retábulo a uma oficina de Coimbra, compreender-se-á melhor se nos recordarmos que o seu encomendante foi o Bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, irmão e testamentário do padroeiro da igreja, D. Francisco de Almeida, 1º Vice-Rei da Índia, filhos de D. Lopo de Almeida, 3º Conde de Abrantes e Vedor\* da Fazenda de D. Manuel I. Com base neste pressuposto, pode-se afirmar, com alguma segurança, que a feitura do retábulo terá ocorrido entre a primeira e a segunda década do século XVI, uma vez que o doador faleceu em 1510.

São apenas sete as tábuas que restam do políptico\*, descobertas pelo Dr. João Couto em 1938 e recuperadas e restauradas a fim de integrarem a Exposição dos Primitivos Portugueses, realizada em 1940, por ocasião das Comemorações dos Centenários (da Fundação da Nacionalidade e da Restauração da Independência Nacional).

Em duas delas se representa uma *Anunciação*, em *pendant\**, figurando o Anjo São Gabriel, numa, e a Virgem, na outra. São tábuas de dimensões razoáveis, medindo cerca de 1470 mm de altura e 900 mm de largura. Outras duas pinturas, e dimensões idênticas, representam *S. João Baptista* e *S. João Evangelista* distinguindo-se o primeiro, pelo cordeiro e o segundo pelo cálamo\*. Subsistem, ainda, três tábuas de predela\*, as melhores do conjunto, figurando na central o busto de Cristo e os dos de S. Pedro e S. Paulo, nos painéis laterais.

Trata-se de uma pintura de transição entre o Tardo-Gótico e o Renascimento, revelando, por um lado, um certo apego ao tradicionalismo goticista, no hieratismo\* das poses e rigidez de panejamentos, na debilidade manifesta ao nível da perspectivas, bem como em algumas deficiências anatómicas, ao mesmo tempo que se abre, já, a sugestões flamenguizantes\*. A paisagem de fundo de alguns painéis e o delicado tratamento de pormenores (veja-se a albarrada\* da Virgem da Anunciação e o porta-cálamos de S. João Evangelista, p.e.), revelam a forte influência que então se fazia sentir no nosso País, através dos intensos contactos havidos com os principais centros artísticos do Norte da Europa, nomeadamente Gand, Bruges e Antuérpia, em particular, onde Portugal mantinha uma feitoria.

A homogeneidade que ressalta do conjunto pictórico torna praticamente impossível a individualização de mãos. Notam-se, contudo, algumas diferenças acentuadas no tratamento das figuras, revelando-se a série de predela de bastante melhor qualidade que as restantes, não sendo difícil adivinhar mão de mestre no busto de Cristo, de incontestável preciosismo. A expressividade do olhar, a finura no tratamento do rosto de porte aristocrático e a elegância das mãos, denunciam a mestria do artista.

A capela-mór foi no princípio do século XVIII revestida de azulejos de padrão azul e branco representando-se, de um lado, *Santiago combatendo os Mouros* e a *Aparição da Virgem aos Cavaleiros de Santiago*, do outro. Estão datados de 1701 e são o último trabalho de Gabriel d'El Barco, espanhol de nascimento e depois naturalizado português, considerado, por muitos, o maior azulejarista português de todos os tempos, tendo sido concluído em 1703, por Manuel dos Santos, discípulo de Gabriel d'El Barco.

A face do arco-mestre está igualmente forrada de azulejos, mas estes do tipo padrão do fim do século XVII. Ao alto está um Cristo crucificado, entre S. José e a Virgem, sobre uma mísula\*, esculturas de pedra do fim do quinhentismo e em outras duas mísulas que ladeiam o arco, vê-se uma "*Pietà*", escultura de pedra trecentista, belo exemplar pintado e estofado posteriormente e um Santo António, de madeira. Na capela lateral do lado da Epístola merece atenção a pintura fresquista que reveste o seu tecto abobadado, a exigir urgente restauro.

Na Casa da Irmandade do Santíssimo que fica atrás da Capela-mór, está um riquíssimo e interessante espólio de castiçais de estanho (século XVIII) e outras alfaias de culto, com destaque especial para um Cristo em marfim, dos fins do século XVII, uma peça escultórica de grande beleza cujo crucifixo se diz pertença do Santo Lenho\*.

## IGREJA DA MISERICÓRDIA

A Igreja da Misericórdia foi construída no princípio do século XVI ( numa das pilastras do pórtico tem inscrita a data de 1511), mas cujas origens remontam à década de 1370, quando o Rei D. Fernando e a Rainha D. Leonor de Teles, então a viverem nesta zona, fugindo da peste que então grassava em Lisboa e esperando, ao mesmo tempo, que serenassem os ânimos populares bastante agitados com o casamento do seu Rei, ali mandaram erguer uma capela, perto da primitiva Matriz, a Igreja de S.Mateus, que ficava quase em frente. É curioso notar que a Igreja da Misericórdia é um dos raros templos do Sardoal que contraria a orientação clássica que manda colocar a nascente a capela-mór, que aqui se encontra em sentido contrário. Com o dinheiro da Confraria da Misericórdia se alargou o templo no ano de 1552.

Segundo Serrão da Mota (ibidem), são as seguintes as origens da Igreja da Misericórdia:

*"(...) Continuou, enfim, tanto a devoção dos moradores desta Vila, em grandiosas dádivas, com que muitas pessoas, por sua morte, enriquecendo a dita Confraria, que as posses vieram a superar as despesas e sem faltar com o que a caridade pedia com os pobres, se compraram mais umas casas que foram de Álvaro do Casal, que foi Provedor do Hospital dos Mancos da cidade de Lisboa, segundo consta de um truncado pergaminho do Arquivo da Câmara e onde depois morreu aqui pobremente, ali no lugar das ditas casas, acrescentando-se com elas e uma tal capelinha fabricaram a Igreja e Sacristia, como hoje existe, sendo Provedor da Confraria: Simão Dias, Escrivão: Diogo Lourenço Panasco e Procurador: Simão Vaz, criado de D. António de Almeida e Mordomo: Fradique Lopes, os quais no ano de 1552 fizeram arrematar a dita obra, com o portal que tem de pedra de Coimbra e arco da capela a dois oficiais da mesma cidade, por 120 mil réis e certas condições. No mesmo ano entrou Gil Vaz, também cavaleiro, por Provedor e Rodrigo de Parada, por Escrivão, mandaram fazer o pátio e degraus na forma que hoje se acham e custaram 17 mil réis, sendo os oficiais desta Vila e a pedra de Cabeça das Mós, termo dela. A milagrosa imagem do Santo Crucifixo que com devoção foi ele em todos os tempos venerado e por quem este povo foi socorrido nas preces com que lhe suplicava remédio dos bens temporais, quando se viam perecer por falta de chuvas, foi havida pela devota piedade de Margarida Pinta, senhora nobre desta Vila, para cujo único fim deixou à Confraria 80 mil réis, entre muitas coisas mais."*

Gustavo de Matos Sequeira, no seu *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, Volume III, Lisboa 1949*, refere, o seguinte, sobre esta Igreja:

*"Edifício do século XVI, com algumas modificações posteriores. Portal de pedra de estilo renascentista, de uma linda cor dourada, guarnecido de medalhões entre a curva do arco e a equitrave\*, com labores no friso e nas faces das pilastras. Composição arquitetural mais segura e melhor modelada que a do portal da Misericórdia de Abrantes. Junto da base e ombreira do lado direito há infiltrações de salitre.*

*Sobre o portal, amparada por anjos, avulta um edículo\* de coroação com o painel da Misericórdia. Superiormente há dois óculos de iluminação.*

*A porta lateral de arco de volta redonda, tem o último moldado acirelado\* de seis lóbulos ornamentais. Há, ainda, uma fresta esbelta lateral, muito interessante, no estilo renascentista do porta-ólios\* do Batistério da Igreja da Atalaia.*

No exterior do templo, vê-se, ainda, um painel de azulejos modernos da autoria do pintor Gabriel Constant, representando a Rainha D. Leonor e um letrado que diz ter sido o edifício restaurado em 1931.

Interiormente é um templo de uma nave coberta de tecto de madeira, sendo o arco triunfal\*, lavrado em estilo renascença e apoiado em capitéis com figuras. Na empena há um revestimento de azulejos do século XVIII, azuis e brancos e ao alto uma cruz e um calvário pintados a cor de vinho. No corpo do templo um silhar\* de azulejos da mesma época e cores, sendo a capela-mór também forrada da mesma decoração cerâmica, de padrão e figuras com janelas e portas fingidas de cor de vinho e nos vãos vasos floridos. No lado da Epístola há um painel central com a cena do Lava-Pés, fronteiro a um altar que ocupa o lado do Evangelho. No altar-mór está um Cristo, escultura de madeira do século XVII.

No trabalho "SARDOAL: UMA VISÃO DE FUTURO - Perspectivas de reordenação do seu património artístico", apresentado pelas Dras. Teresa Cunha Matos e Maria Teresa Desterro, ambas Mestres em História da Arte, nas Jornadas de Património Rural, realizadas em Constância, em Outubro de 1998, sobre a Igreja da Misericórdia, refere-se, a dado passo, o seguinte:

*"A atestar a feitura quinhentista ficaram-nos as mais belas representações decorativas, nos dois portais e em uma janela, de magnífico labor Renascença.*

*O portal lateral de recorte manuelino, encontra-se, infelizmente, bastante danificado. É, no entanto, o portal principal a obra-prima desta igrejinha, cujo avançado estado de deterioração, se não for urgentemente intervencionado, poderá fazer desaparecer mais uma das jóias da nossa Renascença.*

*Trata-se de um típico portal renascentista, já o dissemos, esculpido em pedra de Ançã. O enquadramento arquitectónico é constituído pelo friso e pilastras\* de fino labor decorativo, que delimitam o arco de volta perfeita ladeado pelos tradicionais medalhões com bustos salientes.*

*A arquitrave é sobrepujada por um edículo escultórico onde se representa N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Misericórdia e respectivos acompanhantes, o clero de um lado, a nobreza do outro, acolhendo-se sob o seu manto protector.*

*O cuidado posto na execução figurativa, a delicadeza aristocrática do tratamento da Senhora, a excelência, enfim, do conjunto escultórico, já levaram algumas vezes a admitir a hipótese de tratar-se de obra de Nicolau de Chanterenne. Mais provável nos parece tratar-se de obra da sua oficina."*

## **CONVENTO E IGREJA DE SANTA MARIA DA CARIDADE**

### **DO CONVENTO**

Para nos situarmos nas origens do Convento de Santa Maria da Caridade, socorro-me, em primeiro lugar, da *CRÓNICA DA PROVÍNCIA DA PIEDADE*, de Frei Manuel de Monforte - Capítulo LIII:

*"No tempo em que a primeira e mais antiga Casa de Santo António de Abrantes, estava na Ribeira da Abrançalha, quase a meia légua do povo, ficava em igual distância pouco mais ou menos, da Vila do Sardoyal, que fica para a outra parte, por ser uma légua de uma a outra Vila. Por esta causa participava também o Sardoyal da comunicação dos Frades daquele Convento, ajudando-se deles nas pregações, confissões e mais socorros espirituais. Mas como o Convento fosse mudado do lugar da Abrançalha para junto da Vila de Abrantes, sentindo os moradores do Sardoyal a falta dos bens espirituais que padeciam com aquela mudança, por ficarem mais longe e fora de mão os Religiosos, pediram-lhes que quisessem aceitar outro Convento naquela sua Vila, oferecendo-se para fazê-lo. Não foi isso fácil de alcançar, porque como ficavam as Vilas tão perto uma da outra, que só distavam*

de uma légua, tinham os nossos Frades por grande inconveniente multiplicarem-se tanto as Casas, que viessem a ficar tão vizinhas. Mas, finalmente, aceitaram o oferecimento, não podendo mais resistir aos rogos e importunações, com que os procurava aquele devoto povo.

Para o Convento se fazer, deu logo a Vila uma Ermida de muita devoção e célebre romagem, chamada Nossa Senhora da Caridade, donde o Convento tomou o apelido que hoje tem. Está mui perto da Vila, porque além de não haver em muita distância dela outro lugar tão acomodado, tinha já a experiência ensinado a nossos Frades os inconvenientes que traziam consigo os nossos Conventos fundados em desertos.

Fica em sítio alto, sadio e descoberto a todos os ventos, com boa vista para o Rio Tejo, ainda que seco e faltado de água, porque a que se bebe vem de fóra e se traz de longe. Para o serviço da Casa se ajudam os Frades de uma cisterna, último remédio em outros semelhantes. Há contudo um pomar de diversas frutas que não tem inveja aos que se regam com copiosas águas.

No fundo da cerca que desce por um recosto abaixo grande espaço, por chegar aonde alcance um pequeno poço, que o mais do tempo não corre, se faz a horta que se rega com água, que com grande trabalho se tira à bomba para a hortaliça necessária.

No ano de 1571, sendo Ministro Provincial, Frei Maseu de Elvas, se começou a fábrica junto à dita Ermida que nos fica servindo de bastante Igreja. Toda a gente do povo, conforme a possibilidade de cada um, acudia liberalmente com suas esmolas para as obras. E como naquele tempo residisse naquela Vila, onde se veio aposentar, D. Duarte de Almeida, filho de D.Lopo de Almeida, terceiro Conde que foi da Vila de Abrantes, devotíssimo dos Frades, não somente contribuiu no princípio com grossas esmolas, mas também prosseguiu em as dar com grande liberalidade até ao fim da obra, tomando à sua conta vê-la posta em sua perfeição. Com a mesma vontade e largueza socorreu sempre, enquanto viveu, todas as necessidades que sentiu nos Religiosos ali moradores, dando-lhes o que não podiam haver facilmente mendigando. Tratava-os como irmãos, amava-os como filhos e respeitava-os como a Anjos, estimando-os em muito sua espiritual conversação, de que frequentemente se costumava aproveitar para a saúde da sua alma. Este amor e devoção grande que lhes tinha, foi causa de que tendo em pouco os antigos sepulcros de seus ilustres pais e avós, escolhesse ser sepultado entre os frades seus irmãos. Está a sua sepultura na Capela-Mór deste Convento, junto aos degraus do Altar-Mór. O Padroado é da Igreja Romana, como todos os mais que são edificados de diversas esmolas dos povos, sem particular Padroeiro, que reserve o tal direito para si.

Para esta mudança deu também licença o Bispo da Guarda e juntamente para se fundar o Convento do Sardoal, que se edificou no mesmo tempo. O teor da licença é o seguinte: D. João de Portugal, Bispo da Guarda. Por este fazemos saber ao Vigário-Geral de Abrantes que o M.R.P. Fr. Maseu, Ministro Provincial da Província da Piedade, me fez a saber que ele com os Padres da dita Província determinava mudar o seu Mosteiro de Santo António da Abrançalha para outro chão junto das Bicas, mais perto da Vila. E ali fazer um Mosteiro de novo na Ermida de Nossa Senhora da Caridade, na Vila de Sardoal e me mandou pedir para isso licença e aprovação. E por quanto serviço é de Nosso Senhor e mercê, que nos faz em tomarem os ditos Padres mais Casas e estarem em lugar mais cómodo para a sua saúde e para bem do povo, em que tanto fruto fazem com o seu exemplo, conselho, confissões e pregações e tanto o ajudam diante de N.Senhor com as suas contínuas e devotas orações, penitências e sacrifícios.

Nós lhe damos licença e autorização conforme o Direito e o Santo Concílio e folgaremos ser muito parte em tão santa e necessária obra e de tanto serviço e fruto. Pelo que vos mandamos assim o guardeis e publiqueis ao povo, quando for necessário ou pelo M.R.P. Ministro ou outros Padres vos for requerido e lhe deis toda a ajuda e favor que necessário for e procedeis contra todos aqueles que por alguma via os quiserem impedir, sendo justo e necessário e para isso vos cometemos nossas

vezes, porque a dita obra se faça com a benção de Deus e o P. S. Francisco e Santo António e a nossa.

Dada em Lisboa sob nosso sinal e selo aos 15 dias do mês de Agosto de 1571. Gaspar Homem a fez. D. João de Portugal, Bispo da Guarda. Lugar do selo.

Serrão da Mota (ibidem) refere acerca do Convento que: "(...) O Cavaleiro Francisco Lobato, pessoa da principal nobreza desta Vila, naqueles tempos, se vê pela inscrição da sua sepultura na Casa do Capítulo do mesmo Convento, mandou fazer um quarto à sua custa. Para o mais, decerto contribuíram as esmolas dos naturais de que se não faz especial memória. O Padroado, conforme consta da Crónica da Piedade, escrita pelo Rev. Manuel de Monforte, ficou sendo da Igreja Romana e depois da reedificação do dito Convento, de que não havemos nota expressa, se deu o Padroado ao Arcebispo D. Gaspar Barata e Mendonça, que é certo teria grande merecimento nas despesas daquela segunda obra, de que ainda há pessoas que se lembram."

O Dr. Giraldo Costa, no seu *Esboço Corográfico do Sardoal*, refere acerca desta segunda obra o seguinte: "Segundo consta de uma lápide embutida na parede do lado do Evangelho, na Capela-Mór, foi este Convento reedificado em 1676, lançando a primeira pedra, com a assistência do Provincial da Ordem, o já referido Exm<sup>o</sup> Reverendíssimo Arcebispo da Baía D. Gaspar Barata e Mendonça, a quem por contrato celebrado em 1 de Abril de 1678, foi dado o Padroado, havendo dado mil cruzados\* para a reconstrução e obrigando-se à ordinária de 30 mil réis anuais para a sua conservação e jaz sepultado em um mausoléu, na mesma capela, do lado da Epístola. Sob o pavimento da mesma Capela-Mór, há um vasto carneiro\*, onde foram sepultados os membros da ilustre família Moura e Mendonça:"

Na obra *SANTUÁRIO MARIANO E HISTÓRIA DAS IMAGENS MILAGROSAS - Volume III*, pag. 109 e seguintes - Título XXVIII, coligida no princípio do século XVIII (1711), por Frei Agostinho de Santa Maria consta a seguinte nota sobre a Imagem de Nossa Senhora da Caridade da Vila do Sardoal:

"Acima da Vila de Abrantes uma légua, se vê a Vila do Sardoal, povoação pequena, mas a gente dela pia e devota. Junto à Vila fica em sítio alto, sadio e descoberto a todos os ventos e com boa vista para o Tejo, um Convento de Religiosos da Província da Piedade, fundado naquele povo pelos anos de 1571.

Havia já naquele sítio uma devota Ermida, dedicada a Nossa Senhora com o título da Caridade, que os Religiosos também impuseram ao Convento. Foi sempre esta Ermida o Santuário mais célebre e de maior devoção que havia por aqueles arredores e assim eram nele as romagens contínuas, porque de todos aqueles povos circunvizinhos era visitado. E assim recebiam todos da liberal mão daquela Soberana Mãe da Caridade, muito grandes favores.

Uma notável maravilha refere o Cronista da Piedade, dizendo desta sorte: que saindo os Religiosos a pedir esmola de pão, como costumavam fazer e chegando a meia légua do Sardoal a um lugar chamado Valhascos (no livro o autor escreve Velhascos), aonde os Religiosos costumam ir de quinze em quinze dias pedir esmola de sacola; chegando numa ocasião a pedir à porta de um Irmão da Ordem, muito devoto aos Frades e da Senhora da Caridade, chamado João Gonçalves, mandou este à mulher que desse a esmola que costumava dar em todas as segundas-feiras, que era o dia em que pediam, ela por pouco devota e por não ter pão para a semana toda, porque suposto que no sábado antecedente tinha amassado, havia tido tantos hóspedes no Domingo, que não ficaram mais que dez pães de toda a amassadura, se escusava delha dar. Contudo o marido, sem respeitar as razões que a mulher dava para não dar a esmola, mandou logo que lhe desse os seis pães que tinha de costume. Não pode ela deixar de o fazer e suposto que com pouca vontade, fez a esmola, ficando só com quatro pães. Porém, Deus que estima sempre a caridade, mostrando os seus poderes, foi servido e também pelos merecimentos



de Sua Santíssima Mãe, que não faltasse naquela casa o pão por toda a semana inteira, em que costumava durar a amassadura e havendo naquela família oito pessoas, todas comeram dos quatro pães e os seis dias seguintes com muita abundância, porque todas as vezes que a mulher ia buscar pão à arca, achava o que lhe era necessário para aquele dia, do que ficou tão admirada que mudando a sua condição e reconhecendo a sua pouca caridade, começou a ser mais devota dos Religiosos e a ter mais caridade com os pobres e ter mais devoção à Senhora da Caridade, obradora desta maravilha a favor dos seus Capelães.

Quanto à origem e princípios desta Santa Imagem da Senhora da Caridade, consta de uns livros antigos da Casa da Misericórdia (da mesma Vila do sardoal) que no ano de 1549, enterraram os Irmãos da sobredita Casa, a Ermitoa\* da Ermida de N. Senhora da Caridade. E consta mais de outro assento que na mesma era, certa pessoa deixara doze mil réis de esmola à Ermida da Senhora da Caridade. Por onde se verifica ser muito antiga aquela Casa e que já naquele tempo tinha Ermitoa, que tinha cuidado da Casa da Senhora, da sua lâmpada e do asseio do seu Altar. E haveria tido outras muitas outras Ermitoas ou Ermitães.

Depois pelos anos de 1570 vieram os Religiosos Padres da Piedade e parecendo-lhe bem o sítio, o pediram para fundarem nele um Convento, que se lhes deu e o edificaram, como se vê, no mesmo lugar, de que tomaram posse no seguinte ano. Não falta, também, quem diga que a primeira invocação daquela Santa Casa fora o glorioso Príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, que depois de dedicou a Nossa Senhora da Caridade, mas ignora-se, hoje, o motivo.

Está esta Santíssima Imagem colocada em lugar alto, que é no espelho da luz do cruzeiro, que para este efeito se tapou e o consertaram os Religiosos com o ornato de alguns Anjos à roda, para taparem a boca dos que deles se queixavam, de que recebendo-os a Senhora da Caridade em sua Casa, tivessem tão pouca com ela, que a pusessem a um canto, quando era justo que permanecesse sempre no Altar-Mór, como Senhora e Padroeira que era e havia sido daquela Casa que a mesma Senhora lhes havia dado, como o fizeram os primitivos padres, os quais tinham com ela uma cordial devoção. A causa porque a tiraram do Altar-Mór foi que os modernos que não tinham a devoção dos primeiros, fizeram um retábulo novo com tribuna e como não acharam lugar que lhe dar, o deram a Santo António, colocando-a numa sua Ermida da cerca do Convento, o que se teve por imprudente resolução.

Constou isto aos moradores da Vila e foi tão grande a sua justa queixa que para a aplacar a deviam restituir outra vez à Capela-Mór, a colocaram no oco do espelho referido. Outros dizem que a colocaram primeiro fora da Igreja sobre o alpendre num nicho que ali estava, ficando exposta às inclemências do tempo, de que sentidos todos os devotos da Senhora, fizeram tal motim e borborinho, que os Religiosos a recolheram e então a deviam levar para a Ermida da cerca. E porque a queixa não cessava a colocaram no referido vão do espelho e sempre se teve toda esta resolução por muito mal considerada, porque nunca se devia tirar àquela Casa o título da Caridade.

No lugar e trono da tribuna que fizeram na Capela-Mór, colocaram outra imagem da Senhora que mandaram fazer em Coimbra, de madeira, a quem deram o título da Assunção. E a esta Imagem festejam no seu dia 15 de Agosto e nele se dá de esmola um bom jantar. E não consta, nem há quem se lembre, de que em tempo algum festajassem a Senhora da Caridade que é a Senhora Titular e Orago do mesmo Convento e a Senhora que os recolheu na sua Casa e que lhes fez nela tantos e tão grandes favores, pelos quais merecia todos os obséquios.

A Vila sempre teve grande devoção por esta Senhora e por seu respeito quando os Religiosos a nomeiam (quando nos sábados vão à esmola) se lhes acode com diligência. É esta Santa Imagem de pedra e tem estatura de quatro palmos e meio. Não consta que aparecesse, mas vê-se que é muito antiga.

Da Senhora da Caridade escreve o Padre Frei Manuel de Monforte na sua Crónica da Piedade e o Vigário do Sardoal, Matias da Silva Cardiga, em relação que nos fez por mandado do Ilustríssimo Bispo da Guarda, D. Rodrigo de Moura Teles."

O Dr. Gustavo Matos Sequeira (ibidem), faz uma descrição sucinta, mas completa do património arquitectónico e artístico da Igreja do Convento:

*"A Igreja é de uma só nave, de abóbada caleada, com altar-mór e duas capelas laterais. Na abóbada do berço da capela-mór está pintado o brasão do Arcebispo da Baía, com as armas esquarteladas dos Mendonças, Vasconcelos, Mouras e Baratas. O retábulo do altar é de talha do século XVII. Do lado da Epístola há um arcossólio\* que abriga o mausoléu, no feitio clássico de urna, do prelado reedificador, com larga inscrição na face da arca, assente sobre três leões e o brasão familiar no alto. No altar colateral do lado da Epístola está um retábulo-relicário, decorado na parte superior com três pinturas sobre tela, representando Santa Clara, Santa Isabel e a Aparição da Virgem a S. Francisco, obras do século XVII.*

*O altar colateral do lado do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora da Esperança, imagem que nele está entre outras duas, de jaspe, figurando S. Pedro e S. Paulo. No retábulo estão encaixilhadas sete pequenas pinturas sobre tela, com a Visitação, a Anunciação, a Adoração, o Presépio, dois Anjos e ainda outra composição indeterminada. Na parte de baixo do altar está encaixado um oratório-armário (trabalho indo-português de xarão\*), dado a este altar por D. Jerónima de Parada, viúva de Gaspar de Sousa Lacerda, que está sepultada aos pés do mesmo altar. A dádiva, conforme letreiro posto sobre o oratório, foi feita em 7 de Setembro de 1670. Na galilé da igreja, à direita está a Capela do Senhor dos Remédios, decorada com um silhar de azulejos azuis e brancos (século XVIII), com figuras ornamentais e quatro painéis com os Passos de Cristo.*

*A sacristia é uma construção típica do princípio do século XVIII ou fins do anterior, coberta com um tecto pintado em 1720, no estilo dos tectos de ornatos em caixotões do seiscentismo. Sobre o arcaz\*, ergue-se uma construção de caixilhos de talha opulente, com pilastras e frisos decorativos, emoldurando pinturas sobre tábuas, seiscentistas, figurando o Bom Pastor, a Adoração, S. Jerónimo e ainda duas imagens de santos indeterminados e formando um conjunto de magnífico efeito.*

*Há, ainda, na sacristia um lavabo de faiança portuguesa do século XVIII. O depósito deve ser da Fábrica do Rato e a bacia de outra fábrica, é de época posterior.*

*No exterior da fachada principal do templo, sobre o terraço da galilé, há um nicho com um S. Pedro (escultura de pedra, quinhentista) entre dois medalhões, em relevo, de estilo Renascença.*

*No pavimento da galilé está a sepultura de Bento de Moura e Mendonça, comendador de Casével, fidalgo da Casa Real e Cavaleiro de Cristo, nascido em 23 de Julho de 1769, falecido em 14 de Setembro de 1843. No interior há várias lajes sepulcrais."*

A Igreja de Nossa Senhora da Caridade tem, também um bom conjunto de telas seiscentistas e setecentistas, entre as quais se salientam algumas de boa feitura, como a pintura de notáveis dimensões, onde se representa uma curiosa cena religiosa familiar, patenteando alguns laivos de erudição, no alfabeto grego inscrito no livro através do qual Santa Ana ensina Maria a ler.

Para além das mencionadas obras de pintura existem algumas obras de escultura, destacando-se, entre elas, a imagem de Nossa Senhora da Caridade, datada do século XIV e uma colecção de Cristos crucificados em que merece uma referência especial um Cristo de marfim do século XVII.

Em torno do Convento de Nossa Senhora da Caridade, mais conhecido por Convento de Santa Maria da Caridade, guardam-se inúmeras memórias do património cultural do Sardoal que o tornam um lugar mágico e aquele espaço é, sem qualquer dúvida, uma referência efectiva e afectiva da nossa história colectiva, seja em tempos recuados, seja em épocas mais recentes, através da sedimentação das diversas influências culturais que predominaram ao longo dos séculos.

Logo nos freixos que ladeiam a Escadaria de acesso ao Largo ( que a tradição transmitida oralmente de geração em geração, diz terem sido trazidos da Índia, por Sardoalenses que acompanharam Vasco da Gama na sua segunda viagem às terras dos Samorins, o que a ser verdade os torna mais antigos que o Convento), ressoam nas cavidades dos seus troncos carcomidos pelo tempo, ecos das vozes dos penitentes que ali afluíam e dos lamentos dos que acompanhavam os mortos que ali buscavam o seu eterno descanso.

Nos arcos da galilé ouvem-se os murmúrios das preces ao Senhor dos Remédios e das vozes inflamadas dos Pregadores do Sermão do Calvário, na Procissão dos Santos Passos e sob as lajes sepulcrais estão as cinzas dos Fidalgos ali sepultados.

Entrando na Igreja, vindos do coro, sentem-se os sons sublimes do Canto Gregoriano dos Frades Franciscanos e do púlpito difundem-se, ainda, as palavras sagradas dos Sermões do Mandato, de Quinta-Feira Santa e de outras festividades religiosas que ao longo dos séculos ali fizeram afluir milhares de fiéis devotos de Nossa Senhora da Caridade, cuja primitiva imagem, do século XIV, se encontra no altar colateral do lado da Epístola. No outro altar colateral nota-se um espaço vazio de uma pequena jóia que muito tem orgulhado a população local pelo número de exposições nacionais e internacionais que tem integrado e que se guarda, habitualmente, no cofre da Sala do Capítulo. Trata-se do armário-oratório, trabalho indo-português do século XVII.

As obras de reedificação realizadas em 1676 fazem adivinhar algumas alterações na traça original da nave do templo. De facto, o restauro que actualmente aí decorre, a cargo do IPPAR, trouxe à luz uns arcos nas suas paredes laterais que parecem sugerir anteriores capelas, tão ao gosto das prescrições tridentinas, apostadas em reafirmar o culto dos Santos posto em causa pelo protestantismo emergente.

A capela-mór sofreu profundas alterações por vontade de D.Gaspar Barata de Mendonça. Na abóbada de berço está pintado o brasão familiar, escondendo-se, entretanto, o que se adivinha serem curiosos *grotesche* em pintura fresquista, que valeria a pena deixar a nú.

Muito interessantes são, também, as pinturas em cobre, dos altares colaterais da igreja, do mesmo cenóbio\*, pequenas obras de arte do século XVII, que chamam a atenção do visitante pela sua particularidade.

São, contudo, as pinturas do tecto da sacristia as que merecem maior relevo, justificando, por si só, uma visita a este templo. Dividido em caixotões de madeira totalmente revestidos a pintura de *grutesco*\*, de princípios do século XVIII, são pinturas de feição algo popular, mas muito curiosas.

De menor qualidade são, já, as pinturas que sobrepujam o arcaz, onde figuram alguns santos e padres da Igreja, a par de outras cenas bíblicas. O próprio arcaz exige uma limpeza urgente, que possibilite recuperar as interessantes pinturas em *chinoiserie* que ornamentam as suas superfícies.

De igual modo, o contador pintado que se conserva, ainda, no referido espaço, é uma peça que revela algum interesse pela pintura que o decora. Mais curioso, ainda, é o enquadramento em que se insere, deixando ver na parede fundeira, quando se remove, uma pequena pintura mural que valeria a pena deixar a descoberto.

Mas, regressemos às memórias do tempo, passando aos claustros que se destacam pela harmoniosa simplicidade franciscana, onde predominam o azul e o branco. No telhado, a norte, salienta-se um elegante relógio de sol, marcando as horas ao compasso do Astro-Rei. No pavimento reconhecem-se algumas sepulturas rasas do século XVII, onde, por certo, teriam sido sepultados alguns dos Frades que habitaram o Convento. Com ligação ao corpo da Igreja, através de pequenos postigos, em chapa furada, estão, ainda os confessionários, onde muitos penitentes terão confessado os seus pecados e obtido a necessária absolvição para os mesmos.

No primeiro andar funcionou desde 1834, ano em que Joaquim António de Aguiar decretou a extinção das Ordens Religiosas, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, encerrado desde 1979. O espólio da sua farmácia poderá constituir o

ponto de partida para um pequeno espaço museológico que pode ser complementado pelo instrumental cirúrgico que ali se encontra guardado.

O Largo do Convento é um outro mundo de sonhos e memórias. De festas, profanas ou religiosas: a Festa do Senhor dos Remédios, as Festas de Santa Maria da Caridade, as Procissões e Sermões. E, de um tempo mais recente, mas já perdido, o cinema, as récitas teatrais e tantos momentos importantes da nossa vida colectiva, de diversão e convívio, de lutas políticas, vividos no antigo Cine-Teatro Gil Vicente, desde meados da década de vinte deste século, até há cerca de dez anos.

No seu lugar, sempre sob o testemunho atento da velha amoreira, espécime já raro no Concelho de Sardoal, surgiu há alguns anos o Lar/Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia, refúgio último para os mais idosos, que ali encontram condições para viverem os seus últimos anos, quando a família, por não poder e às vezes por não querer, ou por falta dela, não os pode manter no lar em que sempre viveram, em condições condignas. Quantos dramas de solidão se viveram e vivem por ali!...

## CAPELAS DA VILA

Na Vila de Sardoal existem diversas capelas, para além das igrejas já referidas. São elas: A Capela de S. Sebastião, quinhentista, sita junto das Olarias, que em termos arquitecturais não tem nada de especial, sendo apenas de destacar um púlpito de madeira, de cálice, sobre um colunelo de pedra. A imagem do Padroeiro, S. Sebastião, é uma escultura de pedra, quinhentista, com 68 cm de altura. A Capela do Espírito Santo, junto ao Pelourinho, que sobre a porta principal tem inscrita a data de 1603, que deve ser a data de uma reconstrução, já que tudo indica que o templo deve ser mais antigo. A Capela de Nossa Senhora do Carmo que fazia parte da Casa Grande, da ilustre família Moura e Mendonça, notável exemplar da arte “Rocaille”, propriedade da Câmara Municipal. A Capela de Santa Catarina, na Rua 5 de Outubro, defronte do local onde se situava o solar dos Viscondes do Sardoal (actuais instalações da União Panificadora Sardoalense) e que devia fazer parte da casa da família Serrão da Mota. A Capela de Sant’Ana, ao cimo da Rua 5 de Outubro, com uma interessante imagem da sua Padroeira, uma invulgar *Santa Ana com Maria ao colo que se faz já acompanhar pelo Menino Jesus*, magnífica peça de escultura a deixar adivinhar os finais da centúria\* de seiscentos, que adorna o seu altar-mór, cuja clássica sobriedade arquitectónica não esconde o Maneirismo ainda dominante e a Capela do Senhor dos Remédios, a que me referi noutra local.

Nos arredores da Vila existiram a Capela de S. Francisco, próxima da Ponte do mesmo nome e do Chafariz das Três Bicas, de que não existem vestígios, a Capela de S. Domingos, de que ainda existem algumas paredes e o arco da entrada e a Capela de Santa Maria Madalena sobre a qual Serrão da Mota (ibidem) dizia o seguinte: “ *Tem neste limite a Ermida de Santa Maria Madalena, cuja casa se acha muito arruinada, que parece faltar a devoção com que no século de quinhentos se interessava a principal nobreza desta Vila e cujo zelo chegou a ser tanto que à sua custa mandou vir de Roma indulgências para as pessoas da sua Confraria.*”. Próximo da Ribeira de Alferrarede, a meio caminho entre S. Simão e as Sentieiras, notam-se, ainda, as ruínas da Capela de S. Miguel de Alferrarede.

## CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LAPA

Quase equidistante de Cabeça das Mós e da Palhota, junto à Ribeira de Arcez, situa-se a Capela de Nossa Senhora da Lapa. É muito antiga a capela que a tradição diz ter sido mandada construir por D. Gaspar Barata de Mendonça, Arcebispo da Baía. A capela tem azulejos coevos\* da construção e é propriedade particular.

No Título IX da obra “Santuário Mariano” de Frei Agostinho de Santa Maria (1711) consta a seguinte nota sobre a Senhora da Lapa:

*“Da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Lapa, do termo do Sardeal*

*No mesmo termo e limites da Vila do Sardeal para a parte nascente em distância de meia légua e muito junto à Ribeira de Aracês se vê o Santuário de Nossa Senhora da Lapa em um ameno vale e situado em uma pequena penha, sobre a qual a fundaram, a qual é quadrada, mas de boa arquitectura e proporção. Não é grande mas, para o sítio, de bastante capacidade. Tem um só Altar e na porta se vê um patim, que sobe de junto à ribeira, que por um e outro lado tem cinco degraus, porque não deu lugar a penha para maior extensão. Defronte ou da outra parte da ribeira continua o mesmo rochedo, no qual se vê uma lapa em que é tradição constante aparecer a Senhora, cuja manifestação ainda não sendo de muitos séculos, já hoje não há quem saiba dizer dela com certeza.*

*Junto àquele sítio havia uma quinta de que era senhor o Abade João Cansado. Ele, por devoção da Senhora, para o melhorar de sítio e para não apartar muito do lugar que escolhera, lhe edificou aquela Ermida e Santuário em que a colocou e refere-se, por tradição, que muitas vezes fugira e fora buscar o primeiro sítio em que aparecera, mas depois que de todo se lhe acabou e aparelhou lugar em que pudesse ser venerada, se lhe pediu com rendido affecto o aceitasse. E, assim, houve a Senhora de conceder com seus rogos e ficou sem fazer mais mudança.*

*Depois collocaram na mesma gruta uma imagem de Santa Madalena, como ao presente se vê. Esta lapa dista menos da Ermida de cem palmos e quando a ribeira enche chegam as suas águas à lapa e também às portas da casa da Senhora. É esta Santíssima Imagem de madeira, mas muito linda. Sua estatura são dois palmos. Não tem Menino e está com ornato de um manto e coroa de prata. Está collocada no meio do retábulo do seu Altar. É hoje padroeiro deste Santuário Duarte de Sousa França, sobrinho do Abade ou de seus filhos, que tem junto à Ermida da Senhora uma quinta com grandes casas, herança tudo do mesmo Abade João Cansado. Nestas se recolhem os Romeiros e devotos da Senhora, quando o tempo os obriga a pernoitar na sua casa ou quando a sua devoção o pede. Em todo o ano se vêm naquela casa da Senhora romagens e devotos.*

*Obra Deus, por meio desta celestial Imagem da Sua Santíssima Mãe, muitos milagres e maravilhas, como o estão testemunhando muitas memórias e sinais delas como quadros, mortalhas e outras coisas semelhantes que se vêm pender das paredes daquele Santuário. A fundação deste Santuário não é muito antiga porque ainda hoje há pessoas que se lembram de o fundar o Abade.*

*Não me constou o dia em que os Padroeiros festejam a Senhora.”*

Da leitura desta memória, pode concluir-se que a Capela da Senhora da Lapaterá sido fundada por volta de meados do século XVII, ainda que com rigor não se possa determinar o ano.

Sobre a Festa da Senhora da Lapa, publicava no dia 3 de Julho de 1926, o jornal “AS NOVIDADES”, a seguinte notícia:

#### “SARDOAL - FESTA DA LAPA

*Teve lugar no dia de S. João a Peregrinação Eucarística ao vizinho lugar da Lapa da aldeia de Cabeça das Mós, a qual se vem realizando já há bastantes anos.*

*Diz uma prática que neste local, onde se encontra um Santuário dedicado à Mãe de Deus, apareceu outrora a Virgem Santíssima e que ali esteve desterrado pelas perseguições do seu tempo um Bispo Católico(1), cujos restos mortais se encontram na Igreja do Convento, desta Vila. Fosse como fosse e o certo é que estas peregrinações que o zelo apostólico do nosso bondosíssimo Vigário(2) vem promovendo, são já grandiosas manifestações de Fé, pois a elas acorrem os fiéis das*

freguesias vizinhas, os quais, em extrema união, louvam a Deus e honram a sua Mãe Maria Santíssima.

Assim, vimos ali um numeroso grupo de peregrinos, não só desta Vila, aos quais presidiu o nosso venerando pároco, indo à sua frente os estandartes das Associações das Juventudes Católicas, mas, também de Alcaravela, os quais guiados pelos seus vistosos estandartes e dirigidos pela sua ordem, pelo seu zeloso prior, todos edificavam pela sua ordem, compostura e devoção!...

Da Aboboreira que conduzidos pelo seu digno Prior, vieram de muito longe. De Santiago de Montalegre, de Valhascos, de Cabeça das Mós, de Sentieiras, da Queixoperra, todos com os seus estandartes à frente. Todos os peregrinos vieram das suas terras, entoando cânticos ao Senhor, dando uma nota impressionante por onde passavam.

De manhã houve missa campal cantada, comunhão geral e sermão, retirando-se ao final todos muito bem impressionados, havendo sempre a mais alegre confraternização entre todos.

À despedida foram impressionadas quentes palavras de fé e união pelos Reverendos Párocos, tendo sido salientada a nota de estreitamento de fiéis com os nossos venerandos prelados, para a eficaz reivindicação das liberdades católicas.

Foram levantados entusiásticos vivas a Jesus Cristo, a Maria Santíssima, à Santa Igreja Católica e ao nosso prestigioso Vigário - Arcipreste desta Vila, a quem Deus conserve por muitos e dilatados anos.

Devem ter assistido 2 500 pessoas."

(1) - O Bispo Católico a que o correspondente se refere é D. Gaspar Barata de Mendonça, que foi o 1º Arcebispo da Baía e Primaz do Brasil, natural da Vila de Sardoal, onde nasceu em 3 de Agosto de 1627, vindo a falecer em 11 de Dezembro de 1686, vítima de doença grave, provavelmente a tuberculose.

Entre outros cargos que exerceu, foi nomeado 1º Arcebispo da Baía, em 16 de Novembro de 1676, pela Bula "Divina Disponente Clementis", emanada do Papa Inocêncio XI, não tendo chegado a ir para o Brasil, por força da doença que o acometeu.

São desta altura os seus períodos de vilegiatura e convalescência na zona de Arcez e da Lapa, pertencente a seus familiares directos, onde em contacto pleno com a natureza dessa paisagem idílica e, ao mesmo tempo, sedativa e repousante, procurava haurir\* a saúde perdida.

(2) - Era Pároco do Sardoal, nesta época o Padre António Joaquim da Silva Martins, natural de Entrevinhas, onde nasceu em 15 de Março de 1868, tendo falecido, no Sardoal, em 25 de Dezembro de 1943. Foi Pároco da freguesia de S. Tiago e S. Mateus do Sardoal, entre 2 de Janeiro de 1901 e 22 de Fevereiro de 1927, data em que foi transferido para a Paróquia de S. Vicente, de Abrantes.

Foi, por diversas vezes, Presidente da Câmara Municipal de Sardoal.

## **OUTRAS CAPELAS**

Nos Andreus existe a Capela de Nossa Senhora da Saúde ou de S. Guilherme que merece uma visita atenta, em função dos muitos motivos de interesse que encerra.

Uma velhinha chamada Tradição, trouxe até nós a memória de um Mosteiro de Nossa Senhora dos Barbilongos (assim chamado por viverem nele uns monges de grandes barbas). Em 1580, quando de uma grande peste que vitimou muitos habitantes de Andreus, consta que se salvaram todos os que conseguiram atravessar a ribeira e ir para os Barbilongos, pelo que, desde aí, a Capela dos Barbilongos passou a ter a invocação da Senhora da Saúde, constando que por se deteriorar a Capela, trouxeram os moradores de Andreus a sua imagem para a sua

capela de S. Guilherme, que misteriosamente, regressava ao seu altar, nos Barbilongos.

Foi isto que me contou a tal velhinha chamada Tradição e seja como for, desde então se vem guardando grande devoção à Senhora da Saúde. Documentos que vi, há alguns anos, comprovam a existência de uma Confraria de S. Guilherme, que no final do século passado tinha um património considerável em alfaias de culto e alguns foros.

Na aldeia de Cabeça das Mós existe a Capela do Senhor Jesus da Boa Morte, cuja festa se celebra no Domingo de Pascoela, existindo registos que comprovam que esta festa se celebra há mais de 100 anos. Em Cabeça das Mós existe ainda a Capela de Santo António, onde se venera uma Nossa Senhora de Lourdes. É propriedade da Família Lopes Alpalhão.

Em Entrevinhas há a Capela de Santo António, com uma imagem de Santo António que se festeja no Sábado ou Domingo mais próximo do dia do Padroeiro. Existe, pelo menos, desde 1713.

Em S. Simão que até há cerca de 150 anos se designou Alferrarede existe a Capela de S. Simão, que deve ser uma das mais antigas do Concelho de Sardoal.

## PARÓQUIA DE SANTIAGO DE MONTALEGRE

A Freguesia de Santiago de Montalegre foi criada em 8 de Março de 1928.

Tem duas Igrejas na Freguesia: a de S. Tiago, no alto da Serra do mesmo nome, muito antiga e sem grande valor artístico. Serviu durante alguns anos de Igreja Paroquial e deixou de sê-lo em 16 de Setembro de 1934, data em que se inaugurou a nova Igreja Paroquial, na sede da Freguesia (lugar de Montalegre).

Ignora-se data de construção da velha Igreja de S. Tiago, que actualmente serve de capela do cemitério que lhe fica junto.

A vintena de Montalegre aparece referenciada no Censo Geral do Reino de 1527, como tendo 76 moradores.

À vintena de Montalegre se refere, também, a Carta de Termo da Vila de Sardeal, de 10 de Agosto de 1532.

O Dr. Giraldo Costa, no seu *“Esboço Corográfico do Sardeal - 1882”*, refere-se-lhe, nestes termos: *“Ainda hoje se faz um bodo em igual festividade do Espírito Santo, menos aparatoso, porém, na Capela de S. Tiago, pertencente a um grupo de povoações denominado os Mógãos e componente da Freguesia.”*

Serrão da Mota (ibidem), refere a existência da Igreja de S. Tiago e S. Domingos da Roda, em meados do século XVIII.

Sobre S. Tiago ver nota inserida na Paróquia de S. Tiago e S. Mateus de Sardeal.

S. DOMINGOS: Fundador da Ordem dos pregadores, nasceu em Caleruega, província de Burgos, Espanha em 1170 e morreu em Bolonha em 1221. Os trabalhos mais recentes dão-no como filho de Félix Fernán Ruiz, filho segundo de Ruiz Núñez de Guzman, senhor de Gusmão em Campo de Roa e rico-homem. Aos 14 anos enviaram-no para Palência, a fim de ali fazer os estudos superiores. Em 1203 acompanhou à Dinamarca o Bispo de Osma, Diogo de Azevedo, encarregado de uma negociação. Os dois viajantes foram testemunhas, ao atravessar o Languedoc, dos progressos que fazia a doutrina dos albigenses\*, e por isso, cumprida a sua missão e depois de uma curta demora em Roma, se juntaram aos legados do Papa Inocêncio III no combate aos heterodoxos\* do sul de França. A missão teve a princípio algum êxito, mas Diogo morreu em 1207 numa viagem que fez a Espanha; um dos delegados, Pedro de Castelnau, foi assassinado (1208) e outros retiraram-se. Domingos de Gusmão ficou só. Recusou muitos bispados, entre outros o de Béziers. Em 1215 reuniu seis companheiros, com os quais começou a praticar os exercícios da vida monástica. Indo a Roma, conseguiu fazer aprovar por Inocêncio III a Ordem que assim iniciara que assim iniciara, consagrada exclusivamente à pregação. Instituído o primeiro claustro em Tolouse, enviou os seus companheiros em diferentes direcções e ele próprio foi para Roma, onde fundou os Conventos de S.Xisto e Santa Sabina. Nomeado mestre do sacro palácio (1217-18). Antes de morrer, fundou mais a Ordem Terceira. Canonizado em 1234 pelo Papa Gregório IX. Festa a 4 de Agosto.



## PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE VALHASCOS

Valhascos é a mais nova freguesia do Concelho de Sardoal. Foi elevada à categoria de freguesia religiosa, por despacho de 24 de Fevereiro de 1938, do Bispo de Portalegre, D. Domingos Maria Frutuoso.

Foi depois, a pedido da Câmara Municipal de Sardoal elevada à categoria de freguesia civil pelo Decreto nº 37 555, de 15 de Setembro de 1949.

Tem como orago, Nossa Senhora da Graça e a sua Igreja Paroquial começou a construir-se em 21 de Abril de 1902. A primeira pedra foi colocada por Manuel Inácio, de 80 anos de idade e o aviamento por Maria Jerónimo, de 108 anos de idade. Foi inaugurada em 18 de Outubro de 1904.

Existem, ainda, as ruínas da Ermida de Nossa Senhora da Graça, a cuja Imagem se refere Frei Agostinho de Santa Maria (ibidem), na forma seguinte:

*“Da Vila de Sardoal já tratamos descrevendo no primeiro tomo destes nossos Santuários os princípios da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Caridade-Livro I -Título 28. Agora tratamos da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Graça, que se venera no mesmo termo ou distrito da mesma Vila, em distância de meia légua, num lugar chamado Valhascos; nele, pois se vê o Santuário e Ermida da Senhora, que é tão antiga que de seus princípios e origem já não há quem possa dar dela nem a menor notícia e só por tradição se diz que um devoto e antigo Ermitão, chamado Frei Manuel, o qual havia muitos anos que mandara azulejar aquela Ermida e que ele também lhe mandara fazer o alpendre que não tinha na entrada da sua porta principal e sobre ele um coro e aos lados da Igreja acrescentara corredores para serventia do púlpito e coro e casas para recolhimento dos Romeiros que continuamente vão visitar aquela milagrosa Senhora; com que se este devoto fez estas obras, com que aumentou no temporal aquela casa. Também o faria no espiritual, movendo com a sua fervorosa devoção a todos, a que com mais diligências frequentassem a Casa da Virgem Senhora e daqui se segue que a casa já haveria muitos anos que fora fundada.*

*É esta Igreja muito bonita, o corpo dela tem de comprimento trinta passos até ao arco da Capela-Mór; nela se vê um retábulo antigo com três nichos, dois aos lados e no primeiro deles que é o da parte do Evangelho, se vê a Imagem do Salvador do Mundo e no da parte da Epístola se vê colocada uma Imagem de Santa Teresa. Esta poderá ser mais moderna. No do meio, que fica mais superior, está colocada a Imagem da Virgem Senhora da Graça. É formada de escultura de madeira e tem de altura três palmos e se vê adornada de manto e Coroa imperial de prata. Nos braços tem o Menino Jesus, olhando para a Senhora, mas com tal proporção e modo que, juntamente, parece que está olhando para o povo, como que lhe diz: Buscai a esta Senhora, porque é por seu meio que conseguireis a minha graça e favor.*

*É esta Santíssima Imagem de muito grande devoção e, assim, é o Santuário muito frequentado de romagens e assim são muitos os devotos que continuamente vão visitar a Senhora da Graça naquele seu devoto Santuário em todo o discurso do ano. Obra esta Senhora muitas maravilhas e milagres, como o estão publicando as muitas memórias e sinais deles, os quais se vêm pender das paredes da sua casa. Tem mordomos, que se elegem anualmente, os quais com muita devoção a servem e festejam em 8 de Setembro, dia de sua Natividade, o que fazem com muita perfeição. Tem também a Senhora um Ermitão que tem cuidado daquele seu Santuário e o tem com muito asseio e limpeza, o qual cuida muito do conserto do seu Altar. Tem um Capelão\* que lhe diz Missa em todos os Domingos e dias de preceito, o qual a diz por intenção dos seus devotos e mordomos, o que eles pagam e serão os moradores daquele distrito e os da Vila do Sardoal.”*

Junto à antiga Ermida de Nossa Senhora da Graça era o antigo cemitério, onde, dizem, havia sepulturas brasonadas, talvez da família Brandão de Cordes e Ataíde, do Pouxão. Junto desse cemitério, quase à superfície da terra, no meio da lavoura, encontrou-se um esqueleto que dizem ser de um oficial romano. Tinha ao lado a espada e ainda se conheciam os galões. Perto deste local, ainda hoje existem restos da antiga calçada romana.

Existe, também, uma capela dedicada a S. Bartolomeu, que se diz ser do século XVII, pois um pergaminho da Igreja do Sardoal, desse século, faz referência a ela. É uma construção de pedra tosca, possuindo apenas um altar com a imagem de S. Bartolomeu, com o demónio preso por uma corrente( Certo dia, andando o demónio por ali, numa vinha a roubar uvas, foi visto e preso por S. Bartolomeu, que desde então nunca mais o largou e, por isso, todos os anos, na época das uvas, é de costume irem pôr um cacho delas junto da boca do diabo, para ele as comer.

S. Bartolomeu: Um dos doze Apóstolos. Nos Evangelhos de S. Mateus e de S. Lucas é associado com Filipe e citado junto a este no de S. Marcos. S. João não o menciona, mas parece que o identifica com Natanael, a quem Filipe correu a anunciar a nova de haver achado o Messias. Hoje, generaliza-se a crença de serem Bartolomeu e Natanael a mesma personagem. Afora o que atrás dizemos, nada mais sabemos pela Bíblia acerca deste Santo. O primeiro relato que na literatura aparece é do historiador Eusébio, segundo o qual se acharam na Índia, no século II, cristãos que disseram terem sido instruídos por S. Bartolomeu. Segundo vários relatos, teria pregado na Mesopotâmia, Pérsia, Egipto, Frígia, margens do Mar Negro e Arménia. Não goza de grande autoridade a lenda do martírio de santo, que inspirou, entre outros, um magnífico quadro de Rebeca.

Nos painéis quinhentistas pintados em Portugal durante a primeira metade do século XVI, segue-se a tradição do martírio do santo, confirmada por S. Teodoro. Se o quadro não reproduz a cena em que lhe arrancaram a pele, como no famoso retábulo da capela de S. Bartolomeu da Sé de Lisboa e no painel central do tríptico da igreja de Ansele, exhibe a faca, utensílio simbólico do martírio ou o demónio preso por uma corrente. São os casos do pequeno painel oval existente no relicário da Igreja de Santa Cruz de Coimbra e da fredela\* de Vasco Fernandes do Museu Grão Vasco de Viseu. As duas primeiras obras são, porém, as mais representativas, sob o ponto de vista iconográfico\*.

A sua festa celebra-se a 26 de Agosto.

A primeira referência que conheço de Valhascos, data de 1532 e encontra-se na carta de demarcação do termo da Vila de Sardoal, dada em Lisboa, por D. João III, a 10 de Agosto de 1532: *"... e da vintena dos Valhascos, será a aldeia com seus rossios\*. (...) E daí a um arrife\* de pedras que estão no cimo do Sobral, onde está uma pedra alevantada nadível\* de seis palmos em alto sobre a terra e daí por baixo das oliveiras da Murteira, direito à fonte dos Valhascos e fica a fonte dentro da demarcação e daí vai direito ao rossio da aldeia a uma oliveira que tem três penedos nadíveis ao pé e daí por um arrife de pedras ao redor da casa dos herdeiros de Fernão Afonso(...)* E para do monte de Valhascos ir tomar água de Arcez, irá partindo da Portela do Mourisco, caminho de S.Lourenço até dar direito de Arcez, posto que dentro da demarcação fiquem três casais da dita vintena de Valhascos, porquanto hei por bem que fiquem no dito termo do Sardoal e sejam dele, além da aldeia e seus rossios."

A Valhascos se refere Carvalho da Costa, na sua "Corografia Portuguesa-1712" dizendo que são três aldeias. Em 1758, o Pároco de Sardoal, respondendo ao Interrogatório do Bispo do Algarve, refere que tem 68 vizinhos.

# DOMINGO, SÁBADO E DIA SANTO: Significado litúrgico

## DOMINGO

O sétimo dia da semana foi considerado como sagrado e dedicado a Deus desde os mais recuados tempos por diversos povos e se alguma vez houve, por motivos cronológicos ou religiosos, que alterar a determinação do dia, todos coincidiam na observação do descanso ao sétimo. Na lei mosaica\* era o sábado e recordava o dia do descanso do Senhor depois da criação do Mundo, a liberdade do povo hebreu e a publicação da Lei no Monte Sinai. Os cristãos trocaram o sábado pelo domingo. Constantino, em 321, determinou a observância rigorosa do descanso dominical, excepto para os trabalhos agrícolas, quando nos dias de trabalho o estado do tempo o não permitisse. Em 425 proibiram-se as representações teatrais e no século VIII, aplicaram-se ao domingo todas as proibições do sábado judaico.

A história do descanso dominical no nosso País tem sido longa e curiosa e há poucos anos ainda não se estendia a todas as profissões, especialmente no comércio da província.

Na linguagem litúrgica, emprega-se, quase sempre e de preferência o termo *dominga* substituindo o vocábulo *domingo*. No dizer de muitos liturgistas, a *dominga* é a célula primitiva de todo o ano eclesiástico. Procurava-se, pela sua liturgia, honrar directamente a Santíssima Trindade. Cada *dominga*, era, no sentido estritamente litúrgico, uma festa do Senhor, motivo este pelo qual à Igreja Romana custou tanto, e ela sempre demorou, a admissão da festa da Santíssima Trindade. Também sempre procurou evitar que as *domingas* fossem ocupadas com o culto dos santos. Somente entre os séculos XIII e XIX, era de decadência litúrgica, foi consentido que festas duplas menores se sobrepussem ao ofício dominical.

Porém, a reforma litúrgica acabaria por devolver às *domingas* a sua antiga preponderância e o seu carácter primitivo. São 52 as *domingas* do ano eclesiástico que principia com o Advento\* e as quais constituem vários sub-grupos. O primeiro ciclo é o do Advento formado por 4 *domingas*. Segue-se o da Epifania\*, com 2 a 6 *domingas*, segundo a data em que recai a Páscoa, vindo, após estas, as da Septuagésima, Sexagésima e Quinquagésima. Depois começa o ciclo quaresmal com 6 *domingas*: I, II, III e IV da Quaresma, esta última chamada, também, *de laetere* (nome derivado das primeiras palavras do introito da missa, e que se assimila com a 3ª do Advento, porque cessa a penitência para dar lugar ao júbilo, e nas quais se podem utilizar os paramentos cor de rosa); completam as 6 *domingas*, as da Paixão e dos Ramos, a primeira assim designada porque, desde então, as preces e o pensamento da Igreja ocupam-se só da Paixão do Senhor, tapando-se, até ao Concílio Vaticano II, desde as suas Vésperas\*, todas as cruzes e imagens; a segunda, caracteriza-se pela benção e procissão das palmas e pelo canto da Paixão. Surge a *dominga* da Ressurreição ou de Páscoa, depois a da sua oitava ou *in Albis*, as 4 depois da Páscoa, a inclusa dentro da 8ª da Ascensão, a de Pentecostes ou Páscoa do Espírito Santo, a da Santíssima Trindade e, finalmente, as 23 *domingas* depois do Pentecostes.

Nos primeiros tempos todas estas *domingas* se designavam pelas primeiras palavras dos seus introitos, exceptuando a anterior à Epifania que era vacante. Pela sua dignidade as *domingas* dividem-se em maiores e menores. As maiores, assim chamadas porque nelas se celebram os mistérios principais da Criação e Redenção, classificam-se, por sua vez em: privilegiadas de 1ª e 2ª classes. As *domingas* maiores de 1ª classe são a I do Advento, as 4 da Quaresma, a da Paixão, a de Ramos, a da Páscoa e da sua 8ª ou *in Albis*, a de Pentecostes e a da Santíssima Trindade, as quais não podem ser ocupadas por outras festas nem omitidas. São maiores de 2ª classe:

as II, III e IV do Advento, as da Septuagésima, Séxagésima e Quinquagésima, que podem ser substituídas por festas de 1ª classe, fazendo-se a respectiva comemoração. As restantes domingas são tidas como menores e, pelo Saltério\* de Pio X (01-01-1913), cedem o seu lugar às festas do Senhor e suas oitavas, às duplas de 1ª e 2ª classes, e a qualquer festa transferida de 1ª classe. Atendendo ao rito as domingas dividem-se, também, em duplas de 1ª classe; Páscoa, Pentecostes e Santíssima Trindade; em dupla maior: a *in Albis* e em semi-duplas as restantes. Pela Santa Sé foi ordenado em Outubro de 1913, que se transferissem todas as festas que caíssem nas domingas, excluindo as do S. S. Nome de Jesus, que se celebram entre a Circuncisão e a Epifania e a da Santíssima Trindade por ser própria do nome do Senhor. As missas nas domingas hão-de ser as próprias, salvo quando ocorrer festa de 1ª ou 2ª classes ou dia do Senhor.

Os paramentos serão da cor do respectivo tempo e o prefácio da S.S. Trindade se não o tiver próprio.

Domingas antecipadas: São assim designadas as domingas que, consideradas impedidas, se transferem para o sábado precedente, com todos os seus privilégios, se nele não ocorrer uma festa de 1ª ou 2ª classes, passando a domingo, se tal caso se desse, para o dia imediatamente anterior. Também se consideram do mesmo modo as domingas, quer da Epifania, quer de Pentecostes, que é necessário serem transferidas para preencher certas falhas do ano eclesiástico, motivadas pela data em que sucede a Páscoa.

Domingas vacantes: *Domina Vacat* se diz daquelas que coincidem: a) Com o Natal, Circuncisão e Epifania; b) com as festas de Santo Estevão, S. João e Santos Inocentes; c) com os dias 2, 3 ou 4 de Janeiro quando neles suceda a solenidade do S.S. Nome de Jesus ou qualquer outra festa do Senhor; d) com a Vigília da Epifania; e) com a 8ª da mesma.

Primeira domingo do mês: Tem duas acepções: 1) em relação a Lições, Responsórios\* e Antífonas, é a que cai nas Calendas\* desse mês ou que está mais próxima delas. Se as Calendas caem numa 2ª, 3ª ou 4ª Feira, a primeira domingo é a precedente. Exceptua-se a 1ª Domingo do Advento, que não depende das calendas, mas da festa de Santo André. Portanto, a primeira domingo é a que cai na festa ou vem mais perto dela. 2) Se se quer fixar uma festa numa domingo determinada do mês, a 1ª é sempre a que vem depois do dia 1.

## O DOMINGO NA TEOLOGIA PROTESTANTE

“Dia distintivo do Cristianismo” é designação mais universalmente aceitável do que “dia de descanso dos cristãos”. Diz Duchêsne, in *Origines du Culte Chrétien*, p.48: “A ideia de transportar para o domingo a solenidade do sabat\* ... é uma ideia estranha ao cristianismo primitivo. Isto é sobretudo verdadeiro no que se refere à proibição do trabalho...O domingo foi primeiro justaposto ao sábado”. No decurso do tempo a guarda sabática caiu em desuso entre os cristãos e o domingo, festa da graça, assumiu funções de sábado, confundindo-se mais ou menos as características. Hoje, enquanto certas igrejas, como a da Escócia, chegam a chamar ao domingo “*Dia de Sabat*”, consagrando assim uma espécie de mudança canónica e outras afirmam que o sétimo dia da semana é o último de uma série após seis, seja ele qual for e assim se cumpre o mandamento sem dificuldades geográficas nem cronológicas que não existiam num país pequeno como a Palestina, mas que se tornam fatais universalizando o mandamento. Num sentido estrito, outra interpretação tem ganho vulto e adeptos, por se harmonizar com o sentido espiritual do Evangelho e com os conhecimentos da história da Igreja Primeva. É ela, em resumo, assim expressa: O mandamento do sábado é cerimonial e não moral, encontrando-se como único cerimonial, no meio do Decálogo devido à importância que assumiu para a educação do povo de Israel. Sendo cerimónia, cumpriu-se, como as outras do mosaísmo, na pessoa de Cristo, que é o Sábado verdadeiro, ou

repouso das almas. Hoje não guardamos os sábados semanais, anuais e jubilares, nem a vida moderna, as leis geográficas e o cristianismo com o seu carácter geral o permitiriam. Tanto mais que essa guarda era de carácter impositivo. Mas a Cristandade consciente guarda em voluntariedade o domingo, como festa da vida e do amor fraternal e guarda-o desde os Apóstolos, que deixaram, não ordem mas exemplo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não guarda o domingo para, em seu conceito, guardar totalmente a Lei de Moisés que Jesus disse não vir abolir e é apresentada no Velho Testamento com carácter perpétuo. Vimos acima como lhe é respondido pelas outras escolas. Quanto à acusação de ter sido Constantino Magno, depois do édito de Milão em 313 que decretou a guarda do "dia do Sol", o princípio da Semana, os evangélicos argumentam que aquele imperador se declarou cristão mas ao mesmo tempo conservou o título de sumo pontífice do paganismo. A declaração da guarda do dia do Sol foi pois uma habilidade política, uma espécie de ecletismo com que pretendia agradar aos cristãos, observadores voluntários do descanso dominical, sem desagradar aos pagãos, adoradores do astro-Rei. Por seu turno, a literatura dos primeiros séculos, v.g. a *Apologia* de S. Justino, prova que muito antes os cristãos se reuniam ao domingo.

## SÁBADO

Entre os Cristãos, o sétimo dia da semana começada no domingo. O sábado era para os Hebreus o principal dos seus dias festivos e como que o fundamento de todos os outros. A palavra hebraica significa etimologicamente *dia de repouso*. Em sentido restrito, o sábado era o sétimo dia e celebrava-se de uma véspera a outra, isto é, do ocaso do Sol de um dia ao ocaso do dia seguinte. Em Jerusalém, o princípio e o fim eram indicados por um toque de trombeta, feito por um dos sacerdotes. Como os Hebreus não tinham nomes especiais para os dias da semana, todos se referiam ao sábado. No Antigo Testamento, aparece a palavra com o significado de semana. A celebração do sábado tinha um aspecto negativo e outro positivo. Consistia o primeiro no repouso absoluto, o "repouso do repouso". Nesse dia era proibido aos Judeus cozinhar alimentos, apanhar o maná\*, lavar e ceifar, acender o lume, apanhar lenha, fazer transportes, realizar negócios, etc. Deviam, pois prevenir-se na véspera com as coisas necessárias. A prática positiva era a consagração do repouso sabático ao Senhor. O sacrifício do sábado era o dobro dos sacrifícios quotidianos. No tabernáculo mudavam-se os pães da proposição. Revezavam-se as turmas dos sacerdotes e levitas destinados ao ministério do templo. Convocava-se o povo a reunir-se no santuário para adorar o Senhor, com preces e salmódias. A lei sabática estendia-se, não só aos israelitas livres, mas também aos escravos, hóspedes estrangeiros e aos própria animais.

A violação propositada do repouso era punida com a morte por lapidação\*. Instituiu-se o sábado como um sinal da aliança entre Deus e o seu povo (*Êxodo, XXXI, 13-17*), mas o repouso do 7º dia correspondia de algum modo a uma lei natural. A opinião mais comum é de que esta instituição data do tempo de Moisés, embora se encontrem indícios da existência da divisão hebdomadária em épocas anteriores. No tempo de Jesus, os Fariseus e outras escolas tinham um sistema micrológico de proibições sabáticas; escandalizavam-se, por isso, até das curas miraculosas de doentes nesse dia. Jesus ensinava que a letra da lei devia ceder aos trabalhos que eram impostos pela caridade ou pela necessidade, porque "o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado" (*Mar., II, 27*). Além disso, afirmava que estava em seu poder interpretar ou até mudar a lei do sábado, porque, "o filho do homem é o Senhor também do sábado" (*Mat, X, 8*). Parece que já nos tempos apostólicos se celebrava como dia santificado, em vez do sábado, o primeiro dia da semana, o dia memorial da ressurreição de Cristo (*Actos, XX, 7 ; 1ª Cor., XVI, 2*). Como preceito moral e cultural de consagrar um dia da semana ao

Senhor, permaneceu na nova lei, como cerimonial ligado ao 7º dia, foi abrogado\*. Por isso diz S. Tomás de Aquino: "A observância do domingo sucedeu na nova lei à observância do sábado, não por virtude de preceito da lei, mas pela constituição da Igreja e por costume do povo cristão." Na devoção cristã, o sábado foi consagrado especialmente a Nossa Senhora. No século XII, já se recitava em algumas Ordens Religiosas o Ofício de Santa Maria Virgem ao sábado, o qual depois passou para o Breviário Romano\*.

Na liturgia só tem relevo especial o *sábado-santo*, com as cerimónias da Vigília Pascal.

## DIAS SANTOS ou SANTIFICADOS

Em Liturgia o termo *dia* usa-se em vários sentidos. Dia de defuntos ou de finados: O dia 2 de Novembro em que se faz a comemoração de todos os fiéis defuntos. Dia do Juízo: o último dia dos tempos, o do Juízo Final, em que Deus julgará os vivos e os mortos e que S. João descreve no seu *Apocalipse*\*. Dia do Senhor: Na linguagem profética e no Novo Testamento é o dia da segunda vinda de Cristo e do Juízo Final. Modernamente, significa o dia de *Corpus Christi* e o domingo. Dia eclesiástico: Aquele que, para o culto se compõe de missa e do ofício divino. Dias da Igreja: Os que são destinados a confissões e comunhões, a fim de se alcançar um jubileu\* ou assistir a uma função eclesiástica. Dias de penitência: Os designados pela Igreja para jejum e abstinência, ou sejam as quartas e sextas-feiras e os sábados. Dias feriados: Os dias em que é proibido o trabalho servil: domingos e dias santificados. Dias festivos: Os dias assinalados pela Igreja para comemoração de mistérios ou de santos e para os quais se impõe a obrigação de dedicá-los a Deus, de descansar e ouvir missa inteira. Dias Santos ou Santificados: Os dias em que se deve cumprir o preceito de jejum, abstinência e audição da missa. Na história religiosa do nosso país são abundantes as discussões entre as autoridades civil e eclesiástica, sobre a santificação dos domingos e dias santos, recorrendo os prelados, muitas vezes, para solucionarem as questões aos próprios soberanos e à Santa Sé. O calendário dos dias santificados varia muito de diocese para diocese.

## PARAMENTOS LITÚRGICOS

Vestes oficiais do clero nas funções do culto divino. No *Antigo Testamento* estavam determinadas as vestes especiais dos ministros do templo, bem como a sua forma e ornato. No *Novo Testamento* nada se encontra determinado. É de supôr, todavia, que os Apóstolos e os seus imediatos sucessores escolhessem, entre as vestes do tempo, as melhores e as mais decentes para a oferenda do santo sacrifício. Foi no princípio do século IV, depois da paz constantiniana que a Igreja adoptou para os seus ministros, nas funções sagradas, o vestuário romano-grego, então usado pelas pessoas de distinção: patrícios, senadores, funcionários públicos. Quando os leigos deixaram de o usar, principalmente por influência dos povos do Norte (século VI), a Igreja não acompanhou essa mudança, embora introduzisse algumas modificações. A túnica romana tornou-se a alba\* actual e, diminuído o comprimento, o roquete\* e a sobrepeliz\*. A *penula*\* deu a casula\*. A *mappula* o manípulo\*, etc. Actualmente na Igreja latina, todo o clero pode usar sobrepeliz ou roquete, amito\*, cíngulo\*, capa de asperges\* e barrete. A cada uma das ordens em particular compete o seguinte: aos minoristas\*, sobrepeliz e barrete. Ao subdiácono, amito, alba, cíngulo, manípulo e tunicela\*. Ao diácono, os mesmos do subdiácono e mais a estola\* a tiracolo e, em vez de tunicela, dalmática\*. Aos presbíteros, os do diácono e a casula em vez da dalmática. Os bispos e prelados usam nas funções sagradas as mesmas vestes que os presbíteros mas, quando oficiam pontificalmente, têm a mais algumas insígnias

chamadas pontificais. Para a celebração da missa, o simples presbítero tem de se revestir, sobre a batina\*, de amito, alba, cordão, manípulo, estola e casula. O amito e a alba devem ser de linho. Os outros paramentos devem ser geralmente de seda, excepto nos galões e motivos decorativos. Do século IV ao IX usava-se apenas a cor branca. Depois há notícia de determinadas cores para algumas festas, mas foi só pelo ano de 1200 que se adoptaram as actuais cores litúrgicas. Desde a reforma do missal ordenada pelo Concílio de Trento, estabeleceram-se regras fixas e uniformes. São cinco as cores litúrgicas dos *paramentos*: branca, encarnada, verde, roxa e preta. A cor-de-rosa é permitida no 3º domingo do Advento e no 4º da Quaresma. A cor azul celeste usa-se por privilégio em Portugal, na Espanha e em alguns conventos franciscanos, nas missas da Imaculada Conceição. Os *paramentos* feitos com tecido de lhama\* de ouro podem substituir os de outras cores, menos o roxo e o preto. A cor branca é empregada nas festas do Senhor (menos nas da Paixão), de Nossa Senhora, dos Anjos e dos Santos não mártires. A encarnada, nas festas da Paixão, do Espírito Santo e dos Mártires. A verde, no tempo depois da Epifania e Pentecostes. A roxa, nos dias e tempos de penitência. A preta, na Sexta-feira da Paixão e nos ofícios fúnebres.

Os *paramentos* devem ser benzidos pelo bispo ou seu delegado com uma fórmula especial que vem no Ritual Romano ( tit. VII, c.XX). Perdem a benção quando a sua forma se modifica a ponto de ficarem impróprios para o uso litúrgico, quando são expostos à venda e quando empregados em usos inconvenientes.

# CALENDÁRIO LITÚRGICO DE 1999

## JANEIRO

**01 Sexta-Feira** - SOLENIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

**Leituras:** Números 6, 22, 27; Gál 4, 4-7; Luc. 2, 18-21

**Dia Santo - Feriado Nacional (Paramentos brancos)**

**02 Sábado** - Ss. Basílio e Gregório de Nanziano

**03 DOMINGO** - EPIFANIA DO SENHOR - **Leituras:** Isaías 60,1-9, Ef.3, 2-6; Mt. 2, 1-12  
**(Paramentos brancos)**

**04 Segunda-feira** - Féria\* (Santa Isabel Ana)

**05 Terça-feira** - Féria (S.João Newmann)

**06 Quarta-feira** - Féria (Santa Rafaela) - **DIA DE REIS**

**07 Quinta-feira** - Féria (S.Raimundo Penhaforte)

**08 Sexta-feira** - Féria (S.Pedro Tomás)

**09 Sábado** - Féria ( Santo Adriano)

**10 DOMINGO** - BAPTISMO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

**Leituras:** Isaías 42, 1-7; Act. 10, 34-38; Mt. 3, 13-17

**(Paramentos brancos)**

**11 Segunda-feira** - Féria (S.Higino)

**12 Terça-feira** - Féria (S.Modesto)

**13 Quarta-feira** - Santo Hilário

**14 Quinta-feira** - Féria (S.Félix)

**15 Sexta-feira** - Féria (Santo Amaro)

**16 Sábado** - Féria (Ss. Mártires de Marrocos)

**17 DOMINGO** - 2º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 49, 3-6, 1 Cor. 1, 1-3; Jo. 1, 29-34  
**(Paramentos verdes)**

**18 Segunda-feira** - Féria (Santa Margarida)

**19 Terça-feira** - Féria (S.Mário)

**20 Quarta-feira** - S.Sebastião

**21 Quinta-feira** - Santa Inês

**22 Sexta-Feira** - S.Vicente M.

**23 Sábado** - Féria (Santo Ildefonso)

**24 DOMINGO** - 3º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 9, 8-23 ou 9, 1-4; 1 Cor.1 10-17; Mt. 4, 12-23 **(Paramentos verdes)**

**25 Segunda-feira** - Conversão de S.Paulo

**26 Terça-feira** - Santos Timóteo e Tito

**27 Quarta-feira** - Féria (Santa Ângela)

**28 Quinta-feira** - S. Tomás de Aquino

**29 Sexta-feira** - Féria(S.Julião)

**30 Sábado** - Féria (Santa Matilde)

**31 DOMINGO** - 4º TEMPO COMUM - **Leituras:** Sof. 2, 3, 12-13; 1 Cor. 1, 26-31; Mt. 5, 1-12.  
**(Paramentos verdes)**

**SARDOAL - FESTA DE S. SEBASTIÃO**



## FEVEREIRO

- 01 **Segunda-feira** - Féria (Santa Otilia)
- 02 **Terça-feira** - Apresentação de N.S. Jesus Cristo
- 03 **Quarta-feira** - S. Brás
- 04 **Quinta-feira** - S. João de Brito
- 05 **Sexta-feira** - Santa Águeda
- 06 **Sábado** - Santos Paulo Miki e Companheiros

07 **DOMINGO** - 5º TEMPO COMUM - **Leituras:** Is. 58, 7-10; 1 Cor. 2, 1-5; Mt. 5, 13-16  
(Paramentos verdes)

- 08 **Segunda-feira** - S. Jerónimo Emiliano
- 09 **Terça-feira** - Féria (Santa Apolónia)
- 10 **Quarta-feira** - Santa Escolástica
- 11 **Quinta-feira** - Nossa Senhora de Lurdes
- 12 **Sexta-feira** - Féria (Santa Eulália)
- 13 **Sábado** - Féria (S. Martiniano)

14 **DOMINGO** - 6º TEMPO COMUM - **Leituras:** Sir. 15, 16-21, 1Cor.2, 6-10; Mt.5 13-16  
(Paramentos verdes)

- 15 **Segunda-feira** - Féria (S. Faustino)
- 16 **Terça-feira** - Féria (Santa Juliana) . **CARNAVAL**
- 17 **Quarta-feira** - CINZAS
- 18 **Quinta-feira** - Féria (S. Teotónio)
- 19 **Sexta-feira** - Féria (S. Conrado)
- 20 **Sábado** - Féria (Santo Euquerito)

21 **DOMINGO** - 1º QUARESMA - **Leituras:** Gén. 2, 7-9 + 3, 1-7; Rom. 5, 12-19; Mt. 4, 1-11  
(Paramentos roxos)

- 22 **Segunda-feira** - Cadeira de S. Pedro em Roma
- 23 **Terça-feira** - S. Policarpo
- 24 **Quarta-feira** - Féria (S. Lázaro)
- 25 **Quinta-feira** - Féria (Beato Romeu)
- 26 **Sexta-feira** - Féria (S. Porfírio)
- 27 **Sábado** - Féria (S. Gabriel de Nossa Senhora das Dores)

28 **DOMINGO** - 2º QUARESMA - **Leituras:** Gén. 12, 1-4; 2 Tim.1, 8-10; Mt. 17, 1-9  
(Paramentos roxos)

## MARÇO

- 01 Segunda-feira - Féria (S. Rosendo)
- 02 Terça-feira - Féria (Beata Inês de Praga)
- 03 Quarta-feira - Féria (S. Marino)
- 04 Quinta-feira - Féria (S. Lúcio)
- 05 Sexta-feira - Féria (Santo Olegário)
- 06 Sábado - Féria (Santa Felicidade)

07 DOMINGO - 3º QUARESMA - **Leituras:** Ex. 17, 3-7; Rom.5, 1-2 + 5-8; Jo. 4, 5-42  
(Paramentos roxos)

- 08 Segunda-feira - Féria (S. João de Deus)
- 09 Terça-feira - Féria (S. Domingos Sávio)
- 10 Quarta-feira - Féria (S. Macário)
- 11 Quinta-feira - Féria (S. Ramiro)
- 12 Sexta-feira - Féria (Beato Luís Oreone)
- 13 Sábado - Féria (Santa Eufrásia)

14 DOMINGO - 4º QUARESMA - **Leituras:** 1 Sam. 16, 1,6-7 + 10-13; Ef. 5, 8-14; Jo. 9, 1-41  
(Paramentos roxos)

- 15 Segunda-feira - Féria (Santa Luísa Marillac)
- 16 Terça-feira - Féria (S. Julião)
- 17 Quarta-feira - Féria (S. Patrício)
- 18 Quinta-feira - Féria (S. Cirilo)
- 19 Sexta-feira - S. JOSÉ - **Dia do Pai**
- 20 Sábado - Féria (Santa Eufémia)

21 DOMINGO - 5º QUARESMA - **Leituras:** Ez. 37, 12-14; Rom. 8, 8-13; Jo 11, 1-45  
(Paramentos roxos)

### SARDOAL - PROCISSÃO DOS PASSOS DO SENHOR

- 22 Segunda-feira - Féria (Santa Leia)
- 23 Terça-feira - Féria (S. Toríbio)
- 24 Quarta-Feira - Féria (Santa Catarina da Suécia)
- 25 Quinta-feira - ANUNCIAÇÃO DO SENHOR
- 26 Sexta-feira - Féria (S. Bráulio)
- 27 Sábado - Féria (S. João do Egípto)

28 DOMINGO - BENÇÃO DOS RAMOS - **Leituras:** Isaías 50, 4-7; Filip. 2, 6-11; Mat. 26, 14 a 27, 61 (Paramentos vermelhos)

### SARDOAL - PROCISSÃO DOS RAMOS

- 29 Segunda-feira - Féria (Santo Eustásio)
- 30 Terça-feira - Féria (S. João Clímaco)
- 31 Quarta-feira - Féria (S. Benjamim)

## ABRIL

**01 Quinta-feira** - CEIA DO SENHOR

**SARDOAL - CAPELAS ENFEITADAS - PROCISSÃO DOS FOGARÉUS**

**02 Sexta-feira** - PAIXÃO E MORTE DO SENHOR. **Feriado**

**SARDOAL - PROCISSÃO E CERIMÓNIAS DO ENTERRO DO SENHOR**

**03 Sábado** - SÁBADO SANTO

**04 DOMINGO** - RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO - Act. 10, 34 + 37-43; Col. 3, 1-4; Jo. 20, 1-9 (ou Luc. 24, 13-35) **(Paramentos brancos)**

**SARDOAL - PROCISSÃO DA PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO**

**05 Segunda-feira** - Féria (S. Vicente Ferrer)

**06 Terça-feira** - Féria (S. Prudêncio)

**07 Quarta-feira** - Féria (S. João la Salle)

**08 Quinta-feira** - Féria (S. Gualter)

**09 Sexta-feira** - Féria (Santa Cassilda)

**10 Sábado** - Féria (S. Terêncio)

**11 DOMINGO** - 2º PÁSCOA - **Leituras:** Actos 2, 42-47; 1 Ped. 1, 3-9; Jo. 2, 19-31

**(Paramentos brancos)**

**CABEÇA DAS MÓS (SARDOAL) - FESTA DO SENHOR JESUS DA BOA MORTE**

**12 Segunda-feira** - Féria (S. Julião)

**13 Terça-feira** - Féria (S. Martinho Pp.)

**14 Quarta-feira** - Féria (Santa Ludovina)

**15 Quinta-feira** - Féria (Santa Anastácia)

**16 Sexta-feira** - Féria (Santa Engrácia)

**17 Sábado** - Féria (Santo Aniceto)

**18 DOMINGO** - 3º PÁSCOA - **Leituras:** Act. 2, 14-33; 1 Ped. 1, 17-21; Lc 24, 13-35

**(Paramentos brancos)**

**SARDOAL - FESTA DO SENHOR DOS REMÉDIOS**

**19 Segunda-feira** - Féria (Beata Maria da Encarnação)

**20 Terça-feira** - Féria (S. Marcelino)

**21 Quarta-feira** - Santo Anselmo

**22 Quinta-feira** - Féria (Santa Senhorinha)

**23 Sexta-feira** - S. Jorge

**24 Sábado** - S. Fiel de Sigmaringa

**25 DOMINGO** - 4º PÁSCOA - **Leituras:** Act. 2, 14, 36-41; 1 Ped. 2, 20-25; Jo.10, 1-10

**(Paramentos brancos)**

**26 Segunda-feira** - Féria (Santo Anacleto)

**27 Terça-feira** - Féria (Santa Zita)

**28 Quarta-feira** - Féria (S. Sisto III)

**29 Quinta-feira** - Santa Catarina de Sena

**30 Sexta-feira** - S. Pio V

## MAIO

**01 Sábado** - S. José Operário. **Feriado**

**02 DOMINGO** - 5º PÁSCOA - **Leituras:** Act.6, 1-7; 1 Ped. 2, 4-9; Jo. 14, 1-12

**DIA DA MÃE - (Paramentos brancos)**

**03 Segunda-feira** - Santos Filipe e Tiago, Apóstolos

**04 Terça-feira** - Féria (S. Gregório Iluminador)

**05 Quarta-feira** - Féria (S. Jacinto)

**06 Quinta-feira** - Féria (S. Mariano)

**07 Sexta-feira** - Féria (Santa Flávia)

**08 Sábado** - Féria (S. Pascoal)

**09 DOMINGO** - 6º PÁSCOA - **Leituras:** Act. 8, 5-6+14-17; 1Ped. 3, 15-19; Jo. 14, 15-21

**(Paramentos brancos)**

**10 Segunda-feira** - Féria (Santo Isidro)

**11 Terça-feira** - Féria (Santo Hugo)

**12 Quarta-feira** - Beata Joana de Portugal

**13 Quinta-feira** - **Nossa Senhora de Fátima. QUINTA-FEIRA DE ASCENSÃO**

**14 Sexta-feira** - S. Matias Apóstolo

**15 Sábado** - Féria (S. Manços)

**16 DOMINGO** - ASCENSÃO DO SENHOR - **Leituras:** Act. 1, 1-1; Ef. 1, 17-23; Mat. 28 16-20. **(Paramentos brancos)**

**17 Segunda-feira** - Féria (S. Pascoal)

**18 Terça-feira** - Féria (S. Venâncio)

**19 Quarta-feira** - Féria (S. João I, Papa)

**20 Quinta-feira** - S. Bernardino de Sena

**21 Sexta-feira** - Féria (Beato João Machado)

**22 Sábado** - Féria (Santa Rita de Cássia)

**23 DOMINGO** - PENTECOSTES - **Leituras:** Gén. 11, 1-9; Rom. 7, 37-39; Mt. 28, 16-20 NO DIA: Actos 2, 1-11; 1 Cor. 12, 3-7+12-13; Jo. 20, 19-23.

**(Paramentos vermelhos)**

**NO SARDOAL - FESTA DO BODO DO ESPÍRITO SANTO**

**24 Segunda-feira** - Féria (S. Donaciano)

**25 Terça-feira** - S. Beda Venerável

**26 Quarta-feira** - S. Filipe de Nery

**27 Quinta-feira** - Santo Agostinho de Cantuária

**28 Sexta-feira** - Féria (S. Germano)

**29 Sábado** - Féria (S. Maximino)

**30 DOMINGO** - SANTÍSSIMA TRINDADE - **Leituras:** Ex. 34, 4-9; 2 Cor. 13, 11-13; Jo. 3, 16-18. **(Paramentos brancos)**

**31 Segunda-feira** - Visitação de Nossa Senhora

## JUNHO

**01 Terça-feira** - S.Justino

**02 Quarta-feira** - Féria (Santa Blandina)

**03 Quinta-feira** - **SS.CORPO E SANGUE DE DEUS** - **Leituras:** Deut. 8, 2-3+14-16, 1 Cor. 10, 11-17; Jo. 6, 51-58. **(Paramentos brancos). Feriado**

**NO SARDOAL - PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS**

**04 Sexta-feira** - Féria (S.Pedro de Verona)

**05 Sábado** - Féria (S.Benjamim)

**06 DOMINGO** - 10º TEMPO COMUM - **Leituras:** Os. 6, 3-6; Rom. 4, 18-25; Mt. 9, 9-13 **(Paramentos verdes)**

**SARDOAL - FESTA DE NOSSA SENHORA DA LAPA(?)**

**07 Segunda-feira** - Féria ( S.Pedro de Córdova)

**08 Terça-feira** - Féria (Beata do Divino Coração)

**09 Quarta-feira** - Santo Efrém

**10 Quinta-feira** - Santo Anjo de Portugal - **Feriado**

**11 Sexta-feira** - SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

**12 Sábado** - Imaculado Coração de Maria

**ENTREVINHAS(SARDOAL) - FESTA DE SANTO ANTÓNIO**

**13 DOMINGO** - 11º TEMPO COMUM - **Leituras:** Ex. 19, 2-6; Rom. 5, 6-11; Mt 9, 36 a 10, 6 **(Paramentos verdes)**

**14 Segunda-feira** - Féria (Santo Eliseu)

**15 Terça-feira** - Féria (Santa Micaela)

**16 Quarta-feira** - Féria (S. Ciro)

**17 Quinta-feira** - Féria (S. Rainério)

**18 Sexta-feira** - Féria (S.Gregório Barbarigo)

**19 Sábado** - S.Romualdo

**20 DOMINGO** - 12º TEMPO COMUM - **Leituras:** Jer., 20, 10-15; Rom. 5, 12-15; Mt. 10, 26-33 **(Paramentos verdes)**

**21 Segunda-feira** - S.Luís Gonzaga

**22 Terça-feira** - S.Paulino

**23 Quarta-feira** - Féria (S.José Cafasso)

**24 Quinta-feira** - S.JOÃO BAPTISTA

**25 Sexta-feira** - Féria (S.Guilherme)

**26 Sábado** - Féria (S.Paio)

**27 DOMINGO** - 13º TEMPO COMUM - **Leituras:** 2 Reis 4, 8-11+14-16; Rom. 6, 3-11, Mat. 10, 37-42 **(Paramentos verdes)**

**28 Segunda-feira** - Santo Ireneu

**29 Terça-feira**- S.PEDRO E S.PAULO, Apóstolos

**30 Quarta-feira** - SS. Proto-Mártires de Roma

## JULHO

**01 Quinta-feira** - Féria (Preciosíssimo Sangue de Jesus)

**02 Sexta-feira** - Féria (S. Bernardino Realino)

**03 Sábado** - S. Tomé, Apóstolo

**04 DOMINGO** - 14º TEMPO COMUM - **Leituras:** Zac. 9, 9-10; Rom. 8, 9-13; Mat. 11, 15-30 (**Paramentos verdes**)

**05 Segunda-feira** - Santo António Maria Zacarias

**06 Terça-feira** - Santa Maria Goretti

**07 Quarta-feira** - Féria (Beato Diogo Carvalho)

**08 Quinta-feira** - Féria (S. Gregório Gassi)

**09 Sexta-feira** - Féria (Santa Verónica)

**10 Sábado** - Féria (Santa Felicidade)

**11 DOMINGO** - 15º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 55, 10-11; Rom. 8, 18-23; Mat. 13, 1-23 (**Paramentos verdes**)

**12 Segunda-feira** - Féria (S. João Gualberto)

**13 Terça-feira** - Santo Henrique

**14 Quarta-feira** - S. Camilo de Lellis

**15 Quinta-feira** - S. Boaventura

**16 Sexta-feira** - Nossa Senhora do Carmo

**17 Sábado** - Bb. Inácio de Azevedo e Companheiros

**18 DOMINGO** - 16º TEMPO COMUM - **Leituras:** Sab. 12, 13-19; Rom. 8, 26-27; Mt. 13, 24-43 (**Paramentos verdes**)

**19 Segunda-feira** - Féria (S. Rufino)

**20 Terça-feira** - Féria (Santo Aurélio)

**21 Quarta-feira** - S. Lourenço de Brindes

**22 Quinta-feira** - Santa Maria Madalena

**23 Sexta-feira** - Santa Brígida

**24 Sábado** - Féria (Santa Cristina)

**25 DOMINGO** - 17º TEMPO COMUM - **Leituras:** 1 Reis 3, 5-12; Rom. 8, 28-30; Mt. 13, 44-52 (**Paramentos verdes**)

**26 Segunda-feira** - Santos Joaquim e Ana

**27 Terça-feira** - Féria (S. Pantaleão)

**28 Quarta-feira** - Féria (S. Celso)

**29 Quinta-feira** - Santa Marta

**30 Sexta-feira** - S. Pedro Crisólogo

**31 Sábado** - Santo Inácio de Loiola

## AGOSTO

**01 DOMINGO** - 18º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 55, 1-3; Rom. 8, 35-37, 39; Mt. 14, 13-21 (**Paramentos verdes**)

**02 Segunda-feira** - Féria (Nossa Senhora dos Anjos)

**03 Terça-feira** - Féria (Santa Lídia)

**04 Quarta-feira** - S. João Baptista Vianney

**05 Quinta-feira** - Nossa Senhora das Neves

**06 Sexta-feira** - Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo

**07 Sábado** - S. Caetano

**08 DOMINGO** - 19º TEMPO COMUM - **Leituras:** 1 Reis 19, 9-13; Rom. 9, 1-5; Mt. 14, 22-23 (**Paramentos verdes**)

**09 Segunda-feira** - Féria (S. Samuel)

**10 Terça-feira** - S. Lourenço

**11 Quarta-feira** - Santa Clara

**12 Quinta-feira** - Féria (Beato Amadeu Silva)

**13 Sexta-feira** - Féria (Santo Hipólito)

**14 Sábado** - S. Maximiliano Kolbe

**15 DOMINGO** - ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA - **Leituras:** VIGÍLIA: 1 Cor 15, 3-4+15-16; 1 Cor. 15, 54-57; Lc. 11, 27-28. NO DIA: Apoc. 11, 19+12, 1-6; 1 Cor. 15, 20-27; Lc. 1, 37-56. (**Paramentos brancos**).

**Feriado. Dia Santo**

**16 Segunda-feira** - Santo Estevão

**17 Terça-feira** - Féria (S. Jacinto)

**18 Quarta-feira** - Féria (Santa Helena)

**19 Quinta-feira** - S. João Eudes

**20 Sexta-feira** - S. Bernardo

**21 Sábado** - S. Pio X

**22 DOMINGO** - 21º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 22, 19-23; Rom. 11, 33-36; Mt. 16, 13-20 (**Paramentos verdes**)

**23 Segunda-feira** - Santa Rosa de Lima

**24 Terça-feira** - S. Bartolomeu, Apóstolo

**25 Quarta-feira** - S. Luís - Rei

**26 Quinta-feira** - Féria (S. Liberato)

**27 Sexta-feira** - Santa Mónica

**28 Sábado** - Santo Agostinho

**29 DOMINGO** - 22º TEMPO COMUM - **Leituras:** Jer. 20, 7-9; Rom. 12, 1-2; Mt. 16, 21-27. (**Paramentos verdes**)

**30 Segunda-feira** - Féria (Beata Joana Jugan)

**31 Terça-feira** - Féria (S. Raimundo Nonato)

## SETEMBRO

**01 Quarta-feira** - Santa Beatriz da Silva

**02 Quinta-feira** - Féria (S. Justo)

**03 Sexta-feira** - S. Gregório Magno

**04 Sábado** - Féria (Santa Rosália)

**05 DOMINGO** - 23º TEMPO COMUM - **Leituras:** Ex. 33, 7-9; Rom. 13, 8-10; Mt. 18, 15-20 (**Paramentos verdes**)

**PRESA (Alcaravela) - FESTA DE N.Sª DAS NECESSIDADES E DA LUZ.**

**06 Segunda-feira** - Féria (Santo Eleutério)

**07 Terça-feira** - Féria (Beato Vicente)

**08 Quarta-feira** - Natividade de Nossa Senhora

**VALHASCOS - FESTA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA**

**09 Quinta-feira** - Féria (Beato Frederico Ozanam)

**10 Sexta-feira** - Féria (S. Nicolau Tolentino)

**11 Sábado** - Féria (S. João Perboyre)

**12 DOMINGO** - 24º TEMPO COMUM - **Leituras:** Sir. 27, 33-28, 9; Rom. 14, 7-9; Mt. 18, 21-35. (**Paramentos verdes**)

**13 Segunda-feira** - S. João Crisóstomo

**14 Terça-feira** - Exaltação da Cruz

**15 Quarta-feira** - Nossa Senhora das Dores

**16 Quinta-feira** - S. Cipriano

**17 Sexta-feira** - S. Roberto Belamino

**18 Sábado** - Féria (S. José Cupertino)

**19 DOMINGO** - 25º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 55, 6-9; Fil. 1, 20-27; Mt. 20, 1-16. (**Paramentos verdes**)

**20 Segunda-feira** - Féria (Santos Eustáquio e Comp.)

**21 Terça-feira** - S. Mateus, Apóstolo e Evangelista

**22 Quarta-feira** - Féria (S. Maurício) - **Feriado Municipal de Sardoal**

**23 Quinta-feira** - Féria (S. Lino)

**24 Sexta-feira** - Féria (Nossa Senhora das Mercês)

**25 Sábado** - Féria (S. Firmino)

**26 DOMINGO** - 26º TEMPO COMUM - **Leituras:** Ex. 18, 25-28; Fil. 2, 1-11; Mt. 21, 28-32. (**Paramentos verdes**)

**27 Segunda-feira** - S. Vicente de Paulo

**28 Terça-feira** - S. Venceslau

**29 Quarta-feira** - Santos Miguel, Gabriel e Rafael

**30 Quinta-feira** - S. Jerónimo



## OUTUBRO

**01 Sexta-feira** - Santa Teresa do Menino Jesus

**02 Sábado** - Santos Anjos

**03 DOMINGO** - 27º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 5, 1-7; Fil. 4, 6-9; Mt. 21, 33-43 **(Paramentos verdes)**

**04 Segunda-feira** - S. Francisco de Assis

**05 Terça-feira** - Féria (S. Plácido). **Feriado**

**06 Quarta-feira** - S. Bruno

**07 Quinta-feira** - Nossa Senhora do Rosário

**08 Sexta-feira** - Féria (S. Pelágio)

**09 Sábado** - S. Dionísio

**10 DOMINGO** - 28º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 25, 6-10; Fil. 4, 12-20; Mt. 22, 1-14. **(Paramentos verdes)**

**11 Segunda-feira** - Féria (Santa Soledade)

**12 Terça-feira** - Féria (Nossa Senhora da Aparecida)

**13 Quarta-feira** - Féria (S. Fausto)

**14 Quinta-feira** - S. Calisto, Pp.

**15 Sexta-feira** - Santa Teresa de Jesus, Doutora da Igreja

**16 Sábado** - Santa Margarida Maria

**17 DOMINGO** - 29º TEMPO COMUM - **Leituras:** Isaías 45, 1-6; 1 Tes. 1, 1-5; Mt. 22, 15-21. **(Paramentos verdes)**

**18 Segunda-feira** - S. Lucas, Evangelista

**19 Terça-feira** - S. Paulo da Cruz

**20 Quarta-feira** - Féria (Santa Iria)

**21 Quinta-feira** - Féria (Santa Úrsula)

**22 Sexta-feira** - Féria (Santa Salomé)

**23 Sábado** - S. João Capristano

**24 DOMINGO** - 30º TEMPO COMUM - **Leituras:** Ex. 22, 20-26; 1 Tes 1, 5-10; Mt. 22, 34-40. **(Paramentos verdes)**

**25 Segunda-feira** - Féria (S. Crispim)

**26 Terça-feira** - Féria (Santo Evaristo)

**27 Quarta-feira** - Beato Gonçalo de Lagos

**28 Quinta-feira** - Santos Simão e Tadeu, Apóstolos

**29 Sexta-feira** - Féria (Santa Ermelinda)

**30 Sábado** - Féria (S. Mamede)

**31 DOMINGO** - 31º TEMPO COMUM - **Leituras:** Mal. 1, 1-4+2, 8-10; 1 Tes. 2, 7-9+13; Mt. 23, 1-12. **(Paramentos verdes)**

## NOVEMBRO

- 01 Segunda-feira** - TODOS-OS-SANTOS - **Leituras:** Apoc. 7, 2-4+9-14; 1 Jo 3, 1-3; Mat. 5, 1-12 **(Paramentos brancos). Feriado. Dia Santo.**
- 02 Terça-feira** - FIÉIS DEFUNTOS - **Leituras:** 1ª Missa: Job 19, 1, 23-27; 2 Cor. 4, 14 a 5, 1; Mt. 11, 25-30 - 2ª Missa: 2 Mac. 12, 43-45; 1 Cor. 5, 1,6-10; Jo. 11, 21-27 - 3ª Missa: Isaías 25, 6-11; Tes. 4, 13-18; Jo. 6, 51-58.  
**(Paramentos roxos)**
- 03 Quarta-feira** - S. Martinho de Lima
- 04 Quinta-feira** - S. Carlos Borromeu
- 05 Sexta-feira** - Féria (Beato Caio)
- 06 Sábado** - Beato Nuno de Santa Maria
- 07 DOMINGO** - 32º TEMPO COMUM - **Leituras:** Sof. 6, 12-16; 1 Tes. 4, 13-18; Mt. 25, 1-15. **(Paramentos verdes)**
- 08 Segunda-feira** - Féria (Beato João Escoto)
- 09 Terça-feira** - Dedicção da Basílica de Latrão
- 10 Quarta-feira** - S. Leão Magno
- 11 Quinta-feira** - S. Martinho
- 12 Sexta-feira** - S. Josefá
- 13 Sábado** - Féria (Santo Estalísnau Korstká)
- 14 DOMINGO** - 33º TEMPO COMUM - **Leituras:** Prov. 31, 10-13+19-20+30-37; 1 Tes.5 1-6, Mt.25, 14-30. **(Paramentos verdes)**
- 15 Segunda-feira** - Santo Alberto Magno.
- 16 Terça-feira** - Santa Margarida, Rainha
- 17 Quarta-feira** - Santa Isabel da Hungria
- 18 Quinta-feira** - Dedicção das Basílicas de S. Pedro e S. Paulo
- 19 Sexta-feira** - Féria (Santa Inês de Assis)
- 20 Sábado** - Féria (S.Félix)
- 21 DOMINGO** - CRISTO-REI - 34º TEMPO COMUM - **Leituras:** Ex. 34, 11-12+15-17; 1 Cor. 20-28; Mt. 25, 31-46. **(Paramentos brancos)**
- 22 Segunda-feira** - Santa Cecília
- 23 Terça-feira** - S. Clemente
- 24 Quarta-feira** - Féria (S.Columbano)
- 25 Quinta-feira** - Féria (Santa Catarina)
- 26 Sexta-feira** - Féria (S. João Berchmans)
- 27 Sábado** - Féria (Nossa Senhora das Graças)
- 28 DOMINGO** - 1º ADVENTO - **Leituras:** Isaías 63, 16-19+64, 2-7; 1 Cor- 1, 3-9; Mc 13, 33-37 **(Paramentos roxos)**
- 29 Segunda-feira** - Féria (Beato Redento da Cruz)
- 30 Terça-feira** - Santo André, Apóstolo

## DEZEMBRO

- 01 **Quarta-feira** - Féria (Santo Elói)
- 02 **Quinta-feira** - Féria (Santa Bibiana)
- 03 **Sexta-feira** - S. Francisco Xavier
- 04 **Sábado** - S. João Damasceno

05 **DOMINGO** - 2º ADVENTO - **Leituras:** Isaías 40, 1-5+9-11; 2 Ped. 3, 8-14; Mc 1, 1-8  
(**Paramentos roxos**)

- 06 **Segunda-feira** - S. Nicolau
- 07 **Terça-feira** - Santo Ambrósio
- 08 **Quarta-feira** - IMACULADA CONCEIÇÃO - **Leituras:** Gen. 3, 15-20; Ef. 1, 3-6+11-12; Lc 1, 26-38. (**Paramentos brancos**). **Feriado. Dia Santo.**
- 09 **Quinta-feira** - Féria (Santa Leocádia)
- 10 **Sexta-feira** - Féria (Santa Eulália)
- 11 **Sábado** - Féria ( S. Dâmaso)

12 **DOMINGO** - 3º ADVENTO - **Leituras:** Isaías 61, 1-2+10-11; 1 Tes. 5, 16-24; Jo. 6, 8+19-28. (**Paramentos roxos**)

- 13 **Segunda-feira** - Santa Luzia
- 14 **Terça-feira** - S. João da Cruz
- 15 **Quarta-feira** - Féria (Santa Cristina)
- 16 **Quinta-feira** - Féria (Santa Alice)
- 17 **Sexta-feira** - Féria (Santa Olímpia)
- 18 **Sábado** - Féria ( Nossa Senhora do Ó)

19 **DOMINGO** - 4º ADVENTO - **Leituras:** 2 Sam. 7, 1-5, 8, 12-16; Rom. 16, 25-27; Lc. 1, 26-38. (**Paramentos roxos**)

- 20 **Segunda-feira** - Féria (S. Domingos de Silos)
- 21 **Terça-feira** - Féria (S. Pedro Canísio)
- 22 **Quarta-feira** - Féria ( Santa Francisca X. Cabrini)
- 23 **Quinta-feira** - Féria (S. João Câncio)
- 24 **Sexta-feira** - Vigília do Natal
- 25 **Sábado** - NATAL DE JESUS - **Leituras:** Vigília: Isaías 62, 1-5, Act. 13, 16-17+25. 1ª Missa: Isaías 9, 2-7; Tit. 2, 11-14; Luc. 2, 1-14; 2ª Missa: Isaías 62, 11-12; Tit. 3, 4-7; Luc 2, 15-20. 3ª Missa: Isaías 52, 7-10, Heb. 1, 1-6; Jo. 1, 1-18  
(**Paramentos brancos**) . **Dia Santo. Feriado.**

26 **DOMINGO** - SAGRADA FAMÍLIA - **Leituras:** Sir. 3, 3-7+14-17; Col. 3, 12-21; Lc 2, 22-40. (**Paramentos brancos**)

- 27 **Segunda-feira** - S. João Evangelista
- 28 **Terça-feira** - Santos Inocentes
- 29 **Quarta-feira** - Féria (S. Tomás Becket)
- 30 **Quinta-feira** - Féria (S. Rogério)
- 31 **Sexta-feira** - Féria (S. Silvestre)

# COMPROMISSO DA IRMANDADE DA VERA CRUZ DA VILA DO SARDOAL

## CAPÍTULO I

### *Da Irmandade e seus fins*

**Artigo 1º** - A Irmandade da Vera Cruz erecta na Paroquial Igreja de S. Tiago e S. Mateus da Vila e Concelho do Sardoal, Distrito de Santarém, Bispado de Castelo Branco, é uma associação de pessoas reunidas sob o título de irmãos, com o fim de venerarem os mistérios da Redenção do género humano por Cristo Senhor Nosso e dar culto à Santa Cruz, por ser o estandarte da mesma Redenção.

## CAPÍTULO II

### *Da qualidade dos Irmãos, sua admissão e obrigações*

**Artigo 2º** - Todas as pessoas de qualquer sexo, de reconhecida probidade, de maior idade ou emancipação, podem fazer parte desta irmandade, estando em circunstâncias de satisfazer as respectivas obrigações.

**Artigo 3º** - Para qualquer pessoa ser admitida à Irmandade é necessário sob sua petição ou proposta de qualquer irmão, apresentada à mesa, aprovação dela tomada por escrutínio secreto.

**Artigo 4º** - A pessoa admitida por irmão deve assinar termo no livro dos assentamentos em que se obrigue a cumprir as obrigações do compromisso, que neste acto lhe serão lidas. As obrigações são as seguintes:

- Pagar à entrada a quantia de 500 réis;
- Pagar o anual de cento e vinte réis;
- Assistir sempre que possa a todos os actos e reuniões da Irmandade e muito principalmente às suas solenidades;
- Acompanhar à sepultura quando para isso não tenha impedimento, o irmão ou irmã que falecer dentro da vila, sendo previamente avisados e ao toque de sete badaladas que o tesoureiro da Irmandade mandará dar ao sino maior da Igreja Paroquial.

**Artigo 5º** - As pessoas de sexo feminino, quando casadas, só podem ser admitidas por irmãs com prévia autorização por escrito de seus maridos e todas pagarão a mesma jóia de entrada e anual determinado no artigo antecedente.

## CAPÍTULO III

### *Das vantagens e prerrogativas dos irmãos*

**Artigo 6º** - É permitido a qualquer irmão reunir o seu anual pagando por uma só vez a importância de vinte anos, ficando a mesa a capitalizar as quantias por esta forma recebidas obrigada.

**Artigo 7º** - O irmão pobre que por qualquer circunstância estiver impossibilitado de trabalhar ou de temporariamente adquirir os meios de subsistência, quando esta dependa do seu trabalho, será socorrido com um subsídio segundo os recursos da Irmandade.

**Artigo 8º** - O irmão que falecer dentro dos limites desta vila, será pela Irmandade conduzido à Igreja Paroquial ou cemitério da freguesia.

## **CAPÍTULO IV**

### ***Da Administração da Irmandade, suas atribuições, qualidades e deveres dos membros que a mesa se deve compor.***

**Artigo 9º** - A administração da Irmandade é exercida por uma mesa composta de um reitor, escrivão, tesoureiro e quatro mesários.

**Artigo 10º** - A mesa é eleita anualmente pela Irmandade, poderá ser reeleita uma só vez, não sendo, porém, obrigada a aceitar a reeleição.

**Artigo 11º** - A mesa não pode funcionar com menos de cinco membros. As suas decisões são tomadas pela pluralidade dos votos dos mesários presentes, com tanto que haja pelo menos quatro votos conformes e as deliberações da mesma serão lançadas em livro especial e assinadas por todos.

**Artigo 12º** - Haverá uma sessão ordinária todos os meses no primeiro domingo de cada um e celebrar-se-ão quaisquer outras extraordinárias que o reitor julgar necessário ou que forem requeridas pelo menos por três irmãos.

**Artigo 13º** - As atribuições da mesa são:

- Prover a tudo o que for conducente à boa administração da Irmandade;
- Convidar para irmãos as pessoas de dentro e fora da Paróquia, cuja conduta e circunstâncias garantam o cumprimento das respectivas obrigações;
- Promover a cobrança dos rendimentos da Irmandade;
- Ordenar o subsídio que houver de ser concedido aos irmãos pobres e impossibilitados de trabalhar;
- Regular e ordenar as despesas nos limites de cada uma das verbas votadas nos orçamentos e segundo as receitas para as mesmas aplicada;
- Dirigir todos os actos de Culto Divino, a que a Irmandade é obrigada;
- Seguir até final os pleitos para que for autorizada;
- Organizar o projecto de orçamento anual;
- Finalmente, promover por todos os meios ao seu alcance e dentro do limite de suas atribuições o aumento e crédito da Irmandade.

**Artigo 14º** - O reitor deve ser pessoa distinta por suas qualidades e virtudes. Seus deveres são os seguintes:

- Presidir às sessões da mesa;
- Dirigir as suas discussões e trabalhos;
- Resolver pelo seu voto de qualidade as questões que tenham ficado empatadas na votação;
- Observar e fazer observar todas as disposições do Compromisso;
- Convocar as reuniões da mesa designando os dias das reuniões segundo a sua gravidade e importância do objecto.

**Artigo 15º** - O escrivão deve ter além das mesmas qualidades, conhecimento de escrituração e contabilidade. Seus deveres são:

- Assistir a todas as sessões da mesa;
- Suprir o lugar do reitor na sua falta;
- Lavrar ou subscrever as actas da mesa;
- Receber e entregar por inventário todos os livros, títulos e mais papéis da Irmandade, pela guarda e arranjo dos quais é responsável.

**Artigo 16º** - O tesoureiro deve ser pessoa abonada, de reconhecida probidade e boas contas. Os seus deveres são:

- Assistir às sessões da mesa;
- Cobrar e arrecadar todos os rendimentos da Irmandade;
- Efectuar os pagamentos em vista das respectivas ordens;
- Tomar conta e fazer entrega por inventário das jóias, alfaias e quaisquer outros utensílios pertencentes à Irmandade;
- Ter na devida arrecadação os dinheiros, jóias e quaisquer papéis ou títulos de seus rendimentos;

- Ter, igualmente, sob sua arrecadação as alfaias que não andarem em uso quotidiano;

**Artigo 17º** - Os mesários devem ser pessoas de reconhecida capacidade e compete-lhes:

- Assistir às sessões da mesa;
- Suprir em mesa e pela ordem de sua idade os lugares de reitor e escrivão, quando estes não estejam presentes à sessão;
- Exercer temporariamente, por nomeação da mesa, o lugar de tesoureiro, no seu impedimento ou enquanto não for legalmente substituído.

**Artigo 18º** - No caso de vacatura ou impedimento, serão substituídos os vogais da mesa pelos dos anos anteriores até à eleição, preferindo os mais votados aos menos votados e os anos mais próximos aos mais remotos.

## **CAPÍTULO V**

### ***Das eleições e mais actos da mesa***

**Artigo 19º** - A eleição da mesa tem lugar no primeiro domingo do mês de Julho de cada ano, concorrendo como eleitores todos os irmãos do sexo masculino e procedendo-se a este acto por escrutínio secreto à pluralidade de votos da maioria dos irmãos, os quais todos têm direito a votar e podem ser votados, tendo os requisitos requeridos.

Único: São, porém, excluídos de serem votados e consequentemente de cargos de mesa:

- Os devedores à Irmandade;
- Os seus empregados;
- Os irmãos que tiverem feito parte de mesa dissolvida pela autoridade pública, na eleição que se seguir à dissolução;
- Os que não souberem ler nem escrever.

**Artigo 20º** - Quando no dia designado no artigo antecedente se não reunir a maioria dos irmãos, será a eleição adiada para o domingo seguinte e far-se-á pela mesma forma com o número de irmãos que então se acharem presentes, qualquer que seja o seu número, contanto que não seja inferior ao triplo dos cargos a eleger.

**Artigo 21º** - No dia e hora indicados pelos avisos competentes de convocação e depois do sinal dado pelo sino maior da Igreja Paroquial e designado no artigo quarto, o reitor tomando o seu lugar e convidando dois dos irmãos presentes a servirem de escrutinadores e servindo de secretário da eleição o escrivão da mesa e outro irmão, igualmente convidado, constituirão a mesa eleitoral.

Único: A falta do escrivão pode ser suprida por qualquer mesário ou ainda irmão de fora da mesa, escolhido pelo reitor.

**Artigo 22º** - Ter-se-ão extraído com a necessária antecipação três relações dos irmãos que podem votar e uma dos que podem ser votados. Uma das primeiras e a última serão afixadas na casa do despacho para servirem aos irmãos na formação das listas. As duas restantes estarão sobre a mesa para por elas se fazer a chamada e descarga dos que comparecerem para votar.

**Artigo 23º** - Cada irmão formará a sua lista composta de tantos nomes quantos os lugares a eleger com a designação dos irmãos propostos para cada lugar.

**Artigo 24º** - Sobre a mesa estará uma urna para a recepção das listas.

**Artigo 25º** - Um dos secretários fará a chamada geral dos irmãos eleitores e ambos irão marcando nas suas relações os nomes dos que forem apresentando ao reitor as suas listas dobradas, o qual as irá lançando na urna.

**Artigo 26º** - Terminado este acto as listas contidas na urna serão contadas e o seu número confrontado com os sinais de descarga das relações.

**Artigo 27º** - O reitor irá entregando alternadamente aos escrutinadores as listas da eleição da mesa, cujos nomes lidos em voz alta serão escritos por um dos secretários com os votos por algarismo, que cada um for obtendo.

**Artigo 28º** - Terminando o apuramento, um dos secretários lerá os nomes de todos os votados e o número de votos que obtiveram para cada lugar, depois do que o reitor proclamará eleitos para a mesa os irmãos mais votados e as listas serão queimadas na presença da Irmandade.

**Artigo 29º** - Saindo mais de um irmão eleito para o mesmo lugar, a sorte decide qual deve preferir.

**Artigo 30º** - A acta desta eleição deverá conter os nomes de todos os votados e o número de votos de cada um, bem como a declaração de se haverem cumprido todas as formalidades recomendadas neste capítulo.

**Artigo 31º** - Do resultado da eleição se extrairá uma relação assinada pelos irmãos que compuseram a mesa eleitoral, a qual será afixada na porta da Igreja Paroquial.

**Artigo 32º** - O escrivão da mesa procederá logo a avisar os eleitos dos cargos para que foram nomeados e se os primeiros votados não aceitarem com motivo justificado, seguirá escrevendo aos imediatos em cada lugar na ordem da votação.

**Artigo 33º** - Terminada esta operação se procederá ao encerramento de contas daquele ano, lavrando o escrivão termo no livro de contas, em que declaram a soma da receita e despesa em todo o ano e qual o saldo que fica para o ano seguinte.

**Artigo 34º** - No domingo imediato à eleição dar-se-á posse à mesa nova, de que o escrivão lavrará termo no livro respectivo.

**Artigo 35º** - Dada a posse, a mesa transacta fará entrega à nova, do dinheiro existente em ser, proveniente do saldo das contas do ano findo bem como de qualquer quantia posteriormente recebida e assim de valores, alfaias e mais objectos a cargo do tesoureiro.

**Artigo 36º** - Igual entrega se fará dos livros, documentos e mais papéis existentes debaixo da responsabilidade do escrivão.

**Artigo 37º** - Do resultado destas entregas se lavrarão termos nos livros de inventário, os quais serão assinados pelos membros de ambas as mesas.

**Artigo 38º** - A mesa novamente eleita dará, em seguida para a autoridade administrativa, em duplicado, o inventário de todos os bens e alfaias pertencentes à Irmandade.

## **CAPÍTULO VI**

### **Fundos e rendimentos**

**Artigo 39º** - Os fundos da Irmandade consistem em domínios directos e no valor dos objectos próprios.

Único: Os rendimentos são:

- Os provenientes dos domínios directos;
- As jóias de entrada de irmãos;
- As quotas anuais dos mesmos irmãos;
- As esmolas obtidas por peditório.

## **CAPÍTULO VII**

### **Festividades**

**Artigo 40º** - A Irmandade é obrigada a celebrar as seguintes festividades:

- Circuncisão;
- Epifania;
- Procissão em sexta-feira de Passos;
- Procissão do Enterro em Sexta-Feira Santa.

## **CAPÍTULO VIII**

### **Obrigações diversas**

**Artigo 41º** - É mais obrigada a Irmandade:

- Mandar fazer um ofício aniversário dentro dos primeiros oito dias de Novembro de cada ano;

- Mandar dizer uma missa rezada em cada uma das sextas-feiras da Quaresma, com *Miserere* solene no fim, sempre que se possa, aplicada por tenção dos vivos e defuntos;
- Aplicar a actos de beneficência um décimo, pelo menos, da sua receita ordinária, quer segundo o disposto no artigo 7º deste Compromisso, quer seja entregue esta quantia à Misericórdia mais próxima que tiver hospital a sustentar ou a qualquer outra instituição de Caridade que for designada pelo Governo Civil do Distrito;
- Subsidiar o ensino primário da freguesia quando disso carecer, tanto quanto for compatível com os seus meios.

## **CAPÍTULO IX** **Da Assembleia Geral**

**Artigo 42º** - A reunião da maioria dos irmãos em assembleia geral tem por fim:

- Proceder à eleição da mesa da Irmandade, em conformidade com o determinado no capítulo V e seus artigos associados;
- Admitir ou recusar a admissão de irmãos novos, atribuição que será igualmente exercida por escrutínio secreto;
- Resolver os recursos que forem interpostos das decisões da mesa. Não poderão, porém, votar neste caso os irmãos que da mesa fizerem parte;
- Resolver sobre a conveniência de revogar, alterar ou ampliar as disposições do Compromisso, ficando tais alterações dependentes da confirmação legal;
- Conceder ou denegar autorização para adquirir ou alienar bens de raiz, ficando a concessão dependente da confirmação do Governo.

## **CAPÍTULO X** **Designações gerais**

**Artigo 43º** - A mesa não pode, sem acordo da Irmandade e autorização do Governo, adquirir ou alienar bens de raiz.

**Artigo 44º** - Nenhum mesário ou empregado da Irmandade pode dispor de qualquer alfaia para serviço, que não pertença à Irmandade sem autorização da mesa.

**Artigo 45º** - Nenhuma deliberação tomada em mesa tem validade, quando se oponha ao espírito e letra deste Compromisso e a sua execução irroga tanta responsabilidade a quem a ordenou, como a quem lhe der cumprimento.

**Artigo 46º** - A pessoa admitida para irmão ou irmã não será como tal considerada sem assinar termo de obrigação ao cumprimento das disposições deste compromisso e prévio pagamento da jóia de entrada.

**Artigo 47º** - O irmão de qualquer sexo, que deixar de satisfazer a sua prestação anual, será avisado para dentro de um mês a pagar e deixando de o fazer será riscado do número dos irmãos.

Único: Poderá, entretanto, o irmão expulso por esta causa ser readmitido pagando o anual em dívida.

**Artigo 48º** - Quando pelo impedimento dos membros da mesa esta se não puder constituir na forma determinada no artigo 11º em suas funções ou importância do objecto a tratar o exija, o reitor poderá convocar algum ou alguns dos que serviram em mesas transactas.

**Artigo 49º** - Qualquer alteração futura ou aditamento no Compromisso fica dependente de acordo da maioria da Irmandade e por deliberação sua em assembleia geral e subsequente confirmação do Governo ou autoridade pública, à qual por Lei estiver cometida.

Casa do despacho da Irmandade da Vera Cruz, em sessão de dez de Julho de mil oitocentos e sessenta e nove. E eu, *Agostinho Francisco Moreira Cardoso*, escrivão que a subscrevi e assinei.

O Reitor - *José Maria da Silva Ferreira*



O Escrivão - *Agostinho Francisco Moreira Cardoso*  
O Tesoureiro - *António Francisco da Silva*  
O Procurador - *José dos Santos e Silva*  
O Vogal - *Joaquim Manuel da Fonseca Morais*  
O Vogal - *Pedro de Matos*  
O Vogal - *José Alves da Silva*  
O Vogal - *João Almeida*  
O Vogal - *Manuel Gaspar*  
O Vogal - *António José Mouquinha*

Nº 396. Pagou de selo das oito meias folhas rectro, na razão de sessenta réis por meia folha, quatrocentos e oitenta réis.  
Santarém, 10 de Maio de 1870

O Escrivão da Fazenda  
*J. C. D. Da Silva*

Pelo Recebedor  
*Cardoso*

### **ALVARÁ**

**João Silvério d'Amorim da Guerra Quaresma**, *Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro da antiga e mui nobre Ordem da Torre Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Governador Civil do Distrito de Santarém.*

Tendo sido submetido à minha aprovação nos termos do Decreto com força de Lei de 22 de Outubro de 1868, pela actual mesa gerente da Irmandade da Vera Cruz, erecta na Igreja Paroquial da freguesia de São Tiago e São Mateus da vila de Sardoal, o Compromisso porque pretende reger-se a mesma Irmandade:

Considerando que o Compromisso cuja aprovação se requer foi discutido e aprovado pela maioria dos irmãos;

Considerando que não contém disposição contrária às leis do País e que está confeccionado segundo as regras estabelecidas pelo Governo para instituições de semelhante natureza;

Considerando, finalmente, que o Conselho de Distrito foi de parecer que estava no caso de merecer aprovação.

Usando da faculdade que me confere o artigo 2º do supra citado Decreto, aprovo o referido Compromisso, que fica fazendo parte deste Alvará e ordeno ao Administrador do Concelho do Sardoal que o cumpra e faça cumprir.

Não pagou imposto de selo nem emolumentos por não os dever.

Passado e selado nesta cidade de Santarém e Governo Civil do Distrito aos 7 de Junho de 1870.

#### **J.S.A. da Guerra Quaresma**

Por documento em forma sob o nº 204 de data de hoje, provou o reitor da Irmandade ter satisfeito na recebedoria desta Comarca a quantia de carorze mil e quatrocentos réis, sendo doze mil réis de direitos de mercê e dois mil e quatrocentos de imposto de viação, tudo correspondente ao presente Alvará.

Secretaria do Governo Civil do Distrito de Santarém, 7 de Junho de 1870.

O Chefe da 1ª Repartição  
*Manuel Maria Holbeche Correia*

Registado no livro Comp. A fls. 12.

## GLOSSÁRIO

**ABROGADO** ou **AB-ROGADO**: Posto fora de uso; Anulado; Suprimido.

**AÇOUGUE**: Lugar onde se vende carne; matadouro.

**ADVENTO**: Tempo abrangido pelos quatro domingos que antecedem a Festa do Natal.

**ALBA** ou **ALVA**: Veste talar (que desce até ao talão-calcanhar) de linho branco que o sacerdote católico usa para celebrar alguns actos de culto.

**ALBARRADA**: Vaso para água, em que se podem colocar flores.

**ALBIGENSE**: Membro ou designativo de uma seita religiosa que se espalhou no sul de França, mormente em Albi e que condenava o culto externo, o uso dos sacramentos e a hierarquia eclesiástica.

**ALFOMBRE**: Terreno arrelvado.

**AMITO**: Pano branco que reveste o sacerdote.

**ANTÍFONA**: Versículo principal de um salmo que se canta antes e depois desse salmo.

**ANTÍSTETE** ou **ANTISTE**: Chefe dos sacerdotes; pontífice; bispo; prelado.

**APOCALIPSE**: Um dos livros da Bíblia que trata das revelações que Deus fez a S. João Evangelista.

**APOSTATAR**: Renegar( a sua religião); abjurar; abjurar seu credo.

**ARCAZ**: Móvel em forma de arca com gavetões.

**ARCIPRESTADO**: Dignidade, jurisdição ou área jurisdicional do Arcipreste, delegado do Bispo para superintender em determinado número de párocos de freguesia.

**ARCOSSÓLIO**: Túmulo disposto na espessura da parede.

**ARRIFE**: Cabeço de penedos subjacentes que afloram do solo.

**ASPERGES (Capa de)**: Capa que o sacerdote veste para fazer o asperges (borrifar com hissope ou ramo molhado).

**BATINA**. Vestido talar usado pelos eclesiásticos, estudantes universitários e de alguns cursos médios.

**BREVIÁRIO ROMANO**: Livro que contém as orações quotidianas dos sacerdotes.

**CABIDO**: Conjunto dos Cônegos de uma Sé ou Colegiada.

**CÁLAMO**: Pena de escrever.

**CALENDAS**: O primeiro dia de cada mês, entre os Romanos.

**CAPELÃO**: Padre encarregado do serviço religioso de uma capela; o que diz a missa em capela de uma família ou exerce funções religiosas num regimento, hospital, etc.

**CARNEIRO**: Lugar onde se guardam ossos, caveiras. Ossuário. Jazigo; sepulcro. Cripta. Por extensão: cemitério.

**CASA DO INFANTADO**: Conjunto de bens, com todos os privilégios, isenções e prerrogativas de que gozava a Casa de Bragança, instituído por D. João IV em 1654 a favor do seu segundo filho. Existiu até 1834.

**CASULA**: Vestimenta sacerdotal que se põe sobre a alva e a estola.

**CATACUMBAS**: Cemitério subterrâneo onde os primitivos cristãos enterravam os seus mortos, se reuniam para celebrar o culto e se escondiam em ocasião de perseguições.

**CENÓBIO**: Convento; comunidade religiosa.

**CENTÚRIA**: Centena; século; história dos acontecimentos verificados num período de cem anos.

**CERIMONIAL DOS BISPOS**: Livro que descreve as cerimónias e os ritos do culto divino.

**CHARAMELEIRO**: O que toca charamela (antigo instrumento musical de palhetacoberta).

**CÍNGULO**: Cordão com que o sacerdote aperta a alva em volta da cintura.

**CLERO REGULAR**: Formado pelos clérigos pertencentes a ordens ou congregações religiosas que se ligam por votos solenes.

**CLOACA**: Lugar onde se juntam as dejeções.

**COEVO**: Que ou aquele que tem a mesma idade; contemporâneo.

**CÓNEGO:** Membro do clero secular que faz parte do Cabido.

**COORTE:** Corpo de infantaria, entre os Romanos. A primeira coorte de cada legião levava a águia por insígnia e compunha-se de cerca de 1 200 soldados escolhidos, na época de S. Sebastião.

**CÔVADO:** Antiga medida de comprimento, equivalente a 0,66m.

**CRIPTA:** Jazigo onde se enterravam os mortos em algumas igrejas.

**CRUZADO:** Antiga moeda portuguesa que valia 400 réis.

**DALMÁTICA:** Paramento eclesiástico que os diáconos e subdiáconos vestem por cima da alva.

**DISCIPLINANTE:** Tiveram o nome de *disciplinantes* os membros de certas confrarias que se faziam disciplinar ou se disciplinavam com cordas cheias de nós ou tiras de couro.

**ESCOPO:** Desígnio; profissão.

**EDÍCULO:** Pequena capela que serve de relicário ou tabernáculo; oratório.

**EPIFANIA:** Dia festivo da Igreja Católica, consagrado à comemoração da adoração dos Reis Magos a Jesus e sua aparição aos gentios.

**ERMITÃO:** Encarregado de uma ermida. Eremita.

**ESQUIFE:** Caixão para levar os cadáveres a enterrar.

**ESTOLA:** Paramento em forma de tira que o padre traz em volta do pescoço.

**FASTO:** Pompa, magnificência, grandeza, ostentação, aparato, luxo, fausto.

**FLAMEGUIZANTE:** Relativo a Flandres. Escola de pintura, cuja época mais brilhante vai desde o final do século XIV até ao começo do século XVI. Esta arte é criada numa época de transição entre a arte gótica e a arte do Renascimento e pelas suas características especiais ganhou fama de uma das mais ricas épocas da Pintura.

**FOGAÇA:** Bolo que se oferece nas festas dos santos e que em muitas partes se vende em leilão público, sendo o produto obtido para o culto. As fogaças e o seu leilão são ainda hoje um curioso espectáculo dos arraiais populares nas festas religiosas.

**FRANCO-MAÇÕES:** Membros da Maçonaria, sociedade secreta, constituída por elementos ajuramentados e cujas regras estatutárias, vida e acção interna são vedadas ao conhecimento do mundo exterior.

**GALILÉ:** Espécie de alpendre à porta das igrejas, onde se reuniam em assembleia os paroquianos. Cemitério em alguns conventos.

**GRUTESCO:** Pintura ou escultura representando grutas; arabescos.

**GUISAMENTO:** Utensílios e alfaias de culto; Vinho e hóstias para a missa.

**HAURIR:** Tirar para fora de lugar profundo; esgotar; exaurir; sorver, aspirar.

**HEBDOMADÁRIA:** Semanal.

**HETERODOXO:** Que é contrário à doutrina ortodoxa. Indivíduo herético.

**HIERATISMO:** Respeitante às coisas sagradas; religioso; sagrado.

**ICONOCLASMO:** Doutrina herética que condena o culto das imagens.

**ICONOGRÁFICO:** Relativo à iconografia ou às imagens.

**JUBILEU:** Indulgência plenária concedida pelo Papa, por ocasião de certas solenidades; Aniversário solene; Festa comemorativa de um facto que durou 50 anos.

**LAPIDAÇÃO:** Morte à pedrada; apedrejamento.

**LAUDES:** Parte do ofício que se segue às matinas.

**LHAMA:** Tecido de fio de ouro ou prata ou com esse aspecto.

**MANÁ:** Alimento caído do céu e que segundo a Bíblia alimentou o povo de Deus (Israelitas) no deserto; Liquéen comestível e de desenvolvimento muito rápido próprio das estepes e dos desertos da Rússia, da Ásia Menor e do Norte de África.

**MANEIRISTA:** Diz-se dos autores de certas escolas literárias ou artísticas que mostram falta de naturalidade, afectação.

**MANÍPULO:** Pequena estola que se enfia no braço.

**MATINA:** Primeira parte do rezado ofício divino.

**MEIRINHO:** Magistrado que governava uma comarca ou um território.

**MINORISTA:** Aquele que tomou ordens menores.

**MISSA DOS CATECÚMENOS:** A primeira parte da missa, desde o princípio até ao

Ofertório, assim chamada porque antigamente, acabada esta parte, eram despedidos os catecúmenos (indivíduos que se andavam a instruir nos ritos da religião para serem admitidos ao baptismo) aos quais era proibido assistirem ao sacrifício. Consta de leituras (Antigo Testamento, Epístolas, Evangelho), intercaladas de salmos e orações. Seguiu-se a

**Missa dos Fiéis**, a parte da missa desde o Ofertório até ao fim, à qual só podiam assistir os baptizados, no tempo em que vigorava a disciplina do catecumenato. Hoje, esta distinção só tem interesse histórico.

**MISSAL:** O livro que contém as orações próprias das missas e festas dos diferentes dias do ano e de que os sacerdotes se servem no altar.

**MÍSULA:** Ornato saliente numa parede, para suporte de imagens, vasos, etc.

**MITRA:** Insígnia eclesiástica com que os bispos cobrem a cabeça em certas cerimónias; dignidade ou jurisdição de um prelado.

**MOSAICA:** Relativa a Moisés.

**NADÍVEL:** Pedra que foi constituída geologicamente no lugar onde se encontra, por oposição à que foi cortada ou cortada e conduzida de outro lugar.

**OPA:** Espécie de capa sem mangas, mas com aberturas para enfiar os braços, usada pelos membros de irmandades e confrarias em actos solenes.

**ORAGO:** Santo ou anjo a que é dedicado um templo, uma capela ou uma povoação.

**ORTODOXIA:** Qualidade do que é ortodoxo; conformidade de uma opinião com uma doutrina declarada verdadeira. **Igreja Ortodoxa:** O conjunto dos cristãos que se desligou da obediência ao Bispo de Roma para se subordinar ao Patriarca de Constantinopla.

**PADROADO:** Direito de protector adquirido por quem fundava uma igreja; direito de conferir benefícios eclesiásticos.

**PADROEIRO:** Que ou aquele que tem padroado; patrono; orago; protector.

**PÁLIO:** Espécie de dossel de seda sustentado por varas, sob o qual vai o Santíssimo, ou reis, bispos e sacerdotes, nas procissões.

**PAULINA:** Breve de excomunhão; repreensão forte.

**PELICEIRO:** Curtidor de peles.

**PENDANT:** Palavra francesa que significa aquele, aquela ou aquilo que é proximamente semelhante a outra pessoa ou coisa, que é sua parelha ou gémea. Usa-se muito na linguagem corrente, por emparelhar, estar bem em conjunto ou a par.

**PÉNULA:** Na antiga Roma, manto curto, redondo, sem mangas, que se vestia passando a cabeça pela abertura.

**PILASTRA:** Pilar de quatro faces, isoladas ou, em parte, aderentes a uma parede.

**PISÃO:** Máquina para pisoar os panos. **Pisoar:** Bater o pano para lhe dar mais corpo e resistência.

**POLÍPTICO:** Retábulo composto de vários painéis fixos ou móveis.

**PREDELA:** Compartimento inferior de um quadro que representa um assunto especial ou uma série de assuntos.

**QUINCHOSO:** Quintalejo junto a uma habitação; cortelho.

**RESPONSÓRIO:** Livro ou colecção de responsos. Versículos religiosos que se cantam nos officios católicos, depois das Lições ou Capítulos.

**ROCAILLE:** Rigorosamente o termo *rocaille* designa em técnica arquitectónica toda a obra de decoração que apresenta as irregularidades e assimetrias precisas para poder imitar as rochas e as formas rústicas em geral, que a Natureza produz. A sua aplicação generalizou-se às obras de decoração em que a pureza das linhas se perde sob a aluvião desordenada de elementos decorativos caprichosos, tal como aconteceu em França, durante a Regência e que teve voga no período chamado Luís XV. É, também, uma imitação fantasiosa da Natureza mas sem que o natural seja copiado servilmente nem com escrúpulos de exacta reprodução; é mais do que uma imitação, uma inspiração nos motivos da Natureza estilizando-os e deformando-os até atingir o auge do inesperado e do caprichoso.

**ROQUETE:** Espécie de sobrepeliz com mangas, rendas e pregas.

**ROSSIO:** Terreno fruído, outrora, em comum pelos habitantes de uma povoação.

**SALTÉRIO:** Livro litúrgico que contém os Salmos.

**SANTO LENHO:** A Cruz em que foi crucificado Jesus.

**SILHAR:** Pedra aparelhada ou lavrada, geralmente em quadrado, para formação ou revestimento de paredes.

**SINÓPTICO:** Resumido.

**SIRIGUEIRO:** O que faz obras de seda.

**SOBREPÉLIZ:** Espécie de mantelete branco e fino com ou sem mangas, que os padres vestem sobre a batina.

**TELÓNIO:** Mesa onde se recebiam as rendas públicas (impostos)

**TRIDENTINO:** Relativo a Trento ou ao Concílio realizado nesta cidade (1545 a 1553) para tratar dos problemas do mundo católico, abalado pelo movimento da Reforma.

**TUNICELA:** Diminutivo de túnica. Casula dos bispos.

**VEDOR DA FAZENDA:** Antigo cargo que correspondia ao de ministro. Aos que o exerciam cabia a administração superior do património real e da fazenda pública e atribuições contenciosas da esfera fiscal, segundo se conclui das *Ordenações Afonsinas*.

**VÉSPERAS:** Horas do ofício divino que se rezam de tarde.

**VIGÁRIO:** Aquele que substitui alguém. Sacerdote que substitui o prelado da Diocese (vigário-geral) ou é seu delegado em certas povoações (vigário da vara).

**VINTENA:** Série de um grupo de vinte fogos numa povoação.

**VISITADOR:** Sacerdote a quem o prelado incumbe da visitação da dióces, a fim de conhecer as necessidades dela e ver o modo como é feito o serviço dos párocos.

**VIZINHO:** Neste caso com o sentido de família, fogo ou casa habitada.